

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Mayara Alves Ferreira Sobral

Entre os muros e as redes:
O florescimento das direitas nas mídias no Brasil (2013 – 2018)

Mestrado em História

São Paulo
2022

Mayara Alves Ferreira Sobral

Entre os muros e as redes:

O florescimento das direitas nas mídias no Brasil (2013 – 2018)

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRA em História Social sob a orientação da Prof.^a Dra. Carla Reis Longhi.

São Paulo

2022

Sobral, Mayara Alves Ferreira
Entre os muros e as redes: O florescimento das
direitas nas mídias no Brasil (2013 - 2018). / Mayara
Alves Ferreira Sobral. -- São Paulo: [s.n.], 2022.
119p. il. ; cm.

Orientador: Carla Reis Longhi.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em História.

1. Novas Direitas. 2. Juventudes. 3. Mídias
sociais. I. Longhi, Carla Reis. II. Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Programa de
Estudos Pós-Graduados em História. III. Título.

CDD

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. Número de processo 88887.369292/2019-00. Sem a concessão desta bolsa, este mestrado teria sido impossível.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001. File number: 88887.369292/2019-00. Without the grant of this scholarship, this master's degree would have been impossible.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da FUNDASP (Fundação São Paulo – Brasil (CAPES). Número de processo 88887.369292/2019-00

This study was financed in part by the FUNDASP (São Paulo Foudantion) – Brazil (CAPES). File number: 88887.369292/2019-00.

Aos jovens que cruzaram meu caminho na
educação e ao mais jovem deles, Miguel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora e professora, Prof.^a Dra.^a Carla Reis Longhi. Por diversas vezes, durante o processo da graduação e do mestrado, me fez sentir firme em um contexto flutuante. Sua paciência, cordialidade, preocupação foram além do compromisso acadêmico. Na miudeza do cotidiano sua humanidade foi gigante. Sugestões, conselhos e leituras de uma riqueza de detalhes. Ensinou-me coisas preciosas sobre a importância da história e principalmente sobre a educação, observá-la é como enxergar uma maestrina direcionando uma sinfonia, é assim que a vejo como orientadora, professora e mulher.

Agradeço aos professores, Prof. Dr. Luiz Antonio Dias, a Prof.^a Dra. Mariza Romero e a Prof.^a Dra. Carla F. Montuori pelos direcionamentos inteligentes e precisos para a composição deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da PUC – SP e aos seus professores de qualidade ímpar, estar na PUC-SP é estar seguro do compromisso pela verdade e pela educação de qualidade que nosso país tanto precisa.

A todos professores que me atravessaram como uma flecha, e principalmente aqueles que convenceram a trilhar o caminho: Paulo Cezar de Souza, Sônia Leal e Zózimo Adeodato.

A trupe da minha alma, Teatro de Torneado e todas as almas que se somaram a minha em nossa trilha pela educação e pela arte.

A Maíra Sera, que na turbulência esteve presente e ouvinte. E honrando nossa promessa, aqui está, estamos vivas afinal.

Às minhas amigas e amigos, poucos e essenciais, que estiveram ao meu lado forçando a seguir. Rafaelly Montanheri, Gabriela Câmara, Adriana Garcia, Marina Yohara, Thais Moura, Beatriz Macedo, Guilherme Bertolino, Tiago Medeiros, Júlio César, Luciano Rocha.

À minha família, desde Dona Floripes até Miguel. Aos meus pais que da simplicidade da nossa vida humilde sempre deram importância à educação, aos meus irmãos que me salvaram e salvam no caos. À família Oliveira, com carinho.

Entrego esse título a minha querida avó, que foi proibida de ler por ser mulher. O ontem não é mais o agora, e lutaremos sempre para que nunca mais volte a ser.

Por fim, à Jefferson Silva. Vigando minhas noites escrevendo, lendo diversas vezes minhas linhas, respirando e me fazendo respirar. Seu entusiasmo e sua crença fizeram essa pesquisa chegar ao seu fim.

Essa dissertação foi escrita durante uma pandemia e durante o governo Bolsonaro, tudo isso sendo professora na educação pública.

Ter chegado ao fim dessa epopeia deixou todos os mitos ancorados no
tártaro

Em memória de todas as vidas

“(...) Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira como tragédia, a segunda como farsa”.

MARX, K., Dezoito Brumário de Louis Bonaparte, 1852.

RESUMO

Essa pesquisa pretende levantar questionamentos sobre o avanço do pensamento das direitas no Brasil, sobretudo nas mídias sociais nos últimos anos (2013-2018). A ocupação dos territórios cibernéticos para consolidação das estratégias políticas, do conservadorismo ao extremismo conduzido pelas direitas, floresceu principalmente com o advento das Jornadas de Junho de 2013 e deságua na eleição de Bolsonaro para presidência.

As mídias sociais surgiram como um pilar importante dos meios de comunicação e da difusão de informações do século XXI utilizando-se das estratégias da publicidade usadas durante o século XX para influenciar as pessoas. As mídias sociais deixam de ser um mero aparato cultural e tecem influências políticas, econômicas e sociais.

A pesquisa guiou-se por métodos de compreensão da história do tempo presente através da perspectiva digital, análises da retórica do discurso em jornais; vídeos e publicações em redes sociais construíram a análise historiográfica da pesquisa.

Palavras-chaves: novas direitas, juventudes, mídias sociais.

ABSTRACT

This research intends to raise questions about the advance of right-wing thinking in Brazil, especially in social media in recent years (2013-2018). The occupation of cyber territories for the consolidation of political strategies, from conservatism to extremism conducted by the right-wingers, flourished mainly with the advent of the June Days of 2013 and ends with the election of Bolsonaro as president.

Social media has emerged as an important pillar of 21st century media and information dissemination using the strategies of advertising used during the 20th century to influence people. Social media are no longer merely a cultural apparatus, but weave political, economic, and social influences.

The research was guided by methods of understanding the history of the present time through the digital perspective, analyses of the rhetoric of discourse in newspapers; videos and social media posts built the historiographical analysis of the research.

Keywords: new rights, youth, social media

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB – Ação Integralista Brasileira

EPL – Estudantes pela Liberdade

FBP – Frente Brasil Popular

FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

LGBTQIAPN+: Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.

MBL – Movimento Brasil Livre

MPL – Movimento Passe Livre

MTST – Movimentos de Trabalhadores Sem Teto

PT – Partido dos Trabalhadores

LISTA DE FIGURAS

Figura I - Diagrama dos eixos do fascismo	45
Figura II - Casamento Integralista (1930).....	61
Figura III – O integralismo precisa de um milhão de leitores.....	62
Figura IV – A mocidade para o Integralismo.....	63
Figura V – Manchete sobre o perigo do comunismo.....	65
Figura VI – Carta endereçada à Redação Anauê!.....	67
Figura VII – Mocidade Integralista.....	68
Figura VIII – MBL: Sessão de eventos nacionais em 2015.....	80
Figura IX – Manifestação Verde e Amarela a favor do impeachment (2015).....	82
Figura X – Comemoração de 1º Milhão de curtidas do MBL.....	83
Figura XI – Movimento de Privatização MBL (2016).....	84
Figura XII – Crianças protestando contra o governo de Dilma Rousseff.....	85
Figura XIII – Publicação contra o Partido dos Trabalhadores - PT.....	86
Figura XIV – Domicílios com acesso à internet.....	93
Figura XV - Usuários de internet, por dispositivo utilizado.....	94
Figura XVI – Evolução anual dos protestos de direita.....	97
Figura XVII – Rede de conexão entre páginas da direita no Facebook (2016)	99
Figura XVIII: Lista de comentários no vídeo “O início da Revolução Francesa e a origem da esquerda e da direita”	103
Figura XIX – Lista de comentário no vídeo “A irreabilidade dita sobre a história do Brasil”	104
Figura XX – Lista de comentários no vídeo: A história do Brasil que a TV e a escola não te contaram.....	105
Figura XXI – Integralistas em passeata em SP (2019).....	108

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Idade de manifestantes das Jornadas de Junho de 2013.....	91
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
DIREITAS, UM ESPÍRITO SEM CORPO	27
Considerações e concepções	27
Heranças de direita no Brasil	32
Novas embalagens para antigos interesses	34
Os braços que entrelaçam	35
O poder das novas direitas no Brasil Contemporâneo	39
COMO AS DIREITAS ABSORVEM AS JUVENTUDES	41
2.1 A face do fascismo	41
2.2 A face do desejo	49
2.3 Propaganda Integralista, um possível início da mídia para juventudes.	54
2.4 Os movimentos das novas direitas do século XXI	66
QUANDO O SONO DA RAZÃO PRODUZ MONSTROS	86
3.1 Primaveras e juventudes. As jornadas de junho de 2013	86
3.2 O labirinto das redes: mídias e proliferação de ideais	87
3.3 Entre os muros e as redes	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
FONTES DE PESQUISA	116

INTRODUÇÃO

O cotidiano é tão legível quanto uma receita antiga, somente prestando muita atenção aos detalhes, podemos compreender o que está sendo dito e feito. Os sinais estão claros como as letras no papel antigo, mas existe muito mais do que está escrito em uma receita. Michel de Certeau sempre se preocupou com as práticas, o cotidiano parece traduzir o que o agora quer nos contar: um emaranhado de histórias, personas e sintomas que constituem uma sociedade. Essa pesquisa nasceu do cotidiano, na tentativa de compreender como a sociedade desse tempo paulatinamente constrói um enredo político, social, econômico e cultural do nosso lugar.

Como as direitas ficaram mais evidentes nos últimos anos florescendo no campo das juventudes e nas redes sociais, os discursos e as práticas cotidianas dos jovens ao meu redor me deram pistas para a escrita dessa dissertação, afinal: “o que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível...” (CERTEAU, 1996, p. 31). Tive maior aproximação com Certeau através das indicações da minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Carla Reis Longhi, ainda durante a graduação, e, sem dúvidas, encontrar Certeau foi como encontrar mais dúvidas – mas ainda assim, me encontrar dentro da própria dúvida sobre o tempo que vivemos. A história se reescreve permanentemente, mas não aleatoriamente. Em tempos de uma nova historiografia, as pesquisas e novas metodologias dentro do âmbito da História do Tempo Presente tornam-se extremamente necessárias. A operação histórica envolve a “combinação de um lugar social, de práticas científicas e de uma escrita” (CERTEAU, 1982, p. 66).

Com os instrumentos da história, poder-se-ia propor uma mudança de perspectiva do dever de memória. O historiador não tem o monopólio sobre a memória e a construção desta, mas detém os instrumentos para lidar com a sua pluralidade e fragmentação. É certo que a análise sobre os fatos ocorridos, a identificação dos episódios e a reflexão sobre esse passado recente ou esse presente inexplorado serão resultados de um esforço de escrita da história. Um trabalho sobre o terreno da memória, mas próprio à história (FERREIRA, 2018, p.101). É urgente compreender através da construção dos dados históricos os traços que antecedem e prosseguem o fortalecimento e reflorescimento das direitas no Brasil. Entender como as direitas ganharam mais espaço – e porque querem mais espaço – pareceu ser uma dúvida norteadora desta pesquisa.

É necessário deixar evidente o tempo em que tudo foi criado, esta dissertação está sendo escrita enquanto a história se movimenta, assim como qualquer registro

acadêmico. Entretanto, enquanto estas linhas são escritas, o objeto da pesquisa já se modificou diversas vezes e modificar-se-á ainda diversas outras mais – pois quando se trata de História do Tempo Presente, não há recursos para esperar o momento passar para registrá-lo com calma, a não ser registrá-lo enquanto ele se complementa tal qual peças de um quebra cabeça.

A história tem sido um pesadelo e uma calma para mim enquanto historiadora, aonde exatamente devo chegar? Em 2013, acompanhei as Jornadas de Junho – um conjunto de manifestações sociais em todo o país que revelam a indignação da população com inúmeras questões – umas das principais, e talvez o grande estopim, foi o aumento das tarifas de transporte no estado de São Paulo em um período em que a população enfrentava os primeiros indícios de uma economia derrocada. As Jornadas de Junho de 2013 chamam atenção por serem uma revolta que se comporta em cenários que extrapolam as ruas, são revoltas que incendeiam as redes sociais: agendamento de encontros, organizações on-line, disseminação de informações, entre outras ações que somente a rapidez da tecnologia pode proporcionar. Apresenta-se aí uma nova ocupação de território: o território cibernético e o espaço físico urbano (Castells, 2013). A tecnologia se apresenta como uma forte ferramenta para comunicação e organização de atos populares no Brasil a priori de 2013 e a posteriori. Algo que nos traz uma compreensão melhor do *modus operandi* da geração que vivencia nosso tempo: “Quando alguém atua através dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando isso, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social (Sakamoto, 2013, p.95). Em 2015 assisti à Primavera Secundarista, um movimento de escolas paulistas que visava impedir a reorganização de ensino proposta pelo governador da época, Geraldo Alckmin. Uma luta pela educação pública de qualidade protagonizada pela juventude. Acompanhei o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff em 2016, o segundo impeachment da recente e frágil democracia brasileira, em que hoje, ao fim da elaboração dessa dissertação, fica cada vez mais evidente que a saída de Dilma Rousseff foi por falta de apoio e não por pedaladas fiscais como justificativa original do processo – o que era caracterizado como crime de responsabilidade fiscal, um golpe contra a democracia. Foram dias de ininterruptas coberturas jornalísticas, horas sem fim de julgamento, uma sessão de votação apresentada em rede pública de deputados contra e a favor do processo – lembro dos dias e da mistura de reações das pessoas

ao meu redor. Em 2018 lembro da sensação que foi ouvir o resultado do 2º turno das eleições: Jair Messias Bolsonaro agora era presidente do Brasil, e antes disso ainda assisti uma grande construção política nas redes sociais e distintos públicos sentindo-se representados pelo capitão reformado do Exército Brasileiro. Em 2020 o mundo parou, uma pandemia mundial assolou a todos e interrompeu vidas, deixou-nos sob o prisma de uma escuridão descontrolável. A COVID- 19 levou mais de 6 milhões de vidas em todo o planeta em mais de 400 milhões de casos. Ruas vazias, empresas paradas, economia em baixa, escolas sem ninguém, máscaras em quase todos. Escrever uma dissertação com todos esses acontecimentos como ponto de partida tem sido desafiador, para não dizer quase impossível. Todos esses eventos, desde 2013, motivaram essa necessidade de compreender o tempo e a sociedade contemporânea, foi o pano de fundo para tentar atender essa inquietude em ver que tudo até aqui, e por tempo indeterminado, as redes sociais se tornam instrumentos da historiografia do tempo presente. É nesse território desconhecido, na internet e nas tecnologias digitais, que se criam e recriam outras (novas e velhas) formas de sociabilidade, ação, identidade e ativismo político.

Compreender o florescimento das direitas entre as juventudes paulistas nas ruas e nas redes pareceu ser uma urgência. O recorte histórico dessa dissertação se dá pelo intervalo de 2013 a 2018, inicia-se durante as Jornadas de Junho de 2013 e encerra-se na vitória presidencial de Jair Messias Bolsonaro, um símbolo do pensamento de direita e através dele aquilo que já era notório ganhou mais repercussão: o ressurgimento das direitas no cenário político como algo a se preocupar. Existe um movimento intelectual para compreensão das direitas que alcançaram destaque nos últimos anos (CRUZ, KAYSEL, CODAS, 2015; CHALOUB, PERLATTO, 2016; CEPEDA 2018; FERNANDES; MESSEMBERG, 2018; CASIMIRO, 2018; CALDEIRA, 2020). Interessante observar que o avanço das novas direitas não é um fato isolado apenas em nosso território. Além do Brasil, diversos países que também compõem a América Latina escolheram seus presidentes de direita nos últimos anos: Sebastián Piñera em 2014 no Chile, Macri na Argentina em 2015, a vitória de Donald Trump nas eleições estadunidenses de 2017. No mesmo ano de 2018, assistimos a uma sucessão de candidatos pertencentes aos partidos de direita assumindo cargos de chefe no executivo da Colômbia, com Duque Márquez; no Peru com Martín Vizcarra; e no Paraguai com Mario Benítez. Na província da Andaluzia, na Espanha, o partido de extrema-direita, saudoso da ditadura franquista, Vox, foi a

quarta força mais votada, conquistando doze cadeiras no parlamento andaluz. A extrema-direita governa países europeus como Hungria com o ultradireitista Viktor Orbán, e a Polônia, com Andrzej Duda. O neonazismo ressurgiu com força na própria Alemanha onde conquistou postos importantes nas eleições locais e regionais, o partido de extrema-direita, AfD (Alternative für Deutschland), conquistou 12,9% dos votos no parlamento alemão – fato que não ocorria desde 1945 com a ascensão do nazismo. Na França, a candidata de extrema-direita, Marine Le Pen, alcançou o segundo turno nas últimas eleições de 2017, sendo derrotada por um candidato de centro-direita, Emmanuel Macron. Na Ásia e na África, os países são governados por ditadores ou por agrupamentos políticos conservadores, como é o caso das Filipinas, de Israel, da Arábia Saudita, do Irã, da Síria e da Turquia. A última década, sem dúvidas, foi um grande momento para o retorno dos políticos e do pensamento das direitas em escala global. O avanço das direitas no cenário político é preocupante, pois traz discussões delicadas e perigosas acerca do autoritarismo; e em outros vieses, a possibilidade de um pensamento neofascista dentro da ambiguidade que trata o próprio conceito – a plural e preocupante palavra: direitas. O avanço das direitas me pareceu um sintoma, e as juventudes me parecem o corpo que perece desses sintomas.

Por que as juventudes são os sujeitos da pesquisa? As juventudes são plurais. Possuem suas volatilidades geracionais cada vez mais complexas, uma infinidade de percepções e interpretações. Para Silva e Silva (2011), a definição de juventude envolve diversos aspectos e significados que estão relacionados com o contexto histórico, social, cultural e econômico. As juventudes sempre foram objetos de estudo dos pesquisadores em diversas áreas, desde o campo acadêmico até nossa necessidade de compreendermos a nós mesmos enquanto estamos nesta condição das constantes descobertas no início das nossas vidas. Não há respostas imediatas e medidas quando se trata da vida, percepção e fundamentos inacabados de seres pensantes. Assim como os não jovens, o campo acadêmico insiste em dizer o que a juventude pensa ou deveria pensar: são escassas as pesquisas que escutam os jovens e consideram suas percepções sem subestimar suas escolhas (basta crescermos um pouquinho mais para repetirmos o erro de desdenhar mentalidades mais jovens que a nossa). A maioria das produções discorre sobre as juventudes a partir da visão de adultos e de instituições ligadas à vida dos jovens, como a família, a escola, os centros de ressocialização etc. (FIALHO, 2015). Esse é um dos desafios

deste trabalho, ser um condutor das percepções das juventudes, sem emitir ou prescrever conclusões precipitadas, isto é, estar no espaço de observador participante como um dos recursos metodológicos da pesquisa. Grupos juvenis assumem características peculiares em um determinado tempo histórico e social, tornando-se representativos de um modo de compreensão e de comunicação de posicionamentos diante de demandas da sociedade. Considerando as continuidades e rupturas entre uma geração e outra, um aspecto se tornou relevante na última década: a emergência de unidades geracionais formadas por jovens inclinados às políticas das direitas.

É certo afirmar que os jovens representam o termômetro que guia a sociedade ao seu futuro, são as juventudes em sua multiplicidade que apontam para o que dói e por que está dolorida uma sociedade, o velho clichê de que as juventudes são o futuro do país nunca ficou tão evidentemente presente como quando um ano antes das eleições presidenciais no Brasil o Instituto de Pesquisas Datafolha identificou que 60% dos eleitores com intenção de votos em Jair Messias Bolsonaro eram jovens entre 16 e 34 anos. Isso causou uma grande curiosidade, pois apresenta a juventude alinhada a um pensamento que representa sua indignação e escape político que traduz em parte os pensamentos da sociedade brasileira – uma juventude que enxergou uma saída através de um candidato com pensamento conservador e defensor de ideais preocupantes para uma sociedade. É importante ressaltar que a campanha presidencial de Bolsonaro se concentrou no uso de mídias sociais, vídeos no *YouTube*, criação de *memes*, reproduções de discursos radicais tornando-se um símbolo da direita e concomitantemente um símbolo político para uma parcela da juventude brasileira, principalmente por estar presente onde os jovens estão inseridos cotidianamente: a internet. Bolsonaro possui 18,9 milhões de seguidores no *Instagram*, 7 milhões de seguidores no *Twitter*, 3,55 milhões de inscritos em seu canal do *YouTube* e 11 milhões de seguidores no *Facebook*¹. Uma estratégia política através das principais redes sociais é, no mínimo, brilhante quando um ex-deputado do Rio de Janeiro precisa de visibilidade e reconhecimento, inúmeros jovens souberam de suas ideias e simpatizaram com seus ideais. Afinal, por quê? Por que foi necessário reflorescer as direitas neste invisível cotidiano majoritariamente juvenil? Compreender o fortalecimento das direitas frente à juventude paulista pós-2013 torna-

¹ Dados coletados a partir das principais mídias sociais pessoais de Jair Messias Bolsonaro, informações atualizadas em 25/09/2021.

se um trabalho importante, pois propõe a busca de novas metodologias para compreender o tempo histórico e o indivíduo político imerso na sociedade. Segundo Karl Mannheim, os jovens são os que mais vivenciam a sociabilidade em vista de serem os principais sujeitos catalisadores de mudança, portanto, uma riquíssima fonte para compreender e diagnosticar os deslocamentos da sociedade em constante transformação.

De acordo com pesquisa coordenada por Isabela Oliveira Kalil, realizada pelo Núcleo de Etnografia Urbana e Visual da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, existem 16 tipos de apoiadores e potenciais eleitores de Jair Messias Bolsonaro. Trata-se de uma pesquisa antropológica e etnográfica baseada na coleta de dados realizada a partir das manifestações nas ruas e nas redes sociais, realizada entre o início de 2016 e final de 2018. Entre os 16 tipos agrupados existem dois perfis de eleitores/apoiadores que chama atenção para o escopo da pesquisa:

- Estudantes contra a doutrinação marxista: estudantes do ensino médio e universitários com idade entre 14 e 30 anos, do sexo masculino e feminino que não se veem contemplados pelo ambiente escolar e acadêmico. Trata-se de um grupo heterogêneo, composto por estudantes das redes pública e privada. Enxergam a figura de Bolsonaro como um personagem que propõe mudança, combate ao avanço da doutrinação marxista, um anti-herói, anticorrupção, defensor da moral e dos bons costumes. Reconhecer-se na imagem de Bolsonaro e no que ele representa surge como uma rebeldia para combater o “politicamente correto”
- Periféricos de direita: Identificam-se como moradores das periferias, são profissionais de carteira assinada, autônomos, pequenos empreendedores, desempregados e outros trabalhadores. O grupo caracteriza-se pela revolta e pela denúncia da violência e da impunidade que são por eles vivida em regiões periféricas da cidade e/ou questões específicas, como violência contra mulheres e crianças, estupro, problemas econômicos, desemprego, corrupção e ainda sobre a má qualidade dos serviços públicos. As propostas e os governos “de esquerda” não os contemplam, decepcionados com o escândalo de corrupção durante o governo do Ex-Presidente Lula, enxergam na figura de Bolsonaro uma saída política para melhoria da segurança, da economia e da corrupção.

Os dois perfis traçados na pesquisa de Kalil resumem muito bem as características buscadas nos entrevistados. Jovens que em sua maioria já estão inseridos no mundo do trabalho, ou se preparando para esse momento, pertencentes

às camadas mais populares, frustrados com o andamento político do país, inconformados com as infinitas possibilidades de estar em constante insegurança, anseiam pelo endurecimento da legislação penal e a revisão do estatuto do desarmamento e se identificam com ideais conservadores: enxergam na figura de Bolsonaro e diversos outros personagens que representam ideias conservadoras a possibilidade de reforma política e esperança de um Brasil melhor. É importante deixar evidente que o meio no qual as juventudes estão inseridas colaboram para suas escolhas de vida; refiro-me, neste caso em especial, à presença da religião como forte influenciadora de escolhas conservadora. A religião é a ponte por sobre a qual a ideologia dominante passa a exercer o seu poder, realizar-se e manter-se enquanto status quo, neste caso ideais do reacionarismo presente na ideologia de extrema direita. A relação entre a doutrina das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais e as concepções do contexto político e social de direita será mais bem trabalhada no capítulo II da dissertação.

Segundo dados do IBGE em seu último censo de 2010, os jovens entre 15 e 24 anos de idade representam cerca de 16,8% da população do estado de São Paulo. Um número potencialmente importante, visto que as juventudes têm sido, nos últimos anos, um grande objeto de estudo em distintos campos das ciências humanas e sociais aplicadas, essa categoria sempre se apresenta como um reflexo histórico do tempo, representação do presente, ideais difundidos e posteriores caminhos a serem percorridos. Uma vez que existe uma pluralidade de singularidades e contextos sociais, econômicos e culturais é necessário determinar a heterogeneidade dos indivíduos alocados nesta categoria social – as juventudes nos fazem refletir sobre a participação do processo de inserção da ordem social e, mais do que isso, nos avanços e estagnações, nas interrupções e continuidades da sociedade. Compreender os desdobramentos das juventudes na sociedade reflete no caminho para entender a formação dos corpos políticos e determinantes representações do meio social.

A pesquisa tem sua relevância uma vez que levanta inúmeras problemáticas concomitantemente a novas possibilidades de metodologia histórica: as mídias sociais e o impacto na transformação social dos indivíduos, a formação das matrizes do pensamento de extrema direita através de blogs e canais digitais de fácil acesso à

população (canais no *Youtube*), identificação de informações falsas², conhecidas como “*Fake News*”, formação de grupos de jovens em defesa do patriotismo e ideais conservadores etc.

O repetitivo discurso moralizante presente na mídia, em certos meios de comunicação em massa, ao incentivar direta ou indiretamente o *ethos* liberal burguês, a violência, a abstração, o moralismo e o conservadorismo, fortalece a descrença na política, em sua forma democrática, reforçando apelos à ordem, a medidas repressivas, a soluções morais para a crise social. (BARROCO, 2009, p.167)

É importante compreender os espaços que as direitas ocupam, as mídias sociais cresceram consideravelmente nos últimos anos, as mídias passaram a ser um veículo de interação social e política para todos os grupos políticos. Uma ferramenta incrível de disseminação de opinião transformando nossa geração completamente; isso no ponto de vista positivo, exercido pelas possibilidades da globalização, na rapidez de comunicação e interação democrática; e pelo ponto de vista negativo em ser uma ferramenta rápida, sugerindo propagação de informações sem fonte, linchamento virtual e exposições sociais muitas vezes contraproducentes (informações confidenciais, segurança e individualidades expostas etc.).

A Internet configura-se como uma nova categoria de fontes documentais para pesquisas históricas. Em especial os pesquisadores do Tempo Presente, Odilon Caldeira Neto, Fábio Chang de Almeida, Mayara Balestro, David Nemer após o advento da Internet, passaram a contar com um aporte quase inesgotável de novas fontes para pesquisa sobre as direitas. As últimas décadas do século XX presenciaram o florescimento de uma nova tipologia de fonte histórica, as fontes das mídias digitais. Para Richard Miskolci (2011, p. 12): “Mídias digitais são uma forma de se referir aos meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede, portanto referem-se – ao mesmo tempo – à conexão e ao seu suporte material”.

Muitos pesquisadores têm demonstrado interesse na ascensão da chamada ‘nova direita’ no Brasil nos últimos anos. Com isso, diversas pesquisas vêm sendo elaboradas, no sentido de compreender melhor esse ‘novo momento’ dessa velha

² Pesquisadores da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal de São Carlos criaram uma ferramenta para identificar *fake news* em aplicativos de troca de mensagens. Batizado de “Detecção Automática de Notícias Falsas para o Português”, o projeto tem como objetivo checar a veracidade de conteúdo compartilhado nas redes sociais. A plataforma, em fase de testes, está liberada gratuitamente no link <https://otwoo.app/nilc-fakenews>

ideologia. Os objetos de interesse são variados, desde a atuação política dos grupos (neo)conservadores no Congresso Nacional (DANTAS, 2011; BERLATTO et al, 2016; ALMEIDA, 2017) até as manifestações ocorridas entre 2014 e 2017 contra o governo e/ou pelo impeachment da então presidenta Dilma Rousseff (ORTELLADO e SOLANO, 2016; MESSENERG, 2017).

Ao se atentar para o problema da ascensão das direitas no mundo, Löwy (2015) observou que esse crescimento resulta da globalização capitalista neoliberal, da crise econômica que despedaçou o mundo e da conjuntura internacional. No Brasil, Löwy ainda ressalta que a extrema-direita atual se aproxima da direita fascista de 1930, na agitação sociocultural, na ideologia repressiva e na intolerância contra minorias. Luís Felipe Miguel (2018) avalia que o neoconservadorismo brasileiro é resultante da combinação do libertarianismo, do fundamentalismo religioso e da reciclagem do antigo anticomunismo. Na visão de Sílvio Luiz de Almeida (2018) a extrema-direita atende aos interesses do neoliberalismo radical que investe na desdemocratização para aprofundar políticas de austeridade e retirada de direitos. As “novas direitas” presentes neste século configuram-se de maneira muito bem estruturada e desenvolvida, segundo a frase da ex-ministra da pasta dos Direitos da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo de Bolsonaro, Damares Alves: “o cão é articulado”. As forças políticas de direita nunca estiveram tão evidentes neste século quanto estavam no século anterior, andamos a passos largos (ou não) em direção ao discurso conservador e reacionário que transtornou o século XX?

A pesquisa está dividida em três capítulos, na tentativa de amarrar um assunto ao outro, o objetivo é construir uma linha racional de compreensão da necessidade da dúvida que impulsiona este trabalho: compreender as direitas para entender como impacta nas juventudes e como as juventudes constroem novas fontes na internet.

No primeiro capítulo, “Direitas, um espírito sem corpo”, pretende-se trabalhar sobre a conceituação e pluralização das direitas. Como as direitas alcançaram narrativas políticas no Brasil nos últimos anos? Como a velha direita se transformou no que muitos estudiosos chamam de *nova direita*: um misto de reacionarismo, conservadorismo e libertarianismo (CARAPANÃ, 2018, p. 34)

No segundo capítulo, “Como as direitas absorvem as juventudes”, pretende-se trazer uma discussão sobre como movimentos autoritários e os movimentos de direita captam uma parcela das juventudes. Propositamente em referência ao jogo de xadrez, as sessões do capítulo pretendem compreender a dinâmica estratégica,

exatamente como a alusão ao jogo, prospecção e cooptação das juventudes ao longo do tempo por três pilares essenciais: o nacionalismo (torre) as mídias (cavalo) e religião (bispo). Com a pretensão de compreender, por exemplo, como o Movimento Integralista durante a década de 1930 ajudou a construir o pensamento das direitas que hoje ressurgem, usando as mídias para apresentar seus ideais e cooptar adeptos ao seu movimento. Paralelo a isso, como os movimentos pós-2013 fizeram reflorescer o conservadorismo, o autoritarismo e o nacionalismo nas juventudes em períodos distintos e utilizando-se da mesma estratégia do Movimento Integralista após oitenta anos: as mídias. A história como processo de transformação da realidade social utiliza-se de inúmeras fontes e faz-se compreender através de determinadas operações historiográficas (Certeau, 1988).

No terceiro capítulo, “Quando o sono da razão produz monstros”, abordamos a imersão das juventudes no espectro das direitas. O ano de 2013 enquanto ideia de ruptura de novos horizontes político-sociais ainda é um ano flutuante para muitos de nós que nos debruçamos em tentar aprender sobre como a sociedade passa a caminhar para rumos distintos após as manifestações desse período. Um impeachment, manifestações em todo país, crescimento de grupos liberais conservadores e autoritários, uso das mídias sociais como ferramenta política, abrindo-se como uma fresta de compreensão de uma parcela da sociedade que se comunica politicamente agora além das ruas, vozes ecoam e se organizam em uma velocidade midiática. Apresentar as redes digitais: *YouTube* e *Facebook* como espaços de influência e discurso para movimentos das direitas se comunicarem com as juventudes com o objetivo de disseminação de suas ideias.

A metodologia que guiará a pesquisa para possíveis caminhos de resolução se divide em algumas etapas essenciais:

- I. Foi realizado um levantamento bibliográfico de escritas e autores que enriquecem as etapas conceituais da pesquisa, foi realizado levantamento bibliográfico acerca da conceituação de direitas; análises políticas e sociais sobre o recorte da pesquisa durante os anos de 2013 a 2018 (Manifestações de Junho de 2013, os processos que levaram ao impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, a transformação das mídias sociais como veículo político para as eleições presidenciais de 2018); novas e possíveis metodologias para análise da operação historiográfica para trabalhar as fontes da história do tempo presente, isto é, metodologias para

compreensão da história digital e recursos para salvar fontes primárias, muitas vezes tão voláteis quanto os dados compartilhados na internet

- II. Durante a escrita da dissertação foram criados perfis em redes sociais para fins de pesquisa: *Instagram*, *Facebook* e *Twitter* e *YouTube*. A criação desses perfis tinha, como objetivo principal, conectar-se com perfis com maior número de seguidores e maiores disseminadores do pensamento conservador e/ou autoritário que se autodeclaram ou simpatizam com eixos das direitas. Perfis como: o atual presidente Bolsonaro e seus filhos, Olavo de Carvalho, Movimento Endireita Brasil, Brasil Paralelo entre outros. Essa etapa foi essencial para ter acesso a informações para posteriores levantamentos e análises da organização de grupos pertencente às direitas. O maior número de resultados de engajamento foi encontrado pela rede social *Facebook* e a plataforma de vídeos *YouTube*, serão essas duas plataformas que serão utilizadas para análise e mapeamento com instrumentos descritos logo abaixo.
- III. Apreciação dos dados e discursos coletados para realização de análise historiográfica.

DIREITAS, UM ESPÍRITO SEM CORPO

Considerações e concepções

1789, Revolução Francesa. Uma Assembleia Constituinte formada por parlamentares durante o período de convocação dos Estados Gerais se reúne para decidir os rumos da França. Por motivos de uma disposição espontânea do plenário ao iniciar a votação sobre o direito a veto do rei, foi sugerido que se sentassem à direita da sala aqueles que se identificavam com a monarquia e aristocracia. A França, neste período, baseava-se em uma sociedade estamental, isto é, hierarquizada de acordo com a ascendência dos três principais grupos: a nobreza, o clero e os comuns. Os parlamentares sentados à direita estavam dispostos a defender os interesses da nobreza e do clero, conservar aquilo já tinha sido construído durante o Antigo Regime – o poder social e econômico. Do lado oposto, ao lado esquerdo, sentavam-se aqueles que não estavam de acordo com o que foi construído durante o Antigo Regime, lá sentavam-se aqueles que se identificavam com os ideais da racionalidade, igualdade e liberdade (CRUZ, 2015, p. 304). Interessante e, de certo modo, curioso entender quando começa o primeiro rastro da díade entre direita e esquerda, espontaneamente e sem nenhum motivo aparente designa-se o posicionamento de pensamentos favoráveis ou não a um regime de acordo com a disposição das cadeiras em um plenário. Os nomes, esquerda e direita, durante a gênese de seu conceito, nada se relacionam com significados diretos das palavras ou significados secundários a partir dela, mas apenas pela despretensiosa organização física de seus defensores durante 1789, o local onde se sentavam no plenário. A origem das terminologias das palavras é interessante, o pontapé que ocorre durante o processo revolucionário francês dita essa classificação desde o século XVIII e visita-nos até o presente momento.

O vento nos traz para o hoje, em que popularmente, para responder uma pergunta complexa, dizer ser de direita significa manter, conservar o que está proposto, sem alterar o que já está pronto. A postura conservadora estaria bastante associada ao desejo de manter a estrutura hierárquica existente, sendo contrária à inovação e à mudança (BOBBIO, 1998, p. 242). Entretanto, Bobbio (2001) alerta ainda que os conceitos que entremeiam as direitas e as esquerdas se movimentam no decorrer do tempo, trazendo novos significados de acordo com a necessidade do tempo em absorver as transformações do tempo histórico. As estruturas de uma direita

condicionadas ao extremismo durante os primeiros anos do século XX na Europa, não é a mesma direita que protagonizou as ditaduras na América Latina na segunda metade do século XX, por exemplo. Ainda atentos ao pensamento perspicaz de Bobbio (2001), a direita é uma constelação heterogênea, nasce em uma conceituação relativamente delimitada durante os processos da Revolução Francesa em formato basilar e ganha novas roupagens conforme a necessidade em se apresentar diante dos eventos. É interessante compreender a pluralidade de representações de uma palavra frente a um tempo que necessita moldar seus significados, isto é, como é complexo como uma ideologia política, molda-se para caber em realidades e distintos tempos históricos – com o mesmo princípio e finalidades diferentes.

Há uma gama de autores pertencentes a uma retórica conservadora, outras vezes neoliberal, mas, ainda assim, matrizes do pensamento das direitas. Segundo Giddens (1999), o que hoje chamamos de direita em nosso vocabulário político engloba o neoliberalismo e o conservadorismo – pensadores como David Hume, Ludwig Von Mises, Edmund Burke, Friedrich Von Hayek, Leo Strauss, Russel Kirk e Michael Oakesshott. No caso do Brasil: Miguel Reale, Otto Maria Carpeaux, Olavo de Carvalho, Luiz Felipe Pondé, Denis Lerrer Rosenfield e João Pereira Coutinho são grandes referências internacionais e nacionais para o campo das direitas, tanto no campo acadêmico quanto cotidianamente presente nos discursos utilizados em redes sociais no Brasil e plataformas de estudos, como, por exemplo, o Brasil Paralelo³. Usualmente alguns desses autores citados e outros da mesma linha de pensamento surgirão no corpo do texto dessa pesquisa para que seja possível traduzir a construção dos pensamentos que ganharam força no Brasil durante o século XX e XXI.

É necessário e importante não deixar dúvidas acerca das escolhas de autores como pano de fundo dessa dissertação. Durante a própria escrita das páginas, me pareceu um movimento perigoso, porém necessário, mesclar autores referenciais que duelam entre si muitas vezes, autores referências dos pensamentos ou construtores de pensamento das direitas e autores que criticam pensamentos das direitas. Inclusive para a construção da metodologia para compreensão máxima dos objetivos da

³ Empresa multimídia produtora de conteúdos educacionais e entretenimento fundada em 2016 no Rio Grande do Sul por Henrique Viana, Filipe Valerim e Lucas Ferrugem. Com mais de 2,68 milhões de inscritos só no *YouTube*, segundo a descrição da empresa em seu site oficial, tem como missão resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros. Conteúdos sobre Brasil Paralelo serão trabalhados com maior profundidade no capítulo 3 desta dissertação.

pesquisa parece importante transitar entre dois mundos para compreender um terceiro mundo.

Abaixo, Bresser Pereira, por exemplo, um dos fundadores do Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), expõe uma contraproposta ou um complemento ao pensamento de Bobbio sobre o que significa a terminologia entre direita e esquerda, que parece caber na narrativa brasileira:

A direita é o conjunto de forças políticas que, em um país capitalista e democrático, luta sobretudo por assegurar a ordem, dando prioridade a esse objetivo enquanto a esquerda reúne aqueles que estão dispostos, até certo ponto, a arriscar a ordem em nome da justiça – ou em nome da justiça e da proteção ambiental que só na segunda metade do século XX assumiu estatuto de objetivo político fundamental das sociedades modernas.

Adicionalmente, a esquerda se caracteriza por atribuir ao Estado papel ativo na redução da injustiça social ou da desigualdade, enquanto a direita, percebendo que o Estado, ao se democratizar, foi saindo do controle, defende um papel do Estado mínimo, limitado à garantia da ordem pública, dando preponderância absoluta para o mercado na coordenação da vida social (BRESSER – PEREIRA, 2006. p. 26-27)

A retórica das direitas dentro do capitalismo também se configura com princípios conservadores, coalizada também a princípios neoliberais, como dito anteriormente. O neoliberalismo surge como uma saída para uma crise neoliberal na primeira metade do século XX (DARDOT & LAVAL, 2016), e o conservadorismo tem seu histórico profundo como doutrina política desde o século XVII e XVIII. A junção dessas duas categorias como partes da construção das novas direitas não é um fator recente, em 1980 os governos do ex-presidente Reagan (EUA) e ex-primeira-ministra Thatcher (Reino Unido) já apresentavam uma ligação dessas duas forças políticas, trazendo um novo significado do que entendemos sobre como as direitas comportam-se dentro do espectro capitalista. Em uma declaração à revista *Woman's Own* em 1987, a ex-primeira-ministra Margaret Thatcher diz “não haver nada como a sociedade. Apenas indivíduos homens e mulheres e suas famílias”.⁴ Aqui fica condensado os valores conservadores pautados na defesa da família tradicional, e os valores neoliberais pautados nos valores do individualismo (MÁXIMO, 2020). O que para nós é urgente compreender é como o neoliberalismo e o (neo)conservadorismo concatenam as direitas, tornando-se muitas vezes, no entendimento comum, em sinônimos. Isto é, uma pessoa conservadora é de direita? Um neoliberal é de direita? Dardot & Laval (2016) tratam o neoliberalismo sob uma nova conceituação, partindo

⁴ Entrevista completa transcrita no arquivo digital disponível em: <<https://www.margaretthatcher.org/>> Acesso em: 12 jun 2022.

da crise de 2008⁵. Para os autores, ao invés de essa crise enfraquecer, ela fortaleceu o neoliberalismo, aumentando a retirada de direitos sociais e reforçando o poder do capital através da justificativa de que a economia está em crise, e medidas devem ser tomadas, mesmo que para isso os processos de perdas democráticas sejam naturalizados. Com isso os autores enfatizam que o neoconservadorismo acaba sendo um avanço do neoliberalismo. David Harvey (2008) indica que a retirada de direitos provocada pelo neoliberalismo, levando ao caos social, faz com que o neoconservadorismo responda com maior repressão e censura. O fato é que, no Brasil, nos últimos anos, além do mercado, também o neoconservadorismo tem sido o centro de todos os aspectos da vida em sociedade (PERONI & LIMA, 2020) principalmente quando se trata do campo político que se aproxima de legendas das direitas.

Indo ao encontro do proposto, trago a visão de um dos maiores símbolos, senão o maior expoente do pensamento da direita brasileira, Olavo de Carvalho⁶, que em um dos seus escritos diz que:

[...] A “direita”, que favorece a liberdade de mercado, defende os direitos individuais e os poderes sociais intermediários contra a intervenção do Estado e coloca o patriotismo e os valores religiosos e culturais tradicionais acima de quaisquer projetos de reforma da sociedade. [...] A extrema direita propõe a criminalização de toda a esquerda, a imposição da uniformidade moral e religiosa sob a bandeira de valores tradicionais, a transmutação de toda a sociedade numa militância patriótica obediente e disciplinada. (CARVALHO, 2013, p. 97 – 98)

É incontestável que a imagem de Olavo de Carvalho tenha se tornado um grande símbolo para o pensamento de novos conservadores e adeptos de uma política de direita no Brasil nos últimos anos. Neste trecho em específico o autor deixa claro a constelação das direitas no Brasil, talvez mais preciso que Bresser Pereira. Consegue dissertar como esse fenômeno político consegue unir, em uma mesma conceituação, a tradução de uma realidade brasileira complexa que se forma nos primeiros anos do

⁵ A crise de 2008 é considerada entre muitos economistas um dos piores cenários econômicos desde a Crise de 1929, devido ao estouro da bolha imobiliária dos Estados Unidos causada pelo aumento dos valores dos imóveis que acabou não acompanhando o crescimento da renda da população causando uma grande recessão de caráter mundial, aumento dos índices de desemprego e a falência de diversas empresas.

⁶ Antes da finalização dessa dissertação, em janeiro de 2022, Olavo de Carvalho faleceu. Não foi divulgado o motivo da morte. Oito dias antes do seu falecimento o grande “guru” da direita foi diagnosticado com COVID-19. Durante o período de pandemia, Olavo sempre questionou a letalidade do coronavírus. Em uma declaração em seu perfil no Twitter em maio de 2020: “O medo de um suposto vírus mortífero não passa de historinha de terror para acovardar a população e fazê-la aceitar a escravidão como um presente de Papai Noel”. Não há registros sobre sua vacinação contra a Covid-19.

século XXI: uma antiga direita – ligada aos partidos tradicionais, como o DEM (Democratas, antigo PFL – Partido da Frente Liberal) – e o PP (Partido Progressistas, antigos PPB – Partido Progressista Brasileiro; PDS – Partido Democrático Social) e Arena – Aliança Renovadora Nacional. Aliada a uma direita religiosa, a uma direita liberal em economia e em costumes e a ascensão de movimentos sociais conduzidos por novas lideranças políticas à margem da política tradicional, o Movimento Brasil Livre (MBL), por exemplo (CODATO, A.; BERLATTO, F. BOLOGNESI, B. (2018). O Brasil Paralelo se encaixa como um grande expoente da salvaguarda dos conceitos patrióticos e defensores da tradição, como cita Carvalho (2013), que está também fora do *establishment* político tradicional, mas que contribuí muitíssimo com a defesa do pensamento de direita no Brasil do século XXI.

O conceito de direita varia entre sociedades, épocas históricas, sistemas políticos e ideologias. De acordo com o The Concise Oxford Dictionary of Politics, nas democracias liberais, a direita política se opõe ao socialismo e à social-democracia. Os partidos de direita incluem conservadores, democratas-cristãos, liberais e nacionalistas, e os da extrema direita incluem nacional-socialistas e fascistas. Houve críticas consideráveis sobre a redução da política em um simples eixo esquerda-direita. Friedrich Hayek sugere que é errado ver o espectro político como uma linha, com os socialistas à esquerda, os conservadores à direita e os liberais no meio. Ele posiciona cada grupo, no canto de um triângulo. Eatwell e O'Sullivan (1992) dividem a Direita em cinco tipos: 'reacionária', 'moderada', 'radical', 'extrema' e 'nova'.

A direita reacionária se difere da direita conservadora, muitas vezes é fácil confundi-las, mas o reacionário invoca seu passado nostálgico com a finalidade de encontrar respostas para os problemas atuais, o pensamento reacionário, ao contrário do pensamento conservador, aceita mudanças, desde que estas respeitem os valores já estabelecidos. Minkenberg (2001) caracterizou a "direita radical" como "uma ideologia política", cujo elemento central é um mito de uma nação homogênea, um ultranacionalismo romântico e populista que é dirigido contra o conceito de democracia liberal e pluralista e os seus princípios subjacentes de individualismo e universalismo.

A extrema direita é definida pela apologia à violência e pelos sentimentos antidemocráticos, com quatro características segundo Eatwell: antidemocrata nacionalista, racista e com capitalismo estatal forte. A nova direita se caracteriza por elementos plurais: autoritarismo, islamofobia, xenofobia, repele pluralidades sexuais

e diversidades culturais, promove ataque aos direitos humanos e aos sistemas democráticos. As direitas, é preciso lembrar, não se apresentam da mesma forma em todos os lugares e mesclam distintas características (descritas acima) entre si. (TRAVERSO, 2018)

Heranças de direita no Brasil

O movimento político que as direitas protagonizam no Brasil nos últimos tempos (2013- 2018) trouxe uma curiosidade inquietante para o desenvolvimento desta pesquisa, primeiro pela grande polarização política (esquerda versus direita) que se estende no atual contexto político brasileiro e segundo pela discussão que as direitas trazem para diversos setores que ultrapassam o campo político. Como se fosse um espírito, parece atravessar a história através de diversos corpos políticos diferentes ao longo do tempo, quase como se fosse uma flecha que atinge alvo após alvo infinitamente. Sempre se reinventando para que consiga caber em diversos espaços – redes sociais, imprensa, religião, política e ao ditar a moral e a tradição. Novos traços e antigas características. Por esta razão escolheu-se pluralizar o termo direita, isto é, as direitas. Nesta pluralidade é identificável algumas direitas, entre as principais, no caso brasileiro: conservadora, extrema, liberal, radical, nacionalista, fascista, democrata-cristã. As direitas ocupam espaço no campo político no Brasil Contemporâneo em uma estratégia gradual e constantemente presente (seja na cena principal ou seja nas coxias da história).

Mas seria um grande equívoco ignorar que a presença das direitas no Brasil tem um longo histórico, uma história que não começa agora. O que chama atenção a partir de 2013 começa antes de tudo em um Brasil que já apresentava características conservadoras. A história de um país marcadamente associado por uma herança colonial, escravocrata, materializado em torno da ascensão de poder das elites oligárquicas é um cenário proeminente para que as direitas reflorescessem. André Kaysel (2015) trabalha de maneira competente a complexidade das direitas ao longo da história do Brasil. Segundo ele, a atual onda conservadora seria incompreensível sem que fossem ofertadas algumas balizas e pontos de referência sobre liberalismo e conservadorismo, discussões essas que já são iniciadas durante o período do Brasil República, segue pela crise de 1920 com novas correntes direitistas – católicas, integralistas e corporativistas. Perpassa pela transição democrática de 1945 com a formação da polarização dos partidos políticos ao redor da figura de Getúlio Vargas

durante o Estado Novo: os partidos PSD (Partido Social Democrático) e UDN (União Democrática Nacional), partidos esses classificados como de direita. Segue para quarta parte de sua análise, em que compreende a crise política que antecede o golpe de 1964 com a ampla frente das direitas contra o Reformismo de João Goulart. Por fim, trabalha com o período de redemocratização a partir de 1980 e a conversão de uma parte da direita ao neoliberalismo.⁷

O conservadorismo já estava presente no Brasil Império e durante a Primeira República com participação notável no cotidiano político. Durante o processo de consolidação do Estado brasileiro, já existia influência do Partido Conservador durante os anos de 1830 e 1840 em um movimento de ruptura contra a monarquia portuguesa com características liberais. Seguindo o pensamento de Huntington (1957) a definição de conservadorismo pode ser pensada como uma ‘ideologia posicional’, não tendo um conteúdo próprio. No caso do Brasil isso cabe como uma luva e explica a controvérsia de um grupo como o Partido Conservador querer ruptura com uma política vigente. Com o advento da Abolição da escravidão (1888) e posterior Proclamação da República (1889), os republicanos já apresentavam sinais que fazem parte do que entendemos como conservadorismo (Keyssel, 2015). Com isso mais uma vez André Keyssel (2015, p. 54) cumpre com a tarefa e nos faz compreender que:

Entre os republicanos, delineiam-se duas grandes correntes: uma, fortemente influenciada pelo positivismo, defendia um Estado, ao mesmo tempo autoritário, mas interventor, o qual deveria regular o conflito social e mesmo promover algum desenvolvimento industrial. Essa vertente, bem representada pelo governo do Marechal Floriano Peixoto, teria hegemonia circunscrita ao estado do Rio Grande do Sul, onde foi assumida como ideologia oficial por Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros (Bosi, 1992b). Do outro lado, estava o liberalismo federalista, defensor da descentralização política e do *laissez-faire* econômico. Esse liberalismo, cujo pilar de sustentação eram as elites cafejeiras paulistas, se tornaria hegemônico a partir dos governos do paulista Prudente de Moraes (1894-1898) e, especialmente, do mineiro Campos Salles (1898-1902), o qual consolida o pacto entre as elites regionais que estabilizou o novo regime, a chamada “política dos governadores”. É interessante notar que o liberalismo era a linguagem política tanto daqueles, como o próprio Campos Salles, que defendiam o poder das oligarquias locais como única forma de dar estabilidade ao país e promover o progresso, como dos críticos desse arranjo que, como o jurista baiano Ruy Barbosa, o denunciavam pela distorção da representação popular e pela corrupção que promoveria. (LYNCH, 2015).

A Primeira República se caracterizou pelo predomínio do liberalismo até entrar em crise a partir de 1920 quando surgiram correntes ideológicas antiliberais, com o rótulo

⁷ Para mais informações verificar o capítulo: KAYSEL, André. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: CODAS, Gustavo; CRUZ, Sebastião Velasco; KEYSEL, André (Org.). Direita volver! São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

de autoritarismo. A década de 1920 também foi o cenário do principal movimento de contestação política da ordem oligárquica então em vigor: o “tenentismo”, nome dado em função do protagonismo da jovem oficialidade das forças armadas (KEYSEL, 2015).

Entre a década de 1920 e a “Era Vargas”, a direita “plural” brasileira se articula em três linhagens ideológicas e políticas principais: o nacional-autoritarismo *cientificista*, herdeiro da tradição positivista brasileira; a direita católica; a direita fascista, representada pelo integralismo, que de acordo com uma análise consolidada seria o movimento ideológico e político mais próximo ao fascismo europeu (TRINDADE, 1974).

1932: é o ano oficial do nascimento do movimento político brasileiro, conhecido o Integralismo, fundado por Plínio Salgado – uma grande personalidade acadêmica, fundador do partido nacionalista católico de extrema-direita inspirado nos princípios do movimento fascista italiano. A Ação Integralista Brasileira (AIB) surge durante a década de 1930, quando o mundo vivencia uma grande onda fascista. No Brasil a AIB é o movimento mais importante e é o primeiro partido nacional aparelhado por uma organização de massas com maior número de adeptos – entre seiscentos mil e um milhão de pessoas. Ressurgindo com o pensamento de Löwy (2015), o autor ressalta que a extrema direita atual se aproxima da direita fascista de 1930 na agitação sociocultural, na ideologia repressiva e na intolerância contra minorias. O que nos faz compreender que os movimentos das direitas que vemos acontecendo agora não é algo inédito, revolucionário ou uma ruptura da sociedade. E sim uma continuidade de reflexos de uma sociedade calcada em ideais conservadores. O caminho longo ao passado conservador brasileiro se mostrou necessário, ainda que arriscado, pois tratou-se apenas de breves passagens, visto que deixa evidente que os movimentos conservadores têm um histórico extenso na política e cotidiano brasileiro.

Novas embalagens para antigos interesses

Em uma de suas canções, ‘Esquiva da Esgrima’, o cantor e compositor Criolo diz: “(...) Novas embalagens para antigos interesses É que o anzol da direita, fez a esquerda virar peixe (...)”. O movimento nacionalista capitaneado pelos integralistas em 1930 baseava-se em uma convergência de tradições políticas, culturais, religiosas e nacionais. A Ação Integralista nasce durante um período de ascensão das ideias autoritárias de direita, a partir da Revolução de 1930 foi radicalizado um discurso ideológico fascista difundido nos campos político e intelectual em um contexto pós-revolucionário. A defesa das tradições políticas, da

família e dos ‘bons costumes’, da religião cristã e de um movimento autodeclarado nacionalista faz refletir sobre em que época estamos. O atual cenário brasileiro apresenta um crescimento do discurso e do imaginário de grupos apresentados como uma nova direita ou extrema direita. Contrários às políticas sociais e distribuição de renda, desprezo pelos direitos humanos, anticomunistas, conservadores e com uma retórica nacionalista autoritária. O trecho da canção do Criolo cabe nesse entendimento, uma vez que distintas sociedades de distintos tempos possuem ainda similaridades entre si. Evidentemente cada sociedade é herdeira de seu tempo e de suas concepções, entretanto essas encontram a possibilidade de “consertar” seu país através de ideias conservadoras e extremistas, muitas vezes soluções levantadas no passado, tanto no campo político quanto no campo social. Há avanços dos movimentos neointegralistas ou pequenos grupos que não se declaram neointegralistas, mas compactuam com as mesmas ideias sobre tradição, bons costumes, nacionalismo e calcados nos valores da religião de matriz cristã e com viés autoritário.

Sobre a Ação Integralista Brasileira, é necessário compreender algumas informações:

A AIB elaborou uma extensa área de atuação na sociedade brasileira, fosse por meio de uma complexa rede de jornais, periódicos e afins (sistematizados por meio da *Sigma Jornaes Reunidos*), ou mesmo devido às obras filantrópicas e assistencialistas em todas as regiões brasileiras, sobretudo naquelas mais carentes. O discurso da AIB, baseado na autoridade, que previa tanto a conservação dos *verdadeiros* valores nacionais, assim como a construção de uma identidade *genuinamente* brasileira, galvanizaram o apoio e participação de alguns setores conservadores da sociedade brasileira da época, assim como a inserção de políticos e intelectuais emergentes do período, que viam na AIB uma nova forma de se fazer política. (CALDEIRA NETO, 2012)

As similaridades das características entre o governo atual, tanto em seu discurso quanto em sua estratégia propagada nas mídias, com o Movimento Integralista de 1930, parece beber da mesma fonte algumas vezes. E isso será trabalhado com mais profundidade no segundo capítulo, entretanto surge neste subitem para introduzir ao leitor a compreensão de que o movimento das direitas não segue um caminho e estaciona, ela segue um percurso contínuo através da história.

Os braços que entrelaçam

As direitas possuem correntes que muitas vezes funcionam como se fossem braços, na necessidade de abraçar e materializar ideais. Aqui se trabalhará com correntes das direitas, retomando a discussão iniciada anteriormente. Eatwell e

O'Sullivan decompuseram a direita em cinco grupos: 'reacionária', 'moderada', 'radical', 'extrema' e 'nova', e é por esse motivo que foi escolhida a nomenclatura pluralizada – assim é possível englobar as distintas denominações. Nas linhas que se seguem pretende-se realizar apontamentos daquilo que significa dentro da realidade brasileira, primeiro por este trabalho tratar-se de uma pesquisa voltada a conceitos e acontecimentos vividos no Brasil e segundo que relacionar e apresentar conceitos e conexões de características de distintas realidades geopolíticas e históricas se torna uma tarefa quase impossível de ser realizada. Nos limitaremos à realidade brasileira, que, segundo Lowy (2015), é um quadro que possui características próprias. Abaixo será realizado uma breve passagem pelos três subgrupos que mais interessam para essa pesquisa, com a finalidade de situar o leitor no que compreendo ser ingredientes de uma nova direita brasileira: uma combinação de características de uma direita conservadora e uma direita extremista.

Direita Conservadora

A direita conservadora, para Scruton (2021), é um grande expoente do pensamento conservador, nos diz ainda sobre a sustentação do conservadorismo moderno, que:

começou como defesa da tradição contra as reivindicações de soberania popular e se tornou um apelo em nome da religião e da alta cultura contra a doutrina materialista do progresso, antes de unir forças com os liberais clássicos na luta contra o socialismo. Em sua mais recente tentativa de se definir, tornou-se o defensor da civilização ocidental contra seus inimigos, em particular contra dois deles: politicamente correto (notadamente suas restrições à liberdade de expressão e sua ênfase na culpa ocidental) e ao extremismo religioso, especialmente o islamismo militante promovido pelas seitas vaabitas/salafistas. Em todas essas transformações, algo permaneceu imutável, a saber, a convicção de que as coisas boas são mais facilmente destruídas que criadas e a determinação de mantê-las em face de mudança politicamente arquitetadas (SCRUTON, 2021, p.113)

Scruton afirma que o pensamento conservador possui dois princípios: a negação de qualquer orientação geral para a política, no sentido de os fins serem buscados dentro de uma cultura normativa específica, com seus próprios aparatos e instituições. O segundo princípio se baseia na moral, nas tradições e nos valores a que determinada comunidade se conecta (MAXIMO, 2020).

No ensaio: *As ideias conservadoras*, de João Pereira Coutinho, o autor nos diz sobre o que poderia ser o conservadorismo no aspecto político.

O conservadorismo poderá ser assim apresentado como uma “ideologia de emergência” – e no duplo sentido da expressão porque emerge

em face de uma ameaça específica de caráter radical; e porque faz quando essa ameaça põe em risco os fundamentos institucionais da sociedade (COUTINHO, 2014, p. 29)

Seguindo o pensamento do acadêmico claramente conservador, Samuel Huntington inspira Coutinho ao dizer que “o conservadorismo é uma ideologia posicional. Ele se desenvolve para ir de encontro a uma necessidade histórica. Quando a necessidade desaparece, a filosofia conservadora deixa de existir” (HUNTINGTON, 1957, p. 468).

Extrema Direita

Permeados pela misoginia, em contrariedade às políticas sociais e de distribuição de renda, assim como o desprezo aos direitos humanos, esses agrupamentos partilham elementos de continuidade de uma cultura política autoritária, em que o anticomunismo é um elemento de engrenagem sistêmica, de culto à liderança e de escolha de “salvadores da pátria” (Girardet, 1996)

Quando se refere a uma construção da extrema direita no tempo presente aqui no Brasil, Flávio Ribeiro de Lima (2019) aborda sobre o cenário em nosso país com a representação do atual presidente:

Curiosamente, em pleno 2018, a figura de Jair Bolsonaro, candidato eleito para a Presidência do Brasil pelo Partido Social Liberal (PSL), também surge como solução para os problemas complexos que a nação brasileira enfrenta. [...] Bolsonaro se aproveitou do descontentamento que sente grande maioria da população – alimentado, em grande medida, pela crise político econômica que assola o país – prometendo atender “necessidades” de grupos específicos. Para tanto, utilizou palavras religiosas e declamou *Deus acima de todos* para angariar simpatia dos eleitores cristãos (86,8% da população brasileira) ainda que seu dogmatismo tenha se baseado, contraditoriamente, na intolerância e no autoritarismo. Também ofereceu quadros de “soluções” para problemas específicos: sua sugestão para melhorar a segurança pública, contraditoriamente, é o armamento da população. [...] Sem nenhum escrúpulo, Bolsonaro se sente autorizado a dizer que “as minorias têm que se curvar às majorias”. Elas que “se adequem ou simplesmente desapareçam”. (LIMA. 2019).

Bolsonaro representa o signo da extrema-direita em curso. Em seus discursos durante o período eleitoral apresentou um discurso declaradamente machista, xenofóbico, homofóbico, misógino, racista e incitou a violência; colocou em xeque, durante sua campanha e seu mandato, estruturas da democracia. Um discurso autoritário, com defesa ao “nacionalismo” a “garantia da Lei e da Ordem”, características que se conectam perniciosamente com regimes e/ou pensamentos totalitários.

Se o radicalismo da extrema direita é concebido como um ativismo antidemocrático, antiminoritário, antipopulista, totalitário e violento, e, em

certo ponto, fascista (claro, com diferenças do fascismo dos anos 1930), por que Jair Bolsonaro foi bem-sucedido nas eleições gerais de 2018? Melhor dizendo, quais mecanismos estimularam a ascensão da extrema direita no Brasil? (LIMA, 2019).

O radicalismo presente na fala e nas ações do conhecido grupo bolsonarista, seguidores políticos do atual presidente, deixa evidente uma política de extrema direita em curso e apresenta sintomas e características de uma escolha política perigosa, não somente por seu representante, mas também torna perigoso aqueles que o elegeram.

Nova Direita

Para Camila Rocha (2018) a nova direita brasileira não tem uma origem imediata, o que a torna um fenômeno complexo. A nova direita desenvolve-se desde as oposições contra agendas políticas progressistas e a oposição ao governo do Partido dos Trabalhadores – PT. Caldeira Neto (2020) observa um outro fenômeno chamado “direita envergonhada”, que surge a partir do processo de transição democrática e da “Nova República”. A formação de perfis conservadores na ala parlamentar (bancada da bala e bancada evangélica) também incubam um pensamento de uma nova direita. Para Egon Maitino (2018) a presença de Jair Messias Bolsonaro contribuiu para um novo campo da direita brasileira, uma vez que é caracterizado pela exaltação do período ditatorial de 1964, repúdio ao comunismo e posteriormente ao antipetismo e pelo apelo ao negacionismo. “De todo modo, pode-se afirmar que, a depender do foco de análise, há diversificadas novas direitas, não somente em relação ao ponto de partida, mas também aos elementos de unidade e identificação ideológica” (Neto, 2020).

Para Carapanã, há uma tríade que compõe o que se chama de nova direita, aspectos que misturam ideais do conservadorismo, do libertarianismo e do reacionarismo são as características principais. Entretanto algumas outras características, como por exemplo a apologia ao eugenismo e à segregação racial; fazendo com que a nova direita eventualmente flerte consciente e inconscientemente com ideais nazistas e fascistas (Carapanã, 2018, p.34).

Vera Cepêda compartilha sua compreensão como os intelectuais de direita ocupam espaço no país, as lacunas de que a direita ressurgir são:

Um trabalho que procura o cruzamento entre concepções ideológicas, alinhamento ao contexto histórico e causas/efeitos no novo padrão de disputa política é o artigo de Jorge Chaloub e Fernando Perlatto

intitulado *A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política*, publicado em 2016 pela Revista *Insight*. Nesse trabalho os autores propõem seis hipóteses para compreensão do protagonismo recentemente assumido pelos intelectuais da nova direita no país. Seriam elas: 1. Coerência com o cenário internacional, entendendo a nova direita enquanto um fenômeno mundial; 2. O distanciamento do momento epocal da ditadura, que oblitera e distorce a percepção clara sobre os riscos e vícios do autoritarismo implantado a partir de 1964 (da mesma maneira que, creio eu, há toda uma geração que não conviveu sequer com o processo de redemocratização, possuindo uma experiência acomodada nos limites protetores de um Estado de Direito); 3. As mudanças tecnológicas e funcionais da indústria cultural (que penso que possibilitou a expansão rápida do padrão de guerra híbrida); 4. A criação de *locus* institucionalizados para produção e difusão do pensamento liberal ou de direita; 5. A emergência governos de esquerda no país, incluindo seus sucessos e fracassos capazes de geração de polarização; e 6. A crise do sistema partidário (e que podemos estender para a crise do padrão de representação democrática e o surgimento de manifestações demofóbicas e do ódio à democracia). (CÊPEDA, 2018, p. 51, apud CHALOUN; PERLATTO, p. 24-42)

É muito importante enfatizar que aqueles que se interessam e se reconhecem dentro das novas direitas não necessariamente pactuem com componentes do pensamento fascista ou nazista, mais importante ainda é deixar evidente que muitas ideias radicais perpassam pelo prisma da nova direita com a justificativa da liberdade de expressão, o que torna uma discussão complicada e perigosa. A constituição das novas direitas é um fenômeno complexo, ainda em construção.

O poder das novas direitas no Brasil Contemporâneo

Como dito anteriormente, existe um grande movimento de adeptos do pensamento das direitas no Brasil e no mundo nos últimos anos. No Brasil, precisamente após 2013, aponta-se para a formação de um movimento conhecido como 'Novas Direitas'. Arantes (2014) reforça que as manifestações de junho de 2013 acabou sendo uma espécie de incubadora para que essas ideias fossem disseminadas em maior grau, reconduzindo uma direita para uma conceituação mais correspondente com a realidade desse tempo: “uma direita não convencional, que não está contemplada pelos esquemas tradicionais da política. Lowy (2015) relembra que, diferente da Europa, no Brasil não existem partidos políticos em torno de pautas raciais. No Brasil a extrema-direita, por exemplo, tende a ser preocupante, pois existe uma grande admiração pelos militares que são principalmente nostálgicos quanto ao processo vivenciado durante o Regime Civil Militar de 1964. O que une a extrema-direita brasileira e a europeia aparentemente é a ideologia repressiva, muitas vezes liderada pela violência policial, intolerância com as legendas LGBTQIAPN+ e uma

forte referência religiosa. No caso do Brasil a religião evangélica tem sido pauta de muitas discussões que atrelam conceitos bíblicos aos conceitos políticos. No Brasil o congresso tem sido representado por uma ampla frente parlamentar conhecida como Bancada da Bala, Boi e Bíblia (Bancada BBB), parlamentares defensores das ideias armamentistas (bala); bancada ruralistas (boi) e bancada evangélica (bíblia).

“Bancada da Bala é a representante política de um conjunto de ideias e atitudes, que se fundamentam na percepção de que o contexto social está marcado por uma crescente e constante insegurança e desordem pública radical”. Nesse sentido, “concebe-se uma apreciação da autoridade policial como uma força portadora de uma autonomia radical, a exaltação das virtudes guerreiras e do heroísmo da figura policial se conjugam com um discurso [securitário-autoritário] que entende a violência como ferramenta purificadora, legitimadora e resolutive dos problemas sociais” (FAGANELLO, 2015, p. 151. Grifos nossos). Para Villazón (2015, p. 164), “a América Latina tem uma longa tradição de presença evangélica, mas nas últimas décadas houve um salto significativo, especialmente em sua versão pentecostal. Esse crescimento fortaleceu a sua capacidade de influência na agenda pública através de partidos evangélicos ou, mais frequentemente, por meio de associações ‘pró-vida’ e ‘pró-família’. Enquanto no início do século XX a agenda evangélica lutava pela separação entre Igreja e Estado, hoje suas posturas contra o avanço da ‘agenda gay’ e da ‘ideologia de gênero’ aproximam esses grupos aos conservadores católicos na luta contra as mudanças liberalizantes na família e na sociedade”. (MORAIS, 2019)

Além das referências ruralistas, armamentistas e religiosas, também existe a presença de grupos que defendem a tradição, a família e a propriedade, o conservadorismo, e ainda um projeto neoliberal. É importante ressaltar que a pluralidade das terminologias das direitas se dá por distintas vertentes que combinam entre si diversas características em comum ou características particulares. Não existe apenas uma direita ou apenas um segmento específico no Brasil. Assim como a multiplicidade

Ao longo do processo da recente ascensão de forças conservadoras e autoritárias no Brasil, diversos termos foram adotados para classificar e interpretar esse fenômeno que, se não é absolutamente novo na história do Brasil republicano, decerto traz algumas novidades, inclusive em relação à sua intensidade e suas conquistas eleitorais. Entre tais termos, pode-se citar: a) onda ou maré conservadora; b) autoritarismo; c) *bolsonarismo*; d) neofascismo; e) novas direitas; f) extrema direita; g) direita radical; h) neoliberalismo; i) democracia iliberal; j) populismo etc. (CALDEIRA, 2020)

Segundo Singer (2021) a direita tomou o poder por duas décadas por meio de uma ditadura que manteve a realização de eleições periódicas para o Legislativo e parte dos Executivos municipais. Após isso a direita se manteve no poder através da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e após isso pelo Partido Democrático Social (PDS), pelo Partido da Social-Democracia (PSDB) e atualmente pelo Partido Social Liberal (PSL).

COMO AS DIREITAS ABSORVEM AS JUVENTUDES

2.1 A face do fascismo

No Brasil nos últimos anos ressurgiu um espectro conservador e de inspiração autoritária, e quando a palavra espectro é utilizada significa algo que nunca se foi, algo que esteve rondando o imaginário e as ações por muitos anos e através de muitos símbolos. Odilon Caldeira Neto (2020) nos alerta sobre antigos atores e novos corpos, que esse movimento não está ligado exclusivamente às suas lideranças, isto é, os movimentos conservadores e autoritários não necessitam exclusivamente de uma persona que constrói sozinha o movimento ou dissemina as possíveis ideias. Um regime autoritário ou um movimento fascista não precisa de um líder ou símbolo exclusivamente, muitas vezes necessita apenas de um conjunto de pessoas que pensam da mesma maneira para perpetuar uma ideia. Esse espectro que ronda períodos antidemocráticos e democráticos no Brasil tem um nome e se chama ideologia fascista. Quando uma população parece temer nomear as coisas pelo que elas realmente são, o medo toma conta do nome das coisas que deveriam ser.

Em primeiro lugar, devemos entender que o fascismo é um movimento político característico dos períodos de crise do capitalismo. A primeira vez que ele surgiu foi após a crise mundial ocorrida a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), mas seu momento de maior força foi nos anos de 1930, quando o mundo sofria novamente com as consequências do colapso da economia global após 1929. Isso significa que o fascismo é um evento do passado, limitado ao que aconteceu nos anos 1920 e 1930? De maneira alguma. Como foi dito acima, ele é um movimento político característico dos períodos de crise do capitalismo. Isso significa que em toda crise capitalista o fascismo inevitavelmente surge como uma força política de grande importância? Também não. Entender as principais características de um período de crise é fundamental para compreender por que nesta crise, e não em outra, o fascismo surgiu como um fenômeno político relevante, mas, sobretudo, para entender como ele se transformou de um movimento político em um regime político. (FERREIRA; GOMES, 2021, p.31 – 32.)

O termo fascismo tem sido presente em nosso cotidiano, uma característica de ofensa que parece perder o seu significado muitas vezes. Uma vez em sala de aula presenciei uma discussão entre dois jovens e um identificou a fala do segundo como um comentário fascista, de prontidão achei necessário iniciar a aula questionando o que se sabe sobre fascismo, o que torna uma pessoa ou um pensamento fascista. A sala de aula ficou em silêncio. Alguns, com toda certeza, saberiam apontar características e ou alguns exemplos, mas o silêncio imperou. Conhecer para saber identificar ações e pensamentos fascistas é de extrema necessidade, e o receio em discutir sobre isso reflete muito o que o mundo fora de sala de aula pode apresentar. A constante movimentação de grupos de extrema-direita tem tornado esse debate

cada vez mais presente e latente. Segundo Ferreira & Gomes (2021) existe uma grande preocupação intelectual em interpretar esse fenômeno que assola o mundo desde o início do século XX, autores como Leon Trotsky, Ernest Thälmann, Otto Bauer, Theodor W. Adorno, Umberto Eco, João Bernardo, e Robert Paxton produziram importantes interpretações. Entre diversos autores, este capítulo será contemplado com análise dos pensamentos de Eco, Paxton, João Bernardo e Adorno.

Para Umberto Eco em seu texto *Fascismo Eterno*, escrito em 1995 a partir de um discurso proferido na Universidade de Columbia, o fascismo não é algo que faz sentido, pois ele se utiliza de várias ideias contraditórias, muitas vezes trajados em vestes civis. Para o Eco (2018) o fascismo é uma espécie de confusão estruturada, o autor destaca quatorze características típicas do fascismo:

O culto da tradição. Um culto que mistura diversos sistemas de crenças e práticas, muitas vezes contraditórias entre si, caindo em uma mensagem obscura, que impede o avanço do conhecimento. Por exemplo: a reivindicação da tradição romana na Itália, a católica na Espanha e a imperial no Japão dentro da lógica do capitalismo moderno.

A recusa seletiva da modernidade capitalista. Embora seja um fenômeno característico da modernidade capitalista, os fascismos vão sempre selecionar a parte desta modernidade que mais lhes convém. Se por um lado, o Estado nacional e territorial é uma reivindicação dos fascistas, por outro, instituições como sindicatos, partidos políticos e outras tantas instituições democráticas eram responsáveis por espalhar e degenerar a nacionalidade.

O culto da ação pela ação. O culto da ação é acompanhado de um Anti-intelectualismo. Pensar e refletir é um problema para o fascista. O importante é agir e resolver, independentemente das consequências e dos meios utilizados para tanto. Os supostos intelectuais fascistas tinham o único papel de acusar e denunciar a modernidade, os liberais e os comunistas de terem abandonado a tradição nacional.

A Recusa à crítica. Não é possível discordar ou discutir de maneira racional no fascismo. Para o fascista, discordância é traição.

O Racismo. Ele recusa qualquer tipo de diversidade dentro da sociedade e constrói o consenso por meio do medo da diferença.

É um fenômeno gerado pela frustração, especialmente das classes médias. Vimos como o fascismo mobiliza principalmente este setor, apavorado pela possibilidade de proletarização em decorrência da crise econômica.

O nacionalismo. O nacionalismo fascista existe única e exclusivamente como uma oposição ao estrangeiro. Por isso, o fascismo sempre tende a acusar um complô internacional contra a nação, um complô que pode, também, ter seu respaldo interno. Por exemplo, a invasão chinesa apoiada pelo Foro de São Paulo contra o Brasil.

Mobilização de um sentimento nacional de humilhação em relação a seus inimigos. Os inimigos estrangeiros serão sempre os mais fortes e mais ricos e, portanto, responsáveis pela crise que vivemos. O ressentimento contra o estrangeiro é outra face do nacionalismo fascista.

Guerra permanente. O fascismo incita a guerra permanente. Seu lema é viver para lutar. O que é contraditório com a ideia de que o fascismo seria responsável por promover o retorno a uma suposta Idade de Ouro e que pressupõe a paz e a harmonia na sociedade.

Elitismo. Esse elitismo cria uma hierarquia social. O fascista considera o seu povo e a sua nação como a melhor do mundo. O líder

despreza as massas subalternas e cada uma dessas massas despreza aqueles que estão abaixo dele, criando uma espécie de “elitismo de massa”.

O culto do heroísmo e da morte. O fascismo educa para a morte heroica. E na busca por essa morte, ele leva os outros à morte. Isso é um elemento novo e difícil para a esquerda entender, porque os liberais não se sacrificam nunca, mas o fascista sim. A partir do surgimento do fascismo, não é apenas o militante de esquerda que se sacrifica pela revolução. O fascista também, mas a sua “revolução” é a restauração violenta da ordem.

O fascismo é machista e homofóbico. Para a maioria deles, o sexo será o único espaço de poder. O resultado é o desprezo pela mulher, que deve ser subalterna, e por outras formas de sexualidade. “Como tanto a guerra permanente como o heroísmo são jogos difíceis de jogar”, afirma Eco, o fascista “transfere sua vontade de poder para questões sexuais”. Por isso sempre carrega em si o desprezo pelas mulheres e a condenação de outras formas de sexualidade que não seja a heterossexual.

A Homogeneização do povo e sua reunião em torno de uma vontade comum. Como isso é impossível, a sua vontade comum precisa ser expressa pelo líder. O povo se torna uma qualidade e é entendido como um bloco sem poder, nem para delegar, por isso, o parlamento e as organizações populares se tornam supérfluos.

Linguagem chula e pobre. É preciso limitar ao máximo possível o repertório e a complexidade dos pensamentos para que se evite ao máximo qualquer tipo de reflexão crítica (FERREIRA; GOMES, 2021, p.124-126)

É importante salientar que os quatorze elementos característicos do fascismo levantados por Eco (2018) não devem e nem podem estar em todas as experiências históricas, pois os movimentos históricos são diversos, entretanto possuem uma unidade. Um mesmo conceito possui características e maneiras diversas de se tornar ativa, o fascismo se comporta dessa maneira, uma unidade que permite diversos movimentos.

Em *Labirintos do Fascismo* (2003) de João Bernardo, o autor aponta o fascismo como uma revolta da ordem. Trajada de revolução com verdadeira face do pensamento reacionário.

(...) Se, até então, a revolução era o mote dos trabalhadores socialistas e comunistas, o fascismo se apropria dessa forma para manter o capitalismo, portanto, ele se veste com uma forma revolucionária, embora seja reacionário no seu conteúdo. O fascismo, por isso, é plástico e, para João Bernardo, artístico, pois é a mais ambígua das formas políticas.

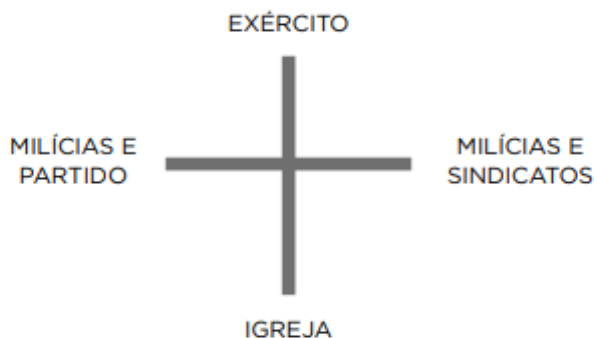
Mas é importante entender seu contexto histórico. Por isso, João Bernardo sublinha que o fascismo triunfa quando a esquerda foi esmagada, derrotada e incorporada à ordem sem, no entanto, que os problemas sociais que geraram ressentimentos e desamparo tenham sido resolvidos, isso faz com que as massas se movam em direção ao fascismo.

Para tentar explicar como é possível utilizar o mesmo conceito para movimentos tão diversos, João Bernardo propõe pensar o fascismo como composto por dois eixos: o radical e o conservador. (FERREIRA; GOMES, 2021, p.127.)

Assim como acontece no Brasil, os movimentos de extrema direita de hoje, chamada de novas direitas, glorifica ideias pré-existentes e instituições que fortalecem o discurso. Abaixo segue uma imagem que exemplifica a revolta da ordem estruturada

pelo pensamento de João Bernardo e que cabe perfeitamente para o conceito que essa pesquisa seguirá, aqui é representado os dois eixos do fascismo: o radical e o conservador.

Figura I: Diagrama dos eixos do fascismo



FONTE: FERREIRA; GOMES (2021, p.128)

Quando entendemos que os eixos do fascismo se cruzam, isto é, quando compreendemos que é composto por instituições que já existem, o eixo conservador (Igreja e Exército) está conectado com o eixo radical, guiado por atores que desenvolvem o movimento reacionário (Milícias e Partido e Milícias e Sindicatos) conseguimos observar como o fascismo pode ser utilizado de acordo com esses eixos. Como em movimentos históricos distintos a escolha de eixos radicais e conservadores fizeram com que surgisse fascismos, no plural como Eco já mencionara: para um mesmo conceito, características e maneiras diversas de se tornar ativa. O mesmo movimento que aconteceu na Alemanha não é exatamente o movimento fascista que aconteceu na Itália ou em Portugal e nem na Espanha, houve eixos mais e menos acentuados, cabendo na realidade de ação de cada expressão fascista.

Para Paxton (2007) o fascismo, como partido, nasce oficialmente em 23 de março de 1919 na sala de reuniões da Aliança Industrial e Comercial de Milão, lá estavam presentes veteranos de guerra, sindicalistas que haviam apoiado a guerra, intelectuais futuristas, alguns repórteres e ainda alguns curiosos. Eles estavam reunidos para declarar guerra ao socialismo. Benito Mussolini, surge como liderança do movimento nomeando-o como *Fasci di Combattimento*, em livre tradução “Fraternidades de combate”⁸. Pouco mais de três anos da reunião na Aliança Industrial

⁸ Segundo Paxton (2007) uma versão em inglês dos discursos proferidos por Mussolini em 23 de março foi publicada por Charles F. Delzell: *Mediterranean Fascism, 1919-1945*. Nova York: Harper & Row,

o Partido Fascista ocupou o poder e Mussolini era o grande líder italiano. Paxton resgata o que as pessoas entendem sobre o fascismo:

Na mais explicitamente visual de todas as formas políticas, o fascismo se apresenta a nós por vívidas imagens primárias: um demagogo chauvinista discursando bombasticamente para uma multidão em êxtase; fileiras disciplinadas de jovens desfilando em paradas; militantes vestindo camisas coloridas e espancando membros de alguma minoria demonizada; invasões-surpresa ao nascer do sol e soldados de impecável forma física marchando por uma cidade capturada. (PAXTON, 2007, p.23.)

Para o autor o fascismo precisa de um terreno propício, com pré-condições para que seja semeado como aconteceu em 1919: desenvolvimento de uma política de massas, uma esquerda socialista dividida e desiludida de suas bases, medo iminente por parte das classes médias e burguesas do avanço e disseminação do comunismo e por fim crise de instituições liberais. Paxton ainda alerta que o fascismo segue passos importantes, surge o movimento fascista, depois o partido, do partido surge o regime. Propõem-se que o movimento fascista necessite que as instituições liberais estejam em crise e a crise institucional deve ser apoiada pelas camadas conservadoras da sociedade. Sem o apoio da sociedade os fascistas não conseguem governar a mesma. Como Caldeira Neto (2020) relembra, não é necessário um líder ou símbolo para que o movimento aconteça.

Como forma de sistematização, temos que o fascismo é um fenômeno do capitalismo em sua fase imperialista. Ele não seria possível em outra sociedade e está sempre presente, se recolhendo e se restringindo ao submundo e à margem da vida política em momentos que não o favorecem. É um fenômeno da política de massas, mobilizando novas formas de comunicação para a agitação política: nos anos 1920 e 1930 foi o cinema e a publicidade, na atualidade são as redes sociais, a internet. Ele ganha espaço a partir de uma crise econômica e social e depois de uma derrota avassaladora da esquerda, gerando frustração principalmente nas camadas médias, mas atinge também os trabalhadores. (FERREIRA; GOMES, 2021)

Reconhecer a face do fascismo para saber como identificá-lo para então combatê-lo. O fascismo necessita do capitalismo para acender e reascender, o fascismo pode nascer de tendências autoritárias inconscientes dentro de um regime de democracia desde que possua uma propaganda adequada e uma sociedade com pré-disposições a atender esse pensamento.

Em seus dois textos, “Antissemitismo e propaganda fascista” (2015a) e “A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista” (2015b) Theodor Adorno realizou uma síntese dos métodos da propaganda fascista, ao qual apresenta que a propaganda dirigida se tratava de mobilização de forças inconscientes, isto é, não estava orientada

1970, p.7-11. Os relatos mais completos são de Felipe, *Mussolini il rivoluzionario*, p. 504-509, e Milza, *Mussolini*, p.263-240.

apenas à razão ou às expectativas políticas do público que ele dialoga. A propaganda das vias fascistas não conquistava o sucesso apenas pelo seu conteúdo, mas também pela predisposição da aceitação da população em se interessar por um discurso autoritário. Adorno levanta algumas dessas estratégias a partir dos conceitos freudianos em sete tópicos, segundo a sintetização de Martino & Marques (2021):

Personalização: A personalização, uma dessas estratégias, pode ser percebida quando a figura do líder é ressaltada o tempo todo, seja como modelo ideal a ser seguido e, portanto, distante, seja como figura próxima – “gente como a gente”. Ainda, o líder pode ser retratado como o porta-voz do grupo que representa, expressando opiniões e ideias que outras pessoas não fariam – “ele fala as verdades que ninguém quer ouvir”.

Os meios substituem os fins: Os objetivos políticos nunca são alcançados, mas estão sempre a um passo de distância: para alcançá-los, é necessário se manter em movimento. Por isso, a propaganda está o tempo todo deslocando a atenção do público para novos objetivos e mostrando que participar do processo é mais importante do que chegar a um resultado.

Imprecisão das propostas e dos raciocínios, a realização do desejo: Outra estratégia da propaganda autoritária é que ela sempre faz promessas de transformação e mudança para o melhor, mas nunca indica exatamente quais serão essas alterações ou como, na prática, elas serão feitas. No lugar dessas propostas, entra em cena a promessa de uma realidade diferente e melhor e apontar esse futuro se torna uma gratificação em si. Assim, a imprecisão das propostas e dos raciocínios leva à realização do desejo.

Ataque a inimigos imaginários: A relação de amor e a fidelidade ao grupo ao qual se pertence só podem ser equilibradas por uma relação de ódio a outras pessoas, povos e comunidades. O ódio ao outro, compartilhado pelos participantes, é um dos elementos necessários para manter a integração, sendo que o amor às pessoas internas ao grupo só parece existir se houver um sentimento de ódio, na mesma proporção, aos indivíduos que não pertencem a ele. Um grupo é escolhido como “inimigo” e a ele é atribuído todas as qualidades negativas, bem como a culpa por todos os problemas. O preconceito, nesse sentido, pode muito bem ser dirigido contra mais de um grupo – os mesmos problemas podem ser atribuídos a vários grupos diferentes.

Ausência de lógica, substituída por um raciocínio por similaridade: A propaganda autoritária, evidentemente, não se dirige apenas às emoções. Ela também precisa dizer algo ao pensamento e, para isso, precisa ter uma racionalidade. No entanto, os raciocínios apresentados não seguem uma lógica, mas fazem todo tipo de curva e desvio para provar um ponto, mesmo quando isso significa se contradizer. Assim, a ausência de lógica é substituída por um raciocínio por similaridade.

Repetição e estereotipificação: Os poucos slogans, propostas ou palavras são repetidos à exaustão, ainda que seu significado nem sempre seja bem definido. Um pequeno conjunto de ideias, sintetizadas nesses materiais, é incessantemente repetido, de maneira a ser conhecido e memorizado. Para facilitar essa assimilação, a propaganda autoritária deixa de lado qualquer sutileza ou nuance: o mundo é representado a partir de estereótipos, que são usados para classificar rapidamente pessoas e situações.

Ritualidade e performance: Se os rituais e performances são parte integrante da política, na propaganda autoritária eles são os protagonistas. Há uma teatralidade política não só constante, mas também em vários níveis nas atitudes das lideranças, no sentido de reforçar a imagem esperada do movimento. A propaganda, tendo ritualidade e performance, não está limitada a um momento, mas todo o cotidiano se torna uma forma de propaganda.

Como lembra Adorno (2019), uma das características do totalitarismo é exatamente não ter limites (MARTINO; MARQUES, 2021, p. 137-138)

O maquinário filosófico dos artifícios de comunicação nos casos da propaganda fascista nos faz compreender como o processo de personalidade autoritária pode ser organizado em regimes inclusive democráticos. A capacidade das mídias em absorver o pensamento da sociedade e guiá-los para a retórica que acha cabível sempre foi um instrumento poderosíssimo dos meios de comunicação.

Como se argumenta que a propaganda fascista engana as pessoas fazendo-as acreditar que sua situação irá melhorar, então surge a questão: por que elas são tão facilmente enganadas? Por causa, pode-se supor, de suas estruturas de personalidade; por causa de padrões de expectativas e aspirações, medos e angústias há muito estabelecidos que as dispõem a certas crenças e as tornam resistentes a outras. A tarefa da propaganda fascista, em outras palavras, torna-se mais fácil dependendo do grau em que potenciais antidemocráticos já existem na grande massa de pessoas. (ADORNO, 2019, p. 88)

Para Adorno os potenciais antidemocráticos e aspectos de uma personalidade autoritária são essenciais para que o fascismo possa crescer, tal qual uma erva daninha é necessário que tenha um terreno propício. Ao iniciar seus estudos para compreender o preconceito intitulado “A personalidade autoritária” em 1950, Adorno precisou recomeçar sua vida após a fuga da perseguição nazista em Los Angeles, Califórnia em 1941. Lá iniciou seus estudos na Universidade de Berkeley onde tinha a intenção de compreender a “conexão entre as manifestações individuais de preconceito e as determinações sociais e culturais que incitam os sujeitos preconceituosos” (COSTA, 2021, p.347). O estudo dirigido por Adorno tinha a intenção de responder questões que nos rondam até hoje: o nazismo é capaz de se repetir? Quais condições foram propícias para que isso acontecesse em uma sociedade como a Alemanha, que passava por um período pós-guerra, aparentemente reerguendo sua economia e reconstruindo sua história com sinais de uma democracia alcançando sua solidificação? Como a população alemã durante a década de 1930 engajou com fervor um regime discriminatório e nitidamente equivocado? Todos nós já nos perguntamos isso, como foi possível e ainda é imaginável que se repita?

A propaganda nazista era notoriamente forte e sedutora, mas a sociedade que se converteu ao nazismo foi de extrema importância para esse processo acontecer. Para responder essas perguntas, Adorno em conjunto com seu grupo de estudos decidiu realizar uma série de entrevistas com diversas pessoas com distintas classes sociais, idade, e convicções políticas para traçar uma mentalidade fascista. A gênese dessa pesquisa hesitou em trabalhar com a hipótese de se fazer o mesmo que Adorno,

entrevistar jovens de distintas realidades para tentar responder essa cartografia de traços autoritários, mas como o próprio Adorno alerta em seus estudos as respostas dos questionários não seriam abertamente fascistas ou autoritárias. Raros grupos são evidentemente fascistas em suas falas, existe cautela em suas ações quando são questionados ou observados, claro isso se aplica a grupos que se reconhecem com tais características, quando um grupo apenas flerta com pensamentos autoritários fica ainda muito mais difícil de compreender seu direcionamento. Como então adquirir esse mapa de tendências? Junto ao seu grupo de estudos, o autor desenvolveu um questionário onde os entrevistados respondiam a perguntas de conteúdo político indireto.

Uma das maiores descobertas do presente estudo é a de que indivíduos que apresentam extrema suscetibilidade à propaganda fascista tem muito em comum (eles exibem numerosas características que juntas formam uma “síndrome”, embora variações típicas no interior desse padrão maior possam ser distinguidas. (ADORNO, 2019, p.72)

Por meio de afirmações indiretas, como por exemplo o uso de frases que são ainda presentes do nosso cotidiano, como: “não tenho nada contra, só não quero ser obrigado a conviver com essa gente” ou “nada contra, só acho estranho”, os pesquisadores de Berkeley entenderam que realizar o questionário através da concordância ou discordâncias dessas frases surtiria mais efeito do que perguntas diretas (MARTINO; MARQUES, 2021). A partir das respostas o estudo fez compreender que existe uma pré-disposição em aderir aquilo que a propaganda fascista estimula, as pessoas que aceitam os argumentos apresentados pelo fascismo demonstram características autoritárias e principalmente a construção de um caráter. Sendo assim, os pesquisadores de Berkeley ao lado de Adorno criaram uma escala de tendências para identificar traços autoritários – nomeada como Escala F, escala do fascismo. Através de frases com visões mais democráticas ou mais autoritárias, o grupo de entrevistados escolhiam qual frase concordavam. Entretanto é necessário cautela:

Quanto mais a pessoa expressava concordar com a frase, mais pontos fazia na Escala F, e quanto mais alta a pontuação, maiores os traços autoritários indicados. Mas é preciso tomar cuidado com essa afirmação: segundo o próprio Adorno, muitos desses aspectos autoritários eram inconscientes e, portanto, desconhecidos pela própria pessoa. Um indivíduo poderia muito bem revelar esses traços na pesquisa ao mesmo tempo em que, externamente, não apresentaria nenhuma tendência autoritária ou preferência por regimes totalitários. (MARTINO; MARQUES, 2021)

Os traços autoritários de uma personalidade são construídos de acordo com a realidade com que esse indivíduo vive, a maneira como a realidade é dada, absorvida e devolvida sem transformação (GOMIDE; MACIEL, 2015). Se dentro de uma democracia existem questões frágeis em pontos de cultivo de uma participação popular, uma democracia com diversas rachaduras como ausência de direitos para uma parcela da população, corrupção das responsabilidades políticas e dos caracteres sociais, o próprio regime capitalista cuida para que a busca por uma sociedade mais igualitária seja rompida.

O século XXI, com o advento das mídias sociais como carro chefe das comunicações, tem sido uma espécie de repetição do século XX em questão da força da propaganda e capacidade de influenciar pessoas. As mídias sociais deixam de ser uma mera distração ou um aparato cultural da nossa geração e passam a ser um instrumento importante de influência cultural, econômica e política no mundo globalizado. Os bons instrumentos são também os maus instrumentos do cenário comunicacional, no caso da propaganda fascista e de personalidade autoritária levantada por Adorno esse instrumento aponta para elementos e novos processos que traduzem sociedades, tanto durante o surgimento do fascismo como partido político durante a década de 1930, quanto para o movimento neofascista nas redes e ruas hoje em dia.

Demos início ao capítulo com essa discussão delicada para servir como alicerce, para traçar uma linha de pensamento sobre os flertes que nossa sociedade brasileira possui com a organização estrutural fascista.

2.2 A face do desejo

‘Por que os homens combatem por sua servidão como se se tratasse da sua salvação?’. A frase localizada no “Anti-Édipo” de Deleuze e Guattari guia-nos através de nossos questionamentos sobre como algumas movimentações ao longo da história defenderam ideias que deixaram a sociedade em um estado pior do que se encontrava? O que explica que gerações busquem por soluções que aumentem a opressão e limitem os direitos de expressão? No Brasil tivemos intervalos elucidativos que exemplificam essa busca por mudanças político-sociais apoiado por parte da população: a ditadura do Estado Novo, por exemplo, durante a década de 1930 Getúlio Vargas criou um “estado policial”, de exceção, sem garantia das liberdades individuais, sem liberdade de expressão e sem direitos políticos e civis; em 1964 o

golpe civil-militar estabeleceu censura a imprensa, restrição de direitos políticos, perseguição policial aos opositores do regime; em 2015 os atos a favor impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff guiados, mais tarde, por sentimentos conservadores e saudando algumas ações antidemocráticas, como exemplo os pedidos de intervenção militar. O que mais chama atenção é que todos esses três exemplos citados acima contaram, em alguma instância, com apoio de alguns grupos da sociedade civil com as manifestações nas ruas, o apoio a essas ações, a defesa de um Estado conservador, autoritário e muitas vezes violento. Um pedido por parte das massas, uma exigência para “ordem” e “progresso” da sociedade brasileira. A construção dessa identidade, desse apelo por signos do autoritarismo, esse pedido realizado por alguns grupos da sociedade civil seria impossível sem o auxílio dos aparelhos midiáticos. O apoio desses grupos civis da sociedade é nítido também em cenários mundiais, como nos movimentos de extrema direita do início do século XX: o movimento nazista na Alemanha, o Fascismo Italiano, o Regime Franquista na Espanha, o Salazarismo de Portugal, entre outros movimentos. Todos esses movimentos contaram com a participação ativa de alguns grupos da sociedade. Partiram de um desejo submerso dentro de cada apoiador, que ao escutar o som ressonante de seus ideais saíram de suas cavernas em direção a luz creditada por esses grupos, uma luz de elucidação e resolução para os complexos problemas econômicos, sociais e políticos das sociedades em distintas realidades e em distintos tempos históricos.

Wilhelm Reich, em seu livro *Psicologia das massas do fascismo*, escreveu sobre o contexto da ascensão nazista alemã em 1933, realizando suas análises enquanto o movimento tomava forma. Reich (1988) diz que as ações políticas das massas não são determinadas simplesmente por condições socioeconômicas. O autor nos orienta que a situação econômica e a situação ideológica das massas não coincidem necessariamente e sim são extratos para que seja explicado ações e pensamentos políticos das massas. São as condições materiais que determinam ou auxiliam a determinar a superestrutura de uma sociedade. Para Reich as condições que determinam um alinhamento de discurso entre as massas, a estrutura do caráter do homem médio tem como motivação essencial a sexualidade reprimida.

A inibição moral da sexualidade natural na infância, cuja última etapa é o grave dano da sexualidade genital, torna a criança medrosa, tímida, submissa, obediente, "boa", e "dócil", no sentido autoritário das palavras. Ela tem um efeito de paralisação sobre as forças de rebelião do homem, porque qualquer impulso vital é associado ao medo; e como sexo é um assunto

proibido, há uma paralisação geral do pensamento e do espírito crítico. Em resumo, o objetivo da moralidade é a criação do indivíduo submisso que se adapta à ordem autoritária, apesar do sofrimento e da humilhação. Assim, a família é o Estado autoritário em miniatura, ao qual a criança deve aprender a se adaptar, como uma preparação para o ajustamento geral que será exigido dela mais tarde. A estrutura autoritária do homem é basicamente produzida - é necessário ter isso presente - através da fixação das inibições e dos medos sexuais na substância viva dos impulsos sexuais. (REICH, 2001)

O fascismo em sua forma mais pura neste caso, é o somatório de todas as reações irracionais do caráter do indivíduo médio. Ainda que seja suscitado o pensamento de Reich, com fins para um contexto geral do que o autor acredita ser uma das origens da atração de ideais das massas e um dos retalhos dessa enorme colcha, é preferido seguir com o pensamento de Deleuze e Guattari. Os autores franceses utilizam uma terminologia que cabe melhor a este capítulo, o desejo:

Deleuze e Guattari não irão usar a ideia de estrutura, não dividindo a sociedade em camadas ou estratos. Seu princípio único de produção do real será o desejo. Também não dirão que se trata de ações irracionais, como se isso explicasse alguma coisa. Além, é claro, de não manter a relação moral entre o racional e o bom, e tampouco defender alguma racionalidade pré-formatada para o desejo. A total manipulação das massas a partir da propaganda, ou da mídia, como se diz hoje, também não é uma explicação suficiente. Reich diz que sempre será papel do fascismo iludir as massas e, com certeza, ninguém tem mais noção de sua própria situação de pobreza do que próprio o pobre. Logo, “quando a reação política obtém êxito com uma certa propaganda ideológica, este não pode ser atribuído unicamente à cortina de fumaça. (...) É na capacidade das massas para absorver essas ideias — aquilo a que chamamos a ‘base de psicologia de massas’ do ditador — que constitui a força do fascismo. Por isso, é imperativo conseguir compreender inteiramente este fenômeno” (CAMARGO, G., 2018, p. 6 apud REICH, W., 1988, p. 102)

Uma geração apresenta experiências e concepções baseadas naquilo que ela absorve naturalmente ou por escolha dentro da sua narrativa sócio-histórica. Uma geração é fortemente inspirada por elementos que determinam suas experiências, e é dentro dessas experiências que culminam pensamentos distintos que traduzem unidades geracionais distintas (Gonçalves & Weller, 2021). Para Guattari (1981) o conjunto maquínico do fascismo faz e refaz através de acomodações de subconjuntos e componentes maquínicos, cuja combinação pode determinar distintas fórmulas de poder.

Há toda espécie de fascismo, toda espécie de stalinismo e toda espécie de democracia burguesa. E estes três conjuntos se deslocam em numerosos subconjuntos, desde que se venha a considerar a situação das componentes, como a máquina industrial, a máquina bancária, a máquina militar, a Igreja etc. O importante seria chegar-se a desvendar os componentes que fizeram funcionar essa ou aquela fórmula de poder. (GUATTARI, 1981, p.175)

No prefácio para “O anti-Édipo” intitulado “Introdução a uma vida não fascista”, Michel Foucault em seus escritos realiza uma explanação sobre fascismo. Não apenas o fascismo estatal presente na sociedade, mas também o desejo fascista que habita dentro de nós, os microfascismos. Foucault apresentará o que Félix Guattari define como o desejo fascista que habita em nós, a dimensão molecular do fascismo. Se é algo que habita em nós é possível que saibamos reconhecê-lo ou até mesmo vigiá-lo para compreender e quem sabe eliminá-lo? O fascismo possui inúmeras perspectivas de ação: o fascismo de Estado, aquele que busca uma centralização através de organização partidária, sendo ele o fascismo molar deve ser estudado ao lado do fascismo molecular, isto é, aquele que encontramos cotidianamente nas relações, aquele capaz de metamorfosear em contextos dentro da normalidade das relações humanas, nas relações de convivência social, dentro do ambiente de trabalho, das relações de gênero, relações raciais etc.

Os componentes moleculares do fascismo para Guattari nos diz que este poderá habitar distintos campos das relações cotidianas, dentro até da macropolítica quanto na micropolítica. Um mesmo fascismo pode habitar através de uma espécie de banho maria cozinhando sintomas nas escolas, na família, no racismo, nos guetos de toda a natureza. É como se toda a máquina totalitária experimentasse diversas estruturas para compreender como se adaptar a cada uma delas.

“Dever-se-ia, portanto, renunciar definitivamente a fórmula demasiado simplista do gênero: ‘o fascismo não passará’. Ele só já passou, como passa sem parar. Passa através da mais fina malha; ele está em constante evolução; parece vir de fora, mas encontra sua energia no coração do desejo de cada um de nós. Em situações aparentemente sem problemas, catástrofes podem aparecer de um dia para o outro. O fascismo assim como o desejo, está espalhado por todas as partes, em peças descartáveis, no conjunto do campo social; ele toma forma num lugar ou noutro, em função das relações de força. Pode-se dizer dele, ao mesmo tempo, que é superpotente e de uma fraqueza irrisória” (GUATTARI, 1981, p.188)

É possível ler também em Reich (2001) a afirmação de que abrigamos o fascismo dentro de nós, quando o autor diz: “As minhas experiências em análise do caráter convenceram-me de que não existe um único indivíduo que não seja portador, na sua estrutura, de elementos do pensamento e do sentimento fascistas”. É fundamental aprendermos essa relação deixada por Reich: todos somos portadores de um pensamento e sentimento fascista e é essa lógica, que este autor chama de estrutura do caráter. É importante marcar que as ações autoritárias dos governos são desejadas e aplaudidas por boa parte da população. É essa cultura de subjetividades fascistas que está diretamente ligada à análise do desejo em nossa coletividade.

Sendo estimulados pelo pensamento de Foucault, a ética é não apoiar ou ser fascista no sentido molecular e micropolítico, mas como não o ser uma vez que nossa sociedade está imersa na produção de cotidiano e sujeitos fascistas? O indivíduo é produto do poder, e este indivíduo se interessa categoricamente pelo poder uma vez que é influenciado pela sociedade a sê-lo: relações hierárquicas, repetidor de estratégias de poder e controle, como desvincular o discurso do fascismo dos corações e manutenção dos prazeres? Para Foucault ser revolucionário é saber “Como se introduz o desejo no pensamento, no discurso, na ação? Como o desejo pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de reversão da ordem estabelecida?”

Para Guattari no início de seu texto “Micropolítica do fascismo” o autor indica que para compreender o desejo no campo social é necessário partir da compreensão do que o desejo fascista produz. Para o autor o desejo não é uma falta e sim uma produção da realidade, se nossa realidade é permeada por microfascismos, é preciso entender a conexão destes com o desejo que os envolve.

Deleuze e Guattari contrapõem-se a Reich neste sentido, enquanto Reich afirma que o fascismo é fruto de uma contradição interna às pessoas e por isso o fazem agir de maneira irracional, Deleuze e Guattari dizem que existe sentimento desejante e por isso não irracional pelo fascismo. Se o desejo produz, produz realidade: “a produção social é unicamente a própria produção desejante em condições determinadas”. A existência de uma repressão política, de controle estatal, controle midiático para manipulação das informações ou instituições é importante para dizer que existe uma relação de desejo dessa realidade. Como é possível manipular as massas sem que exista um produto desejante de uma parcela considerável dessa população?

Uma simples repressão maciça, global, cega não é mais suficiente. O capitalismo é obrigado a construir e impor seus próprios modelos de desejo, e é essencial para sua sobrevivência que consiga fazer com que as massas que ele explora os interiorizem. Convém atribuir a cada um: uma infância, uma posição sexual, uma relação com o corpo, com o saber, uma representação do amor, da honestidade, da morte etc. As relações de produção capitalistas não se estabelecem só na escala dos grandes conjuntos sociais; é desde o berço que modelam um certo tipo de indivíduo produtor-consumidor (GUATTARI, 1985, p. 188)

Para os autores franceses existe uma separação entre os significados de interesse e o próprio desejo, ambos não são sinônimos. Enquanto para o desejo nasce de um sentimento inconsciente, é possível desejar contra seus próprios interesses. Já

o interesse por outro lado, inclui o campo social já produzido, enquanto o desejo cria a realidade. Manter uma sociedade desigual como a nossa implica mais do que enganar as pessoas, trata-se de produzir subjetividades colonizadas dispostas a aceitar a submissão e desejá-la em larga escala. A ideia de manipulação pressupõe um sujeito pronto que toma uma decisão errada, mas se for esclarecido, acertará a verdade. Segundo Camargo (2018, p. 167) a produção de subjetividade, por sua vez, é um processo de constituição do sujeito, produzindo-o de modo não apenas a acreditar em algo que lhe é prejudicial, mas a desejar esse algo, isto é, a combater pela sua servidão como se fosse por sua liberdade. Camargo nos direciona a compreender Deleuze e Guattari no instante em que é possível observar que a macropolítica só é capaz de funcionar a partir de uma micropolítica. Quanto mais violenta ou passiva seja as relações interpessoais, mais a macropolítica poderá ser autoritária:

Não há senão o micro fascismo para dar uma resposta à questão global: por que o desejo deseja sua própria repressão, como pode ele desejar sua repressão? É verdade que as massas não suportam passivamente o poder; elas tampouco "querem" ser reprimidas, numa espécie de histeria masoquista e tampouco estão enganadas por um engodo ideológico. Mas o desejo nunca é separável de agenciamentos complexos que passam necessariamente por níveis moleculares, micro formações que moldam de antemão as posturas, as atitudes, as percepções, as antecipações, as semióticas etc. O desejo nunca é uma energia pulsional indiferenciada, mas resulta ele próprio de uma montagem elaborada, de um engineering de altas interações: toda uma segmentaridade flexível que trata de energias moleculares e determina eventualmente o desejo de já ser fascista. As organizações de esquerda não são as últimas a secretar seus micros fascismos. É muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas. (DELEUZE, G. GUATTARI, F. 1996, p. 85)

A partir disso, é possível nos transportarmos para algumas pistas: existe um desejo que é alavancado pela sociedade, um desejo molecular que habita as sociedades de controle que podem ser estimulados por potências, isto é, o poder de ser afetado por algo. Quando trazemos à tona movimentos autoritários ao longo da história percebemos que existe uma parcela da sociedade que apoia, por identificação motivada pela potência de ser afetado. Como disseram os autores somos nós, a sociedade, que nutrimos e entretemos com moléculas pessoais e coletivas dos movimentos diluídos nos produtos de ordem fascista.

2.3 Propaganda Integralista, um possível início da mídia para juventudes.

O jogo de xadrez nada mais é que um dos mais antigos jogos de tabuleiro existentes no mundo, nele é apresentado trinta e duas peças de seis tipos para cada

oponente e sessenta e quatro casas em seu tabuleiro. Cada peça tem sua importância, sua estratégia e possibilidade de captura das peças de seus oponentes. O jogo requer atenção, construção e reconstrução de estratégias. Sua origem é controversa, há relatos de que tenha surgido no Egito, outros relatos que tenha surgido na China, entretanto há registros mais contundentes de que o jogo que conhecemos hoje surgiu na região do Ganges, na Índia durante o século VII com o nome sânscrito de *chaturanga* (CASTRO, 1994). Um jogo que foi se adaptando com o tempo e com as culturas por mais de mil anos. Considerado um jogo de guerra e não um jogo de azar foi permitido e eternizado em diversas civilizações no Oriente e mais tarde aceito pelo Ocidente. Cada uma das peças se move de uma maneira distinta: o rei pode se 'mover para todas as direções, vertical, horizontal ou diagonal desde que seja um lance por vez; já a rainha, a peça mais poderosa do jogo, pode mover-se pelas colunas, fileiras e pelas casas diagonais do jogo; o bispo representa o conselheiro da monarquia, sempre ao lado do rei e da rainha, se movimenta na diagonal; o cavalo movimenta-se sempre em "L", ou seja, duas casas para frente ou para trás e uma para a esquerda ou direita. A torre se movimenta em direção reta pelas colunas e fileiras. O peão movimenta-se apenas uma casa para frente e captura outros peões e peças em diagonal. Ao contrário das outras peças, o peão não pode mover-se para trás.

O xadrez é um jogo de guerra. As peças que conhecemos hoje, nasceram de um imaginário estratégico fundamentado em alicerces de controle e hierarquia: a torre representa uma peça de defesa, tal qual seu nome, funciona como algo sólido que se defende de ataques e protege contra aquilo que está por vir. O cavalo é uma peça de ataque, usada para controlar pois é a única peça que pode pular as demais, sobrepor, apresentar as estratégias; já o bispo é uma peça de estratégia pois consegue movimentar-se entre várias casas apenas com uma jogada desde que seja sempre na diagonal, consegue dialogar com seu oponente e abrir caminho para outras peças de seu próprio jogo. Escolheu-se a analogia do xadrez para a elucidação desse capítulo pois o jogo está para a estratégia assim como os atores das direitas estão para o jogo político. A tríade do nacionalismo, da mídia e do uso da religião parece compor os ingredientes para que a direita, que preocupa o caminho democrático do país, se solidifique e transforme em algo incontrolável.

O maior movimento influenciado pelos ideais fascistas no Brasil surgiu em 1932, foi o nacionalista e autoritário partido político chamado Ação Integralista Brasileira (AIB), capitaneado por Plínio Salgado. É interessante o processo de

formação e os princípios do movimento, pois calcava-se em um projeto inicialmente intelectual até tornar-se popular em seus objetivos e na sua propaganda. Plínio Salgado era um homem do interior de São Paulo, de São Bento do Sapucaí; o escritor e jornalista sempre esteve presente no circular de ideias de sua época. Apesar dele mesmo dizer que sua filosofia era inédita, admirava e muito o fascismo italiano e português. Plínio buscava com sua filosofia autoritária e nacionalista, romper com as tradições da velha política com seu discurso antiliberal, anticomunista baseados em uma concepção cristã radical e conservadora (Gonçalves; Neto, 2020). Ao fundar a AIB, Plínio Salgado dirigiu-se ao Teatro Municipal em São Paulo e com apoio dos intelectuais nacionalistas e admiradores do que ocorria na Europa com o avanço do fascismo, realizou a leitura do documento que seria uma certidão de nascimento do movimento, o Manifesto de Outubro⁹:

No *Manifesto*, os integralistas faziam elogios à autoridade, críticas aos partidos políticos e defendiam o princípio da autoridade. Ademais, denunciavam uma conspiração contra o Brasil e propunham um programa social para defender a família conservadora, bem como um Estado de tipo fascista, o Estado Integral.

A ligação religiosa passa a ser um dos principais sustentáculos do movimento integralista. O lema “Deus, pátria e família” se encaixavam perfeitamente nos princípios da doutrina, conforme expresso no *Manifesto*: Deus (que dirige o destino dos povos), pátria (nosso lar) e família (início e fim de tudo). O documento foi aberto com a expressão “Deus dirige o destino dos povos”, o que deixava clara a importância da questão religiosa e espiritualista no discurso e no imaginário integralista, assim como o caráter messiânico estabelecido no movimento em torno da imagem de Plínio Salgado. (GONÇALVES; NETO, p.14, 2020)

Deus, pátria e família fazem parte da doutrina para alcançar as pessoas através de um discurso conservador e patriótico, sem dúvidas. O slogan por si só já capta inúmeros adeptos para uma nação religiosa e conservadora como o Brasil, mas é na propaganda estratégica que esse movimento atrai camadas de distintos campos e tempos. O partido permaneceu em atividade até 1937, por cinco anos utilizou-se do discurso doutrinário para sustentar a fama de ser o primeiro movimento político de massas em território brasileiro. Sua principal arma política estava na mídia, através da imprensa foram fundados cento e trinta jornais e revistas de circulação nacional ligados ao partido de forma oficial.¹⁰

⁹ O Manifesto de Outubro encontra-se na íntegra e on-line no site da Ação Integralista Brasileira. Disponível em: < <https://integralismo.org.br/manifesto-de-7-de-outubro-de-1932/>> Acesso em: 12 set. 2022

¹⁰ O Integralismo atribuiu à imprensa um papel central na doutrinação. A estrutura era respeitável: jornais diários nos principais estados do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Maranhão, Ceará, Bahia, Pernambuco e Alagoas), além de semanários e quinzenários

A principal estratégia midiática, como já mencionado, estava direcionada ao jornal impresso, principal meio de comunicação de ideias do período. A partir de 1935, três anos após a formação da AIB, o cenário político exigia uma mudança de estratégia. A conquista do voto feminino, a formalização do partido que saía do cenário revolucionário e preenchia agora um cenário eleitoral com intenções para as eleições presidenciais de 1938. Agora a necessidade de ampliação do público das revistas integralistas era visível, era necessário atingir novas camadas sociais, entre eles jovens e mulheres, todo voto era importante e para isso a caracterização dos textos deveria ser adaptada. A linguagem passou a ser menos formal, a utilização de imagens e charges, iconografia e o próprio fotojornalismo. A estratégia discursiva se concentrava na desconstrução do discurso de seus opositores com um discurso moralista.

Um dado interessante levantado por Santana (2011) é que o próprio movimento no início de sua fundação tinha como maioria uma composição etária de jovens com menos de 25 anos de idade, isso se dá ao fato da importância do Departamento de Doutrina sob a direção da emblemática figura de Miguel Reale, na época também com 25 anos. O discurso estava afinado e rompia cenários além da política, cenários próprios do cotidiano.

espalhados por todas as províncias; revistas (Anauê, Brasil Feminino, Sigma e Panorama); um número aproximado de 3.000 boletins e similares com informações sobre os vários núcleos. CAVALARI, R. M. F. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massas no Brasil (1932-1937)*. Bauru: Edusc, 1999. p. 87.

Figura II – Casamento Integralista, 1930



Fonte: Iconografia Integralista (Facebook). Casamento de Elly Ida Dienstmann e Reynaldo Warken, Taquaral – SP, década de 1930

Aqui observamos que o âmbito do cotidiano estava já inundado pela simbologia e pelo apreço da representatividade do movimento presente na celebração matrimonial. Com a presença de camisas-verdes, assim são chamados os integralistas pois a camisa do uniforme é originalmente verde escura e com a braçadeira do sigma Σ . No integralismo a simbologia do sigma está atrelada a dois significados, uma letra grega que corresponde ao nosso “S” sinônimo de soma. É usada para indicar a soma dos finitamente pequenos e era a letra com a qual os primeiros cristãos da Grécia indicavam o nome de Cristo.

Para o integralismo considerava-se que as novas gerações eram o futuro, era o segmento estratégico para a promoção de mudanças na sociedade (Santana, 2011, p. 217). Abaixo percebemos um exemplo real do discurso direcionado aos jovens sobre a necessidade e importância deles no processo político e perpetuação das ideias da AIB:

Figura III – O integralismo precisa de um milhão de eleitores



Fonte: Jornal Acção. Nº. 108, Quinta-feira dia 29 de abril de 1937, p.4.

Os jovens, identificados pelo movimento como *plinianos*, eram jovens que tinham entre 04 e 15 anos. Os demais, com idade superior a 18 anos, tinham um compromisso com o partido ao se alistarem para a causa política (como eleitores e/ou perpetuadores da doutrina política e com a cooptação de novos membros). A juventude era de extrema importância para o movimento, uma vez que era a geração futura de uma nação que precisava ser remodelada, de acordo com a proposta política da AIB.

Figura IV – A mocidade para o Integralismo



Fonte: ANAUÊ, n.VII de 10/05/1936.

No texto da imagem - *"O INTEGRALISMO exige que a mocidade não se entregue aos prazeres, mas dignifique a sua Pátria ao trabalho, no estudo, no aperfeiçoamento moral, intelectual e psysico"* Plinio Salgado.

A convocação do Integralismo para suas juventudes neste recorte em específico transporta seus adeptos para um senso de responsabilidade para com a sua nação. Em tom de instrução, ainda que o verbo imperativo 'exigir' esteja presente, recomenda que sua mocidade esteja atenta e seja forte. A imagem de jovens enfileirados e uniformizados propõe que o aperfeiçoamento da moral, do intelectual e do psíquico era um dever.

Mas afinal, o que motivou as juventudes da década de 1930 a se organizarem e a se identificarem com um movimento de extrema direita que surgiu no Brasil? Quem eram esses jovens? É uma pergunta inicial. Segundo Barbosa (2007, p. 51): "assim como, no discurso falado, a significação é diretamente dependente da mímica, dos gestos e de outros aspectos não articulados do discurso, na escrita a significação está diretamente vinculada ao receptor da mensagem". Ao questionar juventudes, em suas multiplicidades inúmeras, sempre é levado em questão sua personalidade rebelde ou desestimulada em demasia. A juventude é uma categoria "construída socialmente" (BORDIEU, 1983), encaixada em uma sociedade limitante, que não consegue

reconhecer suas potências. As juventudes revelam um dado coerente em 1930 ou 2022: “o problema da juventude não é a juventude, mas os fenômenos políticos, econômicos e sociais que a condicionam” (GROPPO, 2000). Sobre as juventudes da primeira metade do século XX, podemos compreender que:

Os traços que definem esta geração e que são comuns aos jovens situados politicamente tanto à direita quanto à esquerda, são a inquietação, o ceticismo e o antiliberalismo. O conteúdo desta inquietação se exprime na revolução estética, na renovação espiritual e nas insurreições tenentistas. Ao mesmo tempo, as transformações do mundo no pós guerra põem em questão os esquemas tradicionais, e a angústia da nova geração brasileira reflete, igualmente, o clima internacional. (TRINDADE, 1974, p. 107)

As juventudes do início do século XX vivenciaram o contexto da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que trouxeram devolutivas importantes, tanto para juventudes europeias quanto para juventudes não europeias. Os resultados da guerra não eram algo estritamente físico pelo conflito ocorrer na Europa, existia uma relação econômica, social, cultural que fazia com que o mundo inteiro experienciasse suas sequelas. Para Payne (1995, p. 340), em sua obra *A History of Fascism 1914 – 1945*, os governos autoritários e o crescimento do nacionalismo entre guerras, tornou a América Latina um cenário provável para o surgimento de fascismos não-europeus. “O único que alcançou maior significado e, de fato, se tornou o único grande partido latino-americano que, em muitos aspectos, se aproximou do fascismo europeu, foi a Ação Integralista Brasileira” (PAYNE, 1995, p. 345)

Logo após o término da guerra, passaram a ter destaque no recrutamento e no controle de jovens as associações “direitistas”, de cunho “antissemita, antiliberal, e antidemocrático”, prenunciando a onda conservadora e radical que predominaria na primeira metade do século XX, tanto na Europa quanto no Brasil. Com o término do conflito, soldados desmobilizados, “ginasianos, alunos de escolas militares e estudantes universitários em geral” passaram a se organizar em uma série de associações juvenis geridas por movimentos de cunho anticomunista, como a Juventude Fascista, na Itália; a Juventude Hitlerista, na Alemanha; a Mocidade Portuguesa, em Portugal; e a Juventude Integralista, no Brasil. [...] O poder mobilizador que as grandes crises detêm está no fato de que estes períodos e as novas angústias trazidas por eles, de forma muito particular, geram novas necessidades. Destaca-se, primeiramente, o surgimento de uma latente necessidade de personificar todos os problemas nacionais na figura de um ou mais inimigos. Em segundo lugar, tendo sido definido um nome e um rosto que incorpore a culpa por todos os males que assolam a sociedade, os infortúnios que ameaçam a nação tornam-se então combatíveis. Surge, a partir daí, a demanda por projetos políticos que proponham soluções emergenciais – por meio da força, se assim for preciso – para que as ameaças trazidas pela crise, finalmente, possam ser extintas. (SANTORUM, 2018, p. 37 - 38)

As juventudes que aderiram ao integralismo como via de reconhecimento de suas angústias enxergavam no movimento a possibilidade de mudança, de manter

uma sociedade sob os signos do conservadorismo. Com o que ocorreu na Revolução Russa em 1917, o avanço do comunismo passa a ser um inimigo a ser combatido a qualquer custo. O Partido Comunista Brasileiro – PCB fundado em 1922 era uma evidência de influências perigosas para um movimento que repudiava sua representatividade, pois a classe operária estava se organizando e reivindicando seus direitos.

O medo do fortalecimento das bases de esquerda era um perigo eminente tanto para os integralistas quanto para o governo de Getúlio Vargas. A propaganda contra o comunismo era extremamente forte. Percebe-se que na manchete, presente no recorte de jornal logo abaixo, onde se diz: “Doutrina aparente e criminosa. Guerra ao imperialismo e ao fascismo” – um movimento que se identificava com os signos do fascismo português e italiano não se enxergavam, pelos menos neste primeiro cenário de 1935, como um movimento que era nitidamente fascista e com uma retórica de doutrinação. O perigo estava próximo:

Figura V– Manchete sobre o perigo do comunismo



Fonte: Jornal “A Razão”, Ano I. n.10. Curitiba, 05 de jul. 1935

A comunicação objetiva, através de textos chamativos e garrafais, era uma habilidade da imprensa construída pela AIB, recorda-se que houve a necessidade de uma adaptação de sua maneira de se comunicar. A convocação é direcionada a uma nação e não apenas aos seus membros: “Brasileiros, alerta!”. O nacionalismo estava presente em todas as oportunidades de propagação dos seus ideais.

A atração provocada pela ideia de um Estado ideal após a guerra, passava a unir em uma ação comum as multidões que buscavam uma cura universal para os males que assolavam as nações. O fatídico contexto instaurado no pós-guerra reunia, assim, os ingredientes fundamentais para a emergência de um nacionalismo marcado por um extremismo nunca visto. O cenário de crise devastadora aliado ao surgimento de uma massa sem crenças, identidades ou esperanças fornecia, assim, o estopim da radicalização nacionalista. Emergindo justamente pelo esforço de criar uma crença política, o nacionalismo do pós-guerra surgia em resposta às novas aspirações da sociedade (SANTORUM, 2018, p. 40)

Outro fator interessante é como a juventude para os integralistas passa a compor um símbolo importante para a disseminação de suas ideias nos meios midiáticos, o jovem representava o futuro e a coragem em construir uma nova nação. A AIB era um movimento de mocidade, como o seu fundador gostava de lembrar, eram os jovens que iriam compreender a doutrina do sigma em sua totalidade.

As mentalidades crepusculares não entenderão estas palavras. Mas eu não falo aos gastos, aos que já não governam os próprios movimentos, aos que acompanham a onda e já se conformaram com todas as monotonias. Falo aos que são moços e aos que se rejuvenesceram pela libertação da inteligência e pelo milagre da palavra nova. (SALGADO, 1936, p. 146)

A construção do que o integralismo entendia como juventude estava além do conceito de idade, ser jovem era ter alma e coragem de um verdadeiro herói. Para Plínio Salgado seu desejo era que “os “camisas-verdes” de todas as idades não envelheçam. Essa é uma palavra de ordem!” (1936, p. 7). A imagem da mocidade integralista era frequente em seus jornais e revistas, as famílias desde cedo incentivavam o sentimento nacionalista e por vezes usavam a imagem de suas crianças para dizer em nome delas:

Figura VI – Carta endereçada à redação da revista Anauê!



Fonte: ANAUÊ! Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 01, p. 63, jan. 1935.

A doutrinação do jovem através da imprensa era uma ferramenta extremamente engajada, uma vez que sua intencionalidade estava conectada entre demonstrar o crescimento dos jovens adeptos ao movimento e em conquistar novos integrantes. A lógica do discurso estava atrelada a dar encaminhamentos para a situação que o país se encontrava, em constante risco da ameaça comunista (presente em suas manchetes), a necessidade de restaurar a moral e os bons costumes que os cidadãos estavam perdendo e a restauração da fé religiosa. Um discurso messiânico para a salvação nacional com fins para realização de uma obra sistemática de educação e aculturação de massas (SANTORUM, 2018, p.130). Em a “Doutrina do Sigma” (1935, p.35) o líder integralista diz: “Como se pode obter a “ordem espiritual”? Pela doutrinação, pela propaganda, pela educação constante, paciente, das massas populares”.

Todo um conjunto de estratégias foi elaborado visando a propagação da doutrina integralista e a posterior arregimentação de novos adeptos, especialmente os indivíduos jovens. A mística integralista dotada de ritos, símbolos, cerimoniais e imagens discursivas era arquitetada e instrumentalizada através do rádio, dos livros, das sessões doutrinárias, das atividades de militância organizadas pelas secretarias e, principalmente, através da imprensa oficial do partido que, especialmente a partir de 1935, elevou o jovem ao patamar de alvo central de seu discurso.

Depois de analisar a juventude politicamente radical do pós-guerra e o processo de fascistização do jovem em relação ao contexto da era fascista – e a compreensão integralista acerca da figura do jovem e de seu papel perante a sociedade –, é possível analisar a estrutura doutrinária do integralismo para com as categorias juvenis através da imprensa. A partir disso se poderá apontar de que forma o jovem era utilizado ora como alvo, ora como mais um dos instrumentos propagandísticos do integralismo. (SANTORUM, 2018, p.132).

A revista ilustrada Anauê teve sua primeira edição em 1935 e durou até 1937, contando com 21 edições em sua totalidade. Era uma revista com publicações mensais e que circulava tanto entre membros da própria AIB quanto o público geral. Utilizava-se de uma linguagem didática, atraindo o grande público, o principal objetivo de seus redatores: “Com o objetivo de divulgar, em linguagem acessível a todos, a doutrina integralista” (ANAUÊ, n.º I). A contribuição da revista foi essencial para a construção da representação integralista e difusão ideológica, a revista Anauê era apenas um dos veículos que compunham a Sigma Jornais Reunidos, dentro do corpo midiático existiam A Offensiva, Acção, A Marcha, O Monitor Integralista, O Aço Verde e Ra Ta Plan. A iconografia consolidada do movimento integralista foi de tamanha importância, pois encabeçava uma nova estratégia comunicacional e um novo tentáculo político: o uso da mídia para ascender e consolidar adeptos.

Figura VII – Mocidade integralista



Fonte: Revista “Anauê!”, ano III. n.17. jul. 1937.

Percebe-se novamente como a imagem da juventude é utilizada nas revistas como tradução do imaginário de seus leitores. A revista Anauê! Recebia inúmeras correspondências de seus leitores apresentando suas realizações dentro do próprio

movimento da AIB, através de fotos, encontros e textos. O jovem era associado sempre a imagem do futuro, do frescor de uma geração que colocaria o Brasil nos eixos: “formação pliniana” tinha, a finalidade de: “educar a criança absolutamente integrada na plenitude dos ideais do Sigma, para que seja um brasileiro consciente de suas energias vitais, [...] para o sentido de construir uma Pátria consciente, também, dos seus destinos magníficos (AIRES, 1959, p. 42)

O objetivo da explanação sobre a construção midiática da AIB para essa pesquisa é a tentativa de compreender como os meios de comunicação são indispensáveis hoje para a construção política. O movimento integralista soube fazer isso de maneira exemplar e estritamente profissional, moldou uma sociedade através de um “entretenimento político”. Muito do que será tratado no terceiro capítulo dessa dissertação, a construção das mídias das novas direitas de 2013 a 2018, só foi possível de ser analisado pois houve quem exercesse esse papel antes. Uma organização de cunho fascista, a AIB, abriu as portas para que a lógica da mídia fizesse sentido para a construção publicitária de retórica das extremas direitas durante o século XXI.

2.4 Os movimentos das novas direitas do século XXI

Este capítulo foi iniciado contando que o xadrez não é um jogo de azar e sim um jogo de guerra, tal qual a política. Deus, pátria e a família são como peças para construção do jogo político do século XX assim como para o século XXI, o resgate desses ideais não é à toa. Como uma espécie de permanência histórica, o bispo, o cavalo e a torre (Deus, pátria e família) continuam se movimentando em posicionamento estratégico para a construção de uma nação ‘ideal’. As juventudes de ambos os períodos históricos tornam-se peça-chave para perpetuação desses ideais, pois é possível com eles nos jornais da década de 1930 ou nas redes sociais dos anos pós-2013.

Desde as Jornadas de Junho de 2013 o Brasil tem assistido a mudanças e transformações em sua democracia: na maneira de se fazer política, na disseminação de informações, no compartilhamento do discurso de ódio, nas liberdades individuais etc. A pesquisa se desdobrou em analisar o período de 2013 a 2018 para tentar compreender o avanço das novas direitas no século XXI, após um breve panorama apresentado pela forte inclinação fascista do Movimento Integralista poderemos observar suas influências nos movimentos das novas direitas hoje. Dentro deste

recorte histórico (2013 – 2018) ocorreram inúmeros eventos políticos na história brasileira, são eles: as manifestações de junho de 2013, conhecida como Jornadas de Junho; o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff em 2016 e as eleições presidenciais de 2018. A tríade desses acontecimentos parece fundar uma nova fase da república brasileira, uma fase marcada pela perigosa e não saudável polarização política e a exposição de fragilidades em nossa democracia.

Breve olhar sobre: as Jornadas de Junho de 2013 e as redes sociais

Toda história é o presente de alguém. Foi assim com Tucídides e tantos outros historiadores contemporâneos aos seus eventos históricos, e será este o caso também. Aqui pretende-se debruçar sobre a perspectiva da história do tempo presente, árdua tarefa que consiste em estar em movimento no presente dado pelo tempo. “O historiador do tempo presente é contemporâneo do seu objeto e, portanto, partilha com aqueles cuja história ele narra.” (Chartier, 1996, p. 216). A história será escrita enquanto houver memória. Mas qual memória? Chartier nos alerta sobre a partilha da nossa narrativa vivida, no que se fundamenta uma memória em tempos tão árdus e imprecisos? Como a memória é construída em tempos de desinformação e uma febril tormenta de um passado doloroso? O historiador que decide se desdobrar sobre os eventos de seu tempo não tem como prever o que houve após e sim o que houve antes, ele tateia sob as sombras que suas fontes timidamente apresentam. Ficaremos com o conselho de Tucídides: trabalhe com os primeiros sintomas da guerra.

A história do Brasil possui múltiplas facetas, desde os primeiros registros dos europeus durante o período colonial até os últimos suspiros da história que está sendo escrita agora. Houve sempre a versão da história dos vencedores, agora temos a oportunidade de ouvir a história dos vencidos. E a história de quem ainda não sabemos se foi conquistador ou conquistado? Triunfante ou derrotado? Há uma frase que norteia essa pesquisa desde o instante em que ela foi dita: “Não gostaria de estar no lugar dos que se julgam vencedores. A história será implacável com eles”, essa frase originalmente dita pelo saudoso Darcy Ribeiro foi citada pela ex-presidenta Dilma Rousseff em seu discurso após sofrer golpe em 2016, a segunda chefe do executivo a sofrer um impeachment da história de uma recente democracia. A quem Dilma Rousseff se refere quando se refere aos vencedores?

As jornadas de junho de 2013 são o pontapé inicial desta pesquisa, isto é, nosso presente (figurado ou não). Ali uma nova fase do Brasil contemporâneo parece se desenhar, parece que as coisas caminhariam para um rumo diferente – e de fato caminhou. Um grande terremoto social desestruturou as redes e as ruas, milhares de jovens em diversas capitais manifestaram contra o inofensivo aumento das tarifas de transporte – era o aparente silêncio de um começo. Em 2013 aconteceu tudo de maneira rápida, “o gigante acordou!” Os cartazes diziam que milhares de pessoas nas ruas indignados com o aumento das tarifas de transporte protestavam contra a correção anual – eles: estudantes colegiais e universitários em sua maioria. Durante os anos de 2011 a 2013 o país enfrentou grande crescimento dos níveis de inflação, somente em 2011 a inflação alcançou a taxa de 6,64% (o tomate se transformou em um item de “luxo”, o alimento símbolo da crise por ter seu preço aumentado em 122% rendeu grandes enredos na internet, parece inofensivo, mas ali cresce uma nova ferramenta política através do humor e da ironia: a memetização¹¹) e junto ao tomate, a inflação e as tarifas de transporte público cresce também a insatisfação de grande parte da população com um governo que enfrentava escândalos políticos atrelados a corrupção.

As manifestações estudantis contra o aumento das tarifas corrigidas pela inflação já existiam bem antes de 2013 e a história dos R\$ 0,20 centavos não começa em São Paulo, de acordo com MEDEIROS (2015): em 2003 em Salvador, Bahia um conjunto de estudantes protagonizaram um protesto que durou 15 dias contra os aumentos das tarifas, vejamos bem o valor era também 0,20 centavos. O movimento ficou conhecido como ‘Revolta do Buzu’. Em Florianópolis, Santa Catarina entre 2004 e 2005 um movimento similar aconteceu, a ‘Revolta da Catraca’, os estudantes protestavam também contra o aumento das tarifas de transporte, houve ocupação de terminais de ônibus e fechamento de pontes que dão acesso à cidade-ilha. Assim como na Bahia os estudantes de Santa Catarina também estavam interessados em melhores condições para o cotidiano estudantil, as pautas para o rebaixamento das tarifas deram lugar para outras exigências: passe livre para os estudantes, maior sindicância contra as empresas licitadas pelo governo e seus acordos com valores

¹¹ A gênese do termo “meme” foi utilizada pela primeira vez pelo etólogo Richard Dawkins em 1976, para o autor o meme é como o gene: uma unidade de informação capaz de se propagar, através de ideias e informações que se dissemina entre indivíduos no tempo e no espaço. Em outras palavras uma unidade de transmissão cultural,

exorbitantes. O gigante já bocejava nessa aparente “pré-história” da história das Jornadas de Junho.

Um grande personagem das Jornadas de Junho foi o Movimento Passe Livre (MPL), movimento esse nascido em 2005 durante o Fórum Social Mundial surfando na grande onda dos protestos na Bahia e Santa Catarina indicava o crescimento da movimentação dos jovens estudantes sobre assuntos que perturbavam as prefeituras, os governos estaduais e mais adiante o governo federal. Nas palavras do próprio movimento:

[...] “O MPL não tem fim em si mesmo, deve ser um meio para a construção de uma outra sociedade. Da mesma forma, a luta pela Tarifa Zero não tem um fim em si mesma. Ela é o instrumento inicial de debate sobre a transformação da atual concepção de transporte coletivo urbano, rechaçando a concepção mercadológica de transporte e abrindo a luta por um transporte público, gratuito e de qualidade, como direito para o conjunto da sociedade; por um transporte coletivo fora da iniciativa privada, sob controle público (dos trabalhadores e usuários).

[...]O MPL deve fomentar a discussão sobre aspectos urbanos como crescimento desordenado das metrópoles, relação cidade e meio ambiente, especulação imobiliária e a relação entre drogas, violência e desigualdade social. O MPL deve lutar pela defesa da liberdade de manifestação, contra a repressão e criminalização dos movimentos sociais. Nesse sentido, lutar contra a própria repressão e criminalização de que tem sido alvo.” (Movimento Passe Livre. S.I)¹²

O MPL pouco a pouco foi ganhando visibilidade em várias capitais, realizando trabalho de base e conscientização entre estudantes no curto período de 2006 a 2013. Quando o exorbitante teto inflacionário atinge seu patamar, significa que a economia não vai nada bem, os preços triplicam e as taxas de serviço também. No fim de maio de 2013, o movimento começou seu grande ato em São Paulo, mas somente em 6 de junho que o movimento reúne cerca de 5 mil pessoas¹³. A manifestação aconteceu em protesto ao aumento da passagem de ônibus que antes era R\$3 e agora subiu para R\$3,20. Os manifestantes protestavam contra o aumento, pois enxergavam que aumentar o custo dos serviços em um período tragicamente econômico era a possibilidade de excluir ainda mais as pessoas ao seu direito de transitar pela cidade, era muito mais que 0,20 centavos. De acordo com o Movimento Passe Livre cada vez

¹²Movimento Passe Livre. Por uma vida sem catraca. Disponível em: < <https://www.mpl.org.br/>> Acesso em 26 abr. 2021

¹³ Ainda de acordo com Medeiros (2015) os números exatos de participantes sempre é objeto de polêmica, a polícia contabiliza um número X e o próprio movimento pontua um número Y de participantes. Em geral a escolha dos dados será estimada pelo conteúdo que é apresentado na grande mídia. “Protestos e repressão acirram tensão em São Paulo”. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130604_protestos_saopaulo_mdb_dt> Acesso em 26 abr. 2021.

que a tarifa sobe um número maior de pessoas são excluídas do transporte e não ter acesso ao transporte significa não ter acesso à cidade. O movimento foi tragicamente contido pela Polícia Militar e a indignação da população fez crescer o número de manifestantes:

No primeiro protesto, os manifestantes fecharam a Avenida Paulista e a Avenida 9 de julho, enquanto, no segundo ato, ocorrido no dia 8 de junho, a Marginal Pinheiros teve seu fluxo interrompido por cinco minutos, e o trânsito só foi estabelecido após ação violenta da PM. Esse roteiro repetiu-se nas terceira e quartas manifestações, ocorridas em 11 de junho e 13 de junho. O número de manifestantes aumentou com relação à primeira semana, passando para 10 mil no terceiro ato e 20 mil no quarto. O nível de radicalidade do movimento acompanhou esse aumento, e não apenas avenidas foram bloqueadas, como também pontos de ônibus e agências bancárias foram ocupadas e atacadas. A reação da PM acompanhava esse incremento com mais prisões, que passaram de 20 no segundo ato para 200 no quarto protesto, mais confrontos, mais feridos. Nesses dois dias, os protestos duraram cerca de seis horas, o dobro do ocorrido nos dois primeiros atos, pois os manifestantes não mais se dispersavam após a violência da repressão, mas buscavam outras ruas, reagrupavam-se e reiniciavam o enfrentamento. (MEDEIROS, 2015, p. 11)

Tudo estava sendo televisionado, grande parte da mídia enxergava o comportamento daquela juventude como uma grande bagunça e iniciativa ao caos. Desqualificava-se ali o direito da manifestação, abaixo segue uma publicação do jornal Folha de São Paulo:

Sua reivindicação de reverter o aumento da tarifa de ônibus e metrô de R\$ 3 para R\$3,20 --abaixo da inflação, é útil assinalar-- não passa de pretexto, e dos mais vis. São jovens predispostos à violência por uma ideologia pseudorrevolucionária, que buscam tirar proveito da compreensível irritação geral com o preço pago para viajar em ônibus e trens superlotados. Pior que isso, só o declarado objetivo central do grupelho: transporte público de graça. O irrealismo da bandeira já trai a intenção oculta de vandalizar equipamentos públicos e o que se toma por símbolos do poder capitalista.¹⁴

Nas redes sociais o movimento era visto como um ato de coragem e rebeldia, a cada ato mais manifestantes estavam presentes. Em 17 de junho de 2013 cerca de 100 mil pessoas estavam presentes entre manifestantes do Movimento Passe Livre e representantes de outras causas: o sindicato dos Metroviários de São Paulo e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). No mesmo dia cerca de 12 estados da federação estavam em protesto:

No Rio de Janeiro, mais de 100 mil pessoas ocuparam uma das principais avenidas da cidade. Em Belo Horizonte, foram 50 mil manifestantes. As manifestações passaram a ser diárias, abrangendo sempre ao menos 20 estados totalizando milhões de pessoas nas ruas. No dia 18 de junho, 50 mil foram às ruas em São Paulo, 10 mil em Florianópolis

¹⁴ Retomar a Paulista. Folha de São Paulo, São Paulo, 13.6.2013, p. 2

e 10 mil em Rio Branco; no dia 19 de junho, 20 mil em Macapá e Brasília, 30 mil em Fortaleza e 15 mil em São Luiz e Belo Horizonte. Em todos esses atos, houve confrontos com a polícia, presos e feridos. (MEDEIROS, 2015, p. 12)

A grande mobilização da sociedade civil se dá por uma pista de extrema importância para a pesquisa, a criação de uma mídia alternativa que guiasse aqueles que queriam saber o outro lado da história, e que mídia seria essa se não surgisse em um novo campo: mais democrático, construindo uma nova memória dos fatos narrados por outro lado da história? A internet se torna uma grande ferramenta nesse momento, um ciberespaço é criado e ali são depositadas informações, discussões, memes, reuniões, divulgação da informação em tempo real na palma da mão dos brasileiros. Os movimentos sociais compreenderam que a partir de uma mídia criada por eles não precisava de uma chance na primeira página do jornal, muito menos assunto principal das pautas dos principais programas de televisão pertencentes às grandes mídias para que fossem vistos. E o Movimento Passe Livre articulou essa nova ferramenta muito bem, chegando a alcançar números exorbitantes de jovens através das redes sociais. As movimentações que as redes sociais trazem nesse momento são de extrema importância histórica, uma nova memória é escrita com auxílio de um novo registro volátil da humanidade. Uma infinidade de informações é transmitida em segundos durante as manifestações, uma gama de materiais sendo compartilhados, os usuários das redes sociais perceberam que era possível informar a população sobre suas narrativas de maneira completamente independente (FERNANDES; ROSENO, 2013 p. 53). As *hashtags*¹⁵ trouxe a população para as ruas, despertou interesse e curiosidade. A internet transformou os meios de comunicação em todo o mundo, está presente em grande maioria das camadas sociais, de acordo com o PNAD 2019 (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio) cerca de 82,7% dos domicílios têm algum acesso à internet.¹⁶ Uma nova mídia alternativa nasce e contribui para inúmeros acontecimentos históricos em nossa contemporaneidade, o poder informativo das redes sociais como ferramenta para o

¹⁵ Hashtags simbolizadas pelo símbolo #, comumente conhecido como jogo da velha. São utilizadas na internet como se fosse um depósito de informações sobre o mesmo assunto, um indexador de dados sobre o mesmo assunto utilizados nas redes sociais como: Twitter, Facebook, Instagram. Ao inserir as hashtags antes de uma palavra você consegue criar um hiperlink que o leva a uma infinidade de publicações sobre o mesmo assunto. Por exemplo, durante as Jornadas de Junho muitas hashtags foram levantadas nas redes sociais: #vemprarua, #ogiganteacordou e mobilizou a curiosidade para esses eventos recheando as redes sociais sobre esse assunto.

¹⁶ Disponível em: < <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>> Acesso em 26 abr. 2021.

mundo contemporâneo não surge a partir desses eventos ocorridos no Brasil pós 2013, mas muito antes:

Curiosamente, foram as redes sociais que permitiram isso. Vejam o que aconteceu na Tunísia ou no Egito, onde ditaduras muito antigas, de mais de cinquenta anos, acreditavam que já dominavam a sociedade porque controlavam o rádio, a televisão e a imprensa escrita. Mas, de repente, as novas gerações começaram a conhecer o conteúdo do WikiLeaks, repassando a informação pelo Facebook, Twitter ou e-mail. Elas se auto informaram, protestaram, criaram uma contra opinião pública, e as ditaduras não puderam resistir. Atualmente, os jovens do mundo – na Espanha, nos Estados Unidos, na Grécia, na Inglaterra, em Israel, no Chile – estão se auto informando e protestando contra uma espécie de aliança entre os poderes tradicionais e o poder midiático. (RAMONET, 2013, p. 99)

As Jornadas de Junho é um tema inesgotável e constantemente trabalhado, esse evento parece apresentar um incendiário contexto de mobilizações sociais e importantes discussões acerca do uso da internet. As Jornadas de Junho realocaram as ruas como potente cenário para insatisfação da população. Não foram apenas os 0,20 centavos, mas a fagulha de algo muito maior estava por vir.

As Jornadas de Junho de 2013 pareceu ser um grande terreno para o surgimento de novos personagens da história recente do Brasil. Reacendeu o poder das ruas e deu visibilidade para as juventudes de todas as classes. Um tom de promessa estava no ar, de que as coisas finalmente mudariam, o Brasil estava em outro rumo, estava sendo direcionado para um caminho completamente diferente de tudo que já aconteceu antes. O que ocorre em 2013 é diferente do que acontece em 1964:

Esse padrão de participação sociopolítica sofreu importantes mudanças no ciclo de protestos de Junho de 2013. Sob um clima geral de insatisfação em relação às instituições da democracia representativa e descrença nas organizações políticas tradicionais, os protestos de junho recolocaram as ruas como lugar da luta política, rompendo com um padrão de institucionalização das demandas que marcou o período democrático. Os protestos produziram efeitos imediatos sobre o regime político dos governos petistas, enfraquecendo sua base de apoio social e parlamentar. As direitas brasileiras souberam ler o "espírito de junho" e renovaram o seu repertório de ação, até então restrito à lógica eleitoral e ao lobby, para incluir o confronto político. Em 15 de março de 2015, um milhão e 350 mil manifestantes tomaram as ruas das cidades brasileiras para protestar contra o governo de Dilma Rousseff. Um ano depois, novo protesto levava 3 milhões de pessoas às ruas para exigir o impeachment da Presidente e prisão para o ex-presidente Lula, um feito inédito para os padrões de mobilização no Brasil. Os protestos foram transmitidos ao vivo em cadeia aberta de televisão e tiveram forte impacto na opinião pública (TATAGIBA, 2018, p. 3)

Os movimentos de 2013 incineraram outros movimentos que despertaram as novas direitas nas ruas, o ciclo de protestos pós Jornadas de Junho é o pontapé da pesquisa, pois a partir dali uma nova ordem de ação foi mobilizada. O gigante da

direita parece ter acordado e trouxe com seu despertar inúmeros personagens, instituições e muitos pensamentos que estavam nas gavetas da história, mas não nas gavetas da internet: quando na internet “tudo era mato”, na extinta rede social Orkut era muito comum encontrar fóruns de discussão e comunidades que discutissem temas relacionados ao livre-mercado, defesa aos valores cristãos e repúdio aos movimentos de esquerda; sites e blogs também tiveram sua importância. Olavo de Carvalho, jornalista e escritor, já publicava textos de cunho altamente conservador e de crítica contra os intelectuais e acadêmicos de esquerda. Olavo criou em 1998 um blog pessoal, mais tarde em 2002 um site coletivo: Mídia sem Máscara¹⁷. O Instituto Mises Brasil, um *think tank*¹⁸ ultraliberal nasce em 2007, um laboratório de ideias sobre livre-mercado

Os novos personagens que entram em cena é o espectro daquilo que já esteve presente, tomou apenas um tempo: as novas direitas (junção daquilo que já conhecíamos agora com novas roupagens).

A nova direita, assim como a direita, é um fenômeno plural (Bobbio, 1995). O rótulo "nova direita" tem sido empregado genericamente para se referir a partidos políticos, políticas públicas, movimentos culturais e círculos de debates acadêmicos. Algumas das vertentes desse mosaico da direita renovada são La Nouvelle Droite – a nova direita francesa – (Taguieff, 1990 e 1993-94), The New Right – a nova direita norte-americana – (Hunter, 1991; Mouffe, 1981), The New Christian Right – a nova direita cristã nos Estados Unidos – (Hunter, op. cit.; Smith, 1992), o neoconservadorismo (Habermas, 1989; Giddens, 1994), o neoliberalismo (Anderson, op. cit.; Giddens, op. cit.) e a extrema direita (Ignazzi, op. cit.; Ignazi & Ysmal, 1992; Mudde, 1995, Jackman & Volpert, 1996). As fronteiras entre elas nem sempre são muito bem definidas, pois as vertentes da nova direita se inspiram umas nas outras, reagem umas sobre as outras, misturam-se, mas também se afastam. Em comum há a crítica ao modelo igualitário erigido no segundo pós-guerra nas democracias liberais. De uma forma geral, as correntes da

¹⁷ Nas palavras da descrição do próprio site: “Desde agosto de 2002, o MÍDIA SEM MÁSCARA é um website destinado a publicar as ideias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira. Embora sem recursos para promover uma fiscalização ampla, MÍDIA SEM MÁSCARA colhe amostras, que por si só, bastam para dar uma ideia da magnitude e gravidade da manipulação esquerdista do noticiário na mídia nacional. [...]”. Disponível em: <https://midiasemmascara.net/quem-somos/> Acesso em 12 fev.2021.

¹⁸ Think Tanks podem ser definidos de modo mais genérico como instituições permanentes de pesquisa e análise de políticas públicas que atuam a partir da sociedade civil, procurando informar e influenciar tanto instâncias governamentais como a opinião pública no que tange à adoção de determinadas políticas públicas. Essas instituições, que podem ser independentes ou associadas a grupos de interesse específicos, costumam atuar como uma ponte entre a academia e demais comunidades epistêmicas e a esfera pública, na medida em que traduzem resultados de pesquisas especializadas para uma linguagem e um formato que sejam acessíveis para implementadores de políticas públicas e para a população em geral. Tendo isso em vista, é possível dizer que, em geral, o modo de atuação dos think tanks é pautado por sua localização em um espectro que vai do “profissionalismo politicamente desinteressado” em um extremo ao “ativismo político orientado ideologicamente” em outro, o que altera substancialmente os tipos de estratégias de persuasão e convencimento adotadas por essas organizações para influenciar o processo político de formulação e implementação de políticas públicas. (ROCHA, 2015, p. 262)

nova direita querem repensar e propor novos parâmetros para as sociedades capitalistas avançadas frente à crise do Estado de Bem-Estar, seja através da justificativa teórica do anti-igualitarismo ou de propostas de cortes nas políticas de bem-estar social.

A transposição do debate internacional para o Brasil revela novas e grandes complexidades. Primeiro, porque aqui a nova direita é uma construção teórica, pois não há partidos políticos, grupos para a defesa de interesses específicos ou círculos acadêmicos que se auto-nomeiem como tal. Aliás, nem como de direita simplesmente, porque no Brasil os que se encontram à direita no espectro político geralmente se apresentam publicamente como liberais ou conservadores (MARTINS, 1987).¹⁹

Uma nova direita se mostra, com novos personagens em cena, uma luz sob outra ótica e ao som de novas vozes. Uma nova direita que esteve na coxia esperando sua deixa, agora ensaia seu texto para um novo público. Nada será como antes, disseram. O avanço do pensamento político inspirando uma nova construção das novas direitas progride em caráter mundial. Os novos personagens, os ideais partidários, os fenômenos político-sociais cresceram majoritariamente nos últimos anos em solo brasileiro. A vitória de Jair Messias Bolsonaro em 2018 marcará a história do Brasil em todas as instâncias, há quem diga que serão mudanças positivas, há quem diga que serão derrotas irreversíveis. É evidente que o fenômeno das novas direitas, sejam eles liderados por quem quer que seja, tem ganhado o interesse nas pesquisas científicas e ganhado a curiosidade cotidiana pelo seu rápido avanço e principalmente por seu crescente número de adeptos à essas ideias.

É urgente compreender através da história os traços que antecedem o fortalecimento do pensamento conservador entre os jovens do estado de São Paulo. Qual discurso e qual prática foi estabelecida ao longo dos anos no imaginário dessas juventudes? Como a tecnologia contribuiu para fertilizar o solo fértil para o florescimento do pensamento ultraconservador e reacionário?

Não foi Bolsonaro que despertou o sentimento da nova direita, seria muito presunçoso entregar esse protagonismo em um único símbolo e tudo aquilo que ele acredita, como já foi mencionado antes movimentos como esses não necessitam de um protagonista em sua essência – basta uma população pensando em conjunto sobre as mesmas necessidades. Outros fatores são anteriores à Bolsonaro, devemos sim compreender que ele é uma grande representação e o crescimento de sua popularidade não ocorreu de um dia para o outro. Antes dele vieram personagens tão

¹⁹ Ver mais em: Conteúdos ideológicos da nova direita no município de São Paulo: análise de surveys. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762000000200002 Acesso em 15 jan. 2021.

instigantes quanto, sentimentos tão complexos quanto e construções políticas bem elaboradas.

Os movimentos das novas direitas pós- 2013 fazem parte dessa nova fase da república brasileira, existem diversos outros movimentos que apresentam essa ruptura de uma nova fase, mas escolheu-se delimitar o objeto através desse percurso. As novas direitas desenvolveram um novo *modus operandi*, uma nova estratégia para se conectar com a população de uma maneira direta: a internet²⁰. Certamente esse movimento não foi iniciado em 2013, diversos grupos de distintas inclinações ou objetivos políticos ao longo do início do século XX usaram a internet como ferramenta política. No Irã em 2009 a população usou o Twitter para denunciar a manipulação das urnas com a eleição de Mahmoud Ahmadinejad, o movimento ficou conhecido como Revolução Verde ou a Revolução do Twitter, a propagação de notícias pela internet deu visibilidade para o que estava acontecendo ali e de maneira simultânea. A população iraniana inspirou outras nações a usarem as redes como uma ferramenta de mídia alternativa e mobilização social, a Primavera Árabe no Oriente Médio e no norte da África em 2010 e 2011, o Occupy Wall Street nos Estados Unidos também em 2011, o movimento Indignados na Espanha e os protestos da Praça Tahrir no Cairo, Egito ambos também durante o ano de 2011.

As manifestações de junho de 2013 são continuidades desse novo movimento de ativismo digital. O uso das plataformas de comunicação fez com que comportamentos e opiniões que antes não eram tolerados face a face passam a se expressar, gerando assim apoios e rejeições para se tornar consensos polarizados (MACHADO; MISKOLCI, 2019).

²⁰ A internet que conhecemos hoje surgiu com o nome de *ArphaNet*, para manter a comunicação das bases militares dos Estados Unidos durante o período da Guerra Fria. Quando a ameaça da Guerra Fria passou, a *ArphaNet* tornou-se inútil e os militares já não a consideravam tão importante para mantê-la sob a sua guarda. Desde então, foi permitido o acesso aos cientistas que, mais tarde, cederam a rede para as universidades dos Estados Unidos, as quais, sucessivamente, passaram para as faculdades de outros países, permitindo que pesquisadores domésticos tivessem acesso. No Brasil, até recentemente, no início da década de 90, o acesso era restrito a professores, estudantes e funcionários de universidades e instituições de pesquisa. Foi a partir da ECO-92, conferência da ONU sobre Meio Ambiente, realizada no Rio de Janeiro, que a Rede deixou de ser exclusividade do mundo acadêmico e serviu como meio de comunicação para jornalistas e organizações não-governamentais (ONGs) que participaram do evento. Vale lembrar que a internet está no Brasil há mais tempo, mas era um privilégio ao qual apenas o meio acadêmico tinha acesso, com o passar dos anos, além de surgir a oportunidade para que usuários fora das instituições de ensino obtivessem acesso, a iniciativa privada passou a fornecer o serviço.

MBL: MOBILIZAÇÃO JUVENIL NAS REDES E NAS RUAS

Em um cenário de escândalos de corrupção²¹, principalmente após as eleições de 2014, pedidos de impeachment contra a ex-presidenta Dilma Rousseff reeleita neste mesmo ano, ajustes fiscais que afetam a classe média brasileira, nasceu um sentimento muito forte contra o PT, o chamado antipetismo é um fenômeno de sentimento partidário negativo contra o partido e tudo que está atrelado a ele. Esse conjunto de fatos contribuiu para que uma disputa ideológica se consolidasse: centro – esquerda versus centro-direita. Dentro desse cenário outros personagens entraram em cena, o discurso conservador teve seu crescimento graças aos sites de redes sociais (OLIVEIRA, 2015). A utilização das redes sociais para denúncia de incompatibilidades partidárias e organização de novos movimentos foi essencial para o surgimento do Movimento Brasil Livre – MBL.

Existe uma organização sem fins lucrativos criada em 2008 na Universidade de Columbia, EUA, conhecida como *Students For Liberty*. Uma organização estudantil com cinquenta sedes no mundo inteiro, fundou no Brasil a Rede Estudantes Pela Liberdade -EPL²². A EPL possibilitou o florescimento e o amadurecimento das pautas conservadoras no Brasil, a organização afirma ser apartidária e em defesa das liberdades individuais e da propriedade privada. Agindo como *think tank*, a EPL decide fundar o Movimento Brasil Livre.

O MBL foi criado em 1º de novembro de 2014, segundo o próprio site: “O MBL se propõe a promover o liberalismo como a filosofia política orientadora da atuação do Estado no Brasil. Para tanto, defendemos a liberdade individual, a propriedade privada e o Estado de Direito como conceitos fundamentais de uma sociedade que se propõe a ser livre, próspera e justa”²³. O sucesso do movimento se dá pela fortaleza construída nas redes sociais, exigindo maior liberdade de imprensa e investigação contra os processos de corrupção, o movimento ganhou muita notoriedade em sua

²¹ As rejeições do governo Dilma estavam também atreladas ao processo de investigação da Petrobras. Segundo publicação realizada pela UOL (2015), o escândalo da Petrobras foi descoberto na operação Lava Jato, conduzida pela Polícia Federal (PF), em março de 2014. O objetivo era apurar suposto esquema de desvio e lavagem de dinheiro envolvendo diretores da estatal, grandes empreiteiras e políticos. A operação recebeu este nome pois um dos grupos envolvidos no esquema fazia uso de uma rede de lavanderias e postos de combustíveis para movimentar o dinheiro ilícito. UOL. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/02/05/quer-entender-o-que-acontece-na-petrobras-veja-este-resumo.htm>>. Acesso em: 14 set. 2022.

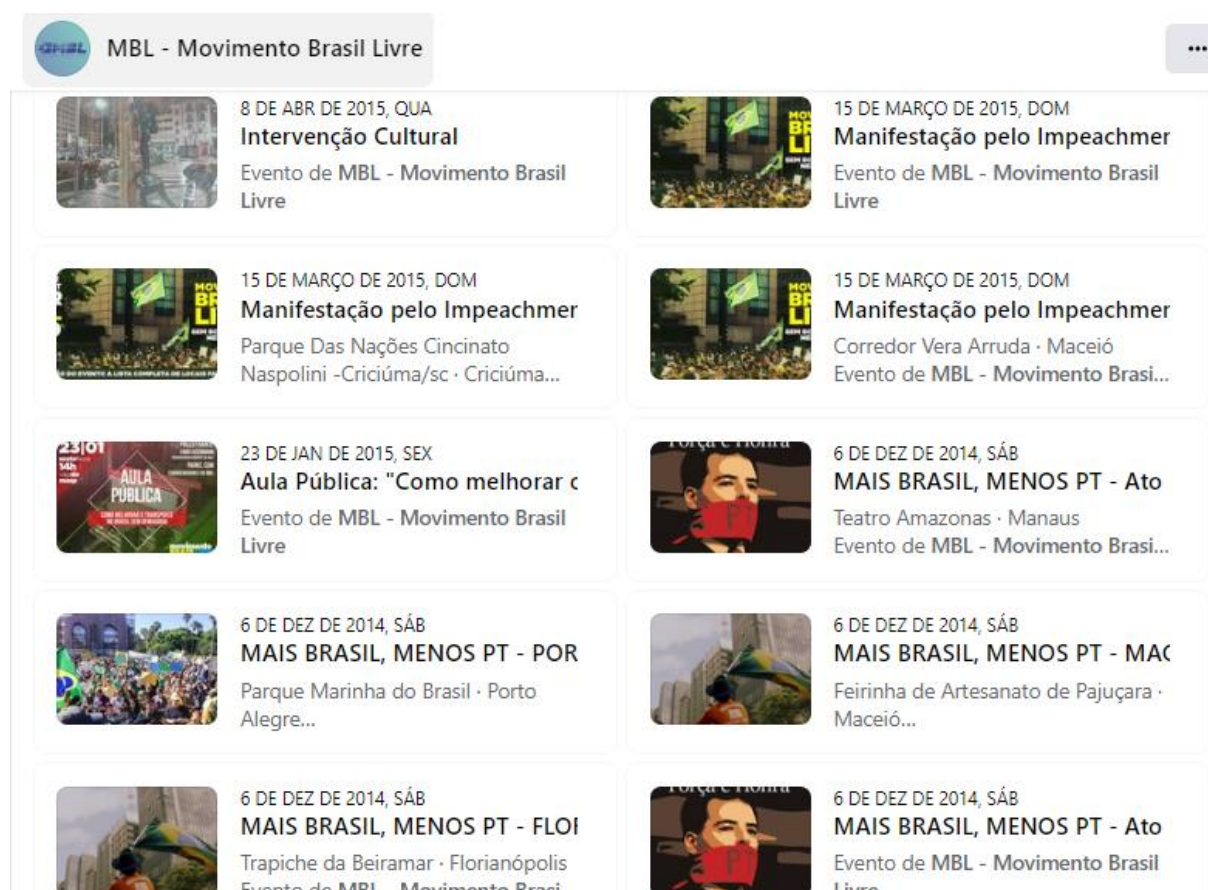
²² A rede tem uma página oficial no Facebook: SFLB – Students For Liberty Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/SFLBrasil>. Acesso em set. 2022

²³ Disponível em: < <https://mbl.org.br/valores-principios> > Acesso em 25 set. 2022.

fanpage do Facebook. Em informação coletada diretamente de sua página em setembro de 2022, constam 2,9 milhões de seguidores em sua página nacional. O movimento afirma “que não há um partido essencialmente liberal que os represente”, mas é um ator do campo das novas direitas no Brasil. O MBL não acaba sendo apenas um dos principais movimentos da nova direita, pois existe também o movimento “Vem Pra Rua” e “Revoltados On-line”, ambos surfaram no Movimento Passe Livre – MPL para incendiarem uma mobilização nas redes e nas ruas. Entretanto, para direcionamento desta pesquisa escolheu-se debruçar sobre o histórico do MBL como movimento das novas direitas entre as juventudes.

O MBL a partir de 2015 passa a organizar protestos pró-impeachment em 2015, e ao organizar os protestos ganha sua notoriedade pouco a pouco. Abaixo segue:

Figura VIII - Facebook: MBL – Movimento Brasil Livre. Sessão de eventos nacionais em 2015



Fonte: Facebook, página oficial do MBL. Disponível em: <
https://www.facebook.com/mblivre/events?ref=page_internal> Acesso em: 25 set. 2022

É evidente que as pautas principais de 2015 eram o impeachment da ex-presidenta Dilma e o combate ao PT. Os encontros são nacionais, sempre em locais

de grande movimentação urbana. Em São Paulo, por exemplo, a Avenida Paulista foi e ainda é um cenário constantemente escolhido como ponto de encontro de manifestações.

Com pauta antipetista, combate à corrupção, defesa da propriedade privada e das pautas liberais o MBL passa a realizar um verdadeiro ciberativismo: fenômeno esse que ocorre em diversas plataformas de interação on-line e que independem da distância geográfica, custo ou tempo. Basta estar conectado e atento. Para Sandor Vegh (2003, p.72) o ciberativismo é composto por ações proativas para alcançar um determinado objetivo ou de ações reativas contra controles e autoridades impostas. Percebemos que as redes sociais passam a ter uma segunda função para as juventudes:

Filipe Canto, de 21 anos, Rio de Janeiro (RJ): Eu já tinha Facebook, mas só colocava coisas pessoais mesmo, falava de política poucas vezes. O primeiro protesto que eu vi aconteceu no Rio Grande do Sul, foi pequeno, na frente de um shopping. Soube por um amigo pelo Facebook e achei muito bom. Assim que aconteceu o protesto eu curti a página do (grupo) Anonymous Brasil, que era um dos organizadores. Depois que vi o que aconteceu em São Paulo comecei a avaliar. Quando (os protestos) chegaram ao Rio eu me interessei, mas não fui na primeira porque ainda estava com um pé atrás. Depois me juntei (aos manifestantes). O Facebook foi a minha principal informação sobre os protestos. Eu não acreditava muito no que a mídia falava, alguns colocavam os vândalos em primeiro lugar e os manifestantes em segundo [...] agora, no Facebook, eu posto coisas pessoais algumas vezes, mas falo mais de política e dos protestos. Faço textos bem grandes, coloco minhas palavras a respeito do que está acontecendo.²⁴

Vale lembrar que uma das lutas do MBL era por uma democratização da mídia, para eles existe um viés midiático e usar o Facebook e Twitter eram e são ferramentas de disseminação de informações em tempo real e através dos olhares diretos de quem está no lugar e na hora dos acontecimentos.

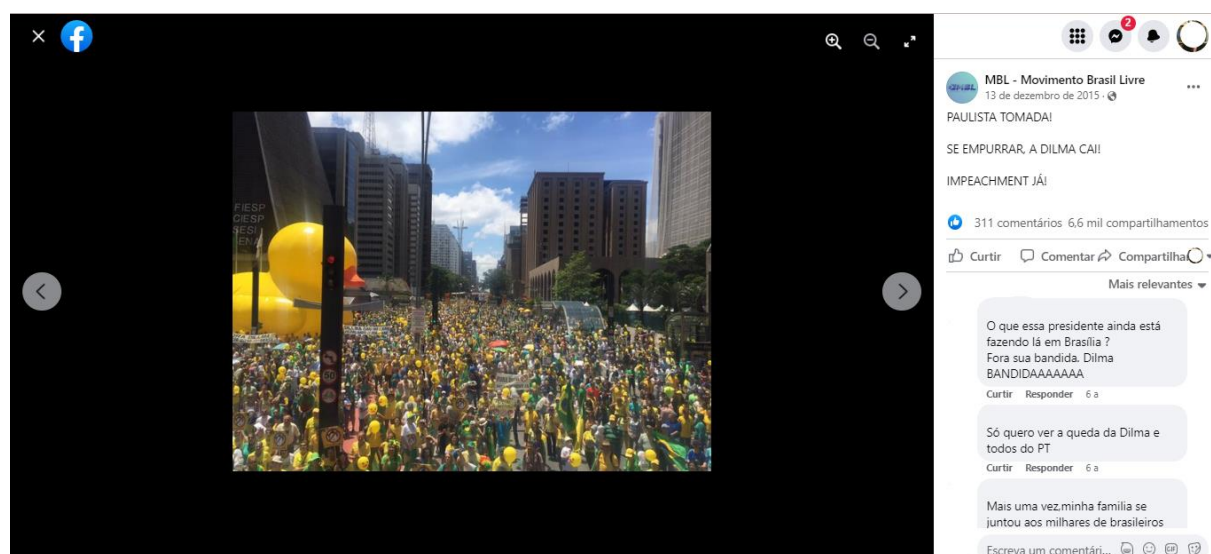
A juventude que forma o elenco de fundadores do MBL são: Kim Kataguirí, responsável por fazer vídeos para internet e participar de discussões nas redes sociais, hoje deputado federal; Renan Santos, um dos maiores articuladores internos do movimento; Alexandre Santos, irmão de Renan responsável pela arte gráfica; Frederico Rauh, diretor do documentário “Não Vai Ter Golpe! O Nascimento de um Brasil Livre” o longa conta a história do movimento e foi lançado em 2019; e por fim Gabriel Calamari que também dirigiu o documentário, entretanto sua vida hoje está

²⁴ COSTA, Camilla. Brasileiros ‘descobrem’ mobilização em redes sociais durante protestos. BBC Brasil, São Paulo, 11 de julho 2013, p.1-7 Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130628_protestos_redes_personagens_cc > . Acesso em set. 2022

alinhada à carreira de ator de cinema e TV. Outros dois jovens tem sua imagem atrelado ao movimento, mas não necessariamente como fundadores e sim como participantes assíduos: Fernando Holiday, um dos maiores expoentes do movimento, estudante de história e responsável também pelas ações nas redes sociais tornou-se vereador de São Paulo duas vezes (2014 e 2020) graças à notoriedade que o MBL entregou. Pedro D'eyrot fundou a banda de funk Bonde do Rolê, possuía atenção da comunidade LGBTQIAPN+ (uma comunidade bem distante da ideologia pautada pelo MBL) e acreditava que sua participação no movimento mudaria a imagem da direita na sociedade, tornando mais atrativa para as juventudes.

Um símbolo muito potente das manifestações pró-impeachment idealizadas pelo MBL é a camisa da seleção brasileira. Com a pauta de “nossa bandeira jamais será vermelha” ou “nosso partido é o Brasil”, com ideais calcados no nacionalismo a camisa da seleção brasileira se transformou em um símbolo que até hoje é utilizado, por um grupos que já se deslocaram da ótica do MBL, os bolsonaristas.

Figura IX- Manifestação verde e amarela a favor do impeachment (2015)

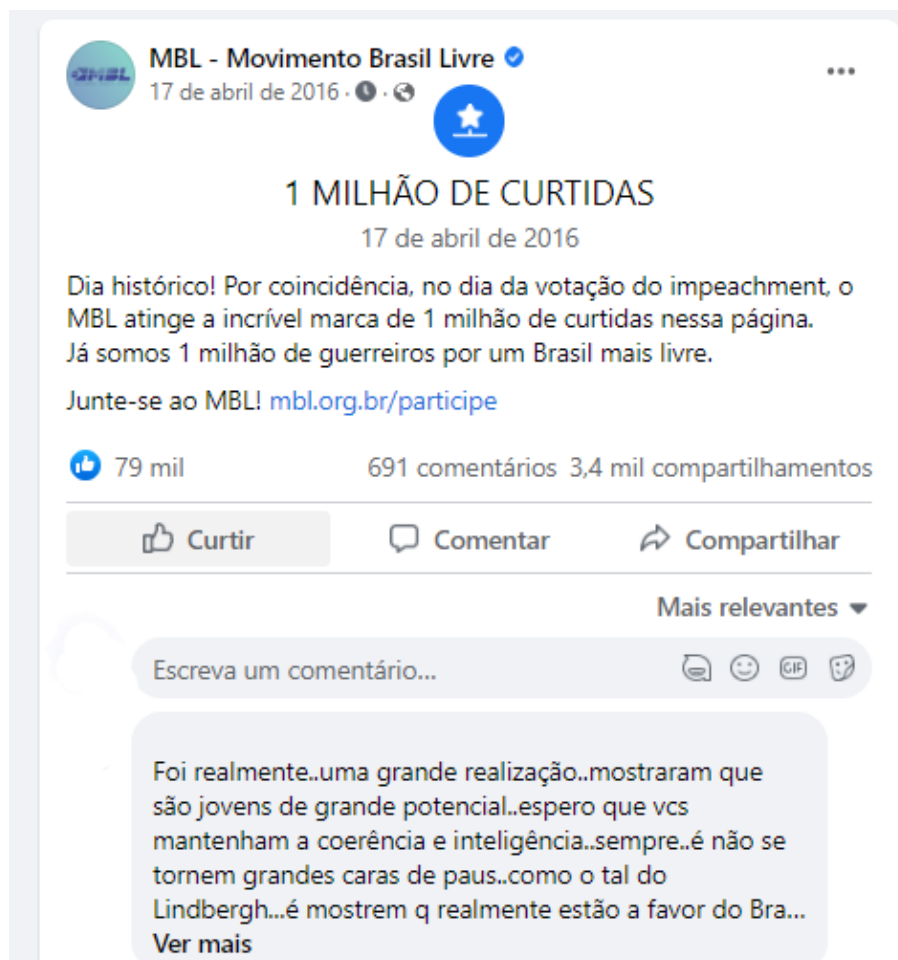


Fonte: Página Oficial do MBL no Facebook

Percebe-se na imagem o pato da FIESP, símbolo importante das manifestações uma vez que outras organizações se juntavam a favor do impeachment, com a propaganda “Eu não vou pagar o pato” a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo cria este símbolo como campanha nacional para conscientizar a população contra o aumento dos impostos indicados pela política de reajustes de gastos do governo Dilma. A imagem também apresenta a população trajada de verde e amarelo, nos comentários da publicação é possível observar um profundo sentimento antipetista.

Outro fator interessante é a notoriedade que o grupo ganha depois de 2015:

Figura X – Comemoração de 1 milhão de curtidas do MBL (2016)



Fonte: Página oficial do MBL no Facebook

Nesta publicação de 17 de abril de 2016 escolheu-se preservar a imagem e nome dos usuários, este será um recurso utilizado a cada apresentação de fontes da pesquisa quando coletadas das redes sociais, para assim garantir a privacidade de suas atividades. Nota-se na relevância do comentário a importância da realização feita pela juventude e a admiração do seguidor em celebrar não só o número de curtidas, mas também o andamento do processo de impeachment da ex-presidenta Dilma. O MBL foi um ator de tamanha importância para a perpetuação dos movimentos nas ruas e nas redes:

O momento de inserção da rede social nessa década [2010] favorece a construção de uma dinâmica de polarização social e política que opõe polos que não representam boa parte dos movimentos sociais. Como uma espécie de polarização sistêmica entre extrema-direita e social-democracia, ambas dentro do mesmo espectro político, formam-se conjunturas propícias ao desaparecimento do imaginário anticapitalista e de perspectivas que identifiquem os problemas sociais, causas das reivindicações dos sujeitos políticos, seja nas redes sociais ou nas ruas, como sintomas de um problema estrutural e sistemático. Assim sendo, a rede social no Brasil entre 2010 e

2013 pode ser assumida como um campo de habituação das redefinições de relacionamentos “indivíduo x coletivo” e da expressão de indignações. (SOUZA & DINIZ, 2021, p. 5)

O MBL busca se apropriar do discurso conservador, um discurso hegemônico já presente na sociedade, muito similar como apresentado anteriormente com o Movimento Integralista, mas com uma nova roupagem. Um viés descolado e modernizado, ancorando nas correntes do neoliberalismo.

Figura XI - Movimento de Privatização MBL (2016)



Fonte: Página oficial do MBL no Facebook

Para ganhar o consenso e espaço no campo hegemônico o MBL tateou sobre uma sociedade que tradicionalmente se identificava com o discurso conservador e neoliberal. Essas técnicas hegemônicas trazem o discurso alinhado ao mercado, ao consumo, como regulador da vida dos indivíduos, reforçando a ideia da necessidade do modelo neoliberal. Tal ideia acaba por naturalizar a pobreza e fomentar o medo do desemprego, da fome, da violência, que gera a sensação de insegurança, diante de um mundo perverso e excludente. Nos dois principais comentários feitos por duas jovens percebe-se a indignação com a corrupção e enxergam as entidades públicas como instituições para perpetuação de privilégios políticos, no comentário 1: “Privatizar não é vender o país! Vender o país é deixá-lo à mercê desse sistema político absurdo. O Brasil já foi vendido”, no comentário 2: “Privatização já! Assim acaba-se com privilégios políticos às custas do dinheiro público, com a corrupção (pelo menos diminui muito) e faz o Brasil caminhar de cabeça erguida”. Acreditam na privatização como saída para recuperar a economia e ascender o país politicamente. As mãos do mercado são preferíveis às mãos dos políticos.

MOVIMENTO ENDIREITA BRASIL

O Movimento Endireita Brasil foi fundado e integrado por jovens de todo o Brasil, se destaca pela rapidez com que vem ganhando adeptos e sobretudo por ter chegado ao poder recentemente com um de seus líderes, Ricardo Salles, que inclusive foi o ex-ministro do Meio Ambiente do governo de Jair Messias Bolsonaro durante os anos de 2019 a 2021. O Instituto Endireita Brasil, fundado em São Paulo em 2006 e sediado em Fortaleza, é uma associação apartidária que se articula principalmente pela Internet. Seu objetivo é “difundir o ideário conservador e de direita” no país. Embora não tenham a intenção de formar um partido, buscam interferir no cenário político nacional mediante palestras, cursos, livros, seminários e outras atividades que mostrem à população o que é ser de direita e o que defendem os conservadores. Além disso, objetivam “promover a capacitação e formação de agentes e profissionais, em áreas de natureza pública ou privada, com vistas à execução de políticas sociais e de estado(...)”.

Abaixo podemos observar duas publicações na rede social do movimento no Facebook:

Figura XII – Crianças protestando contra o governo de Dilma Rousseff

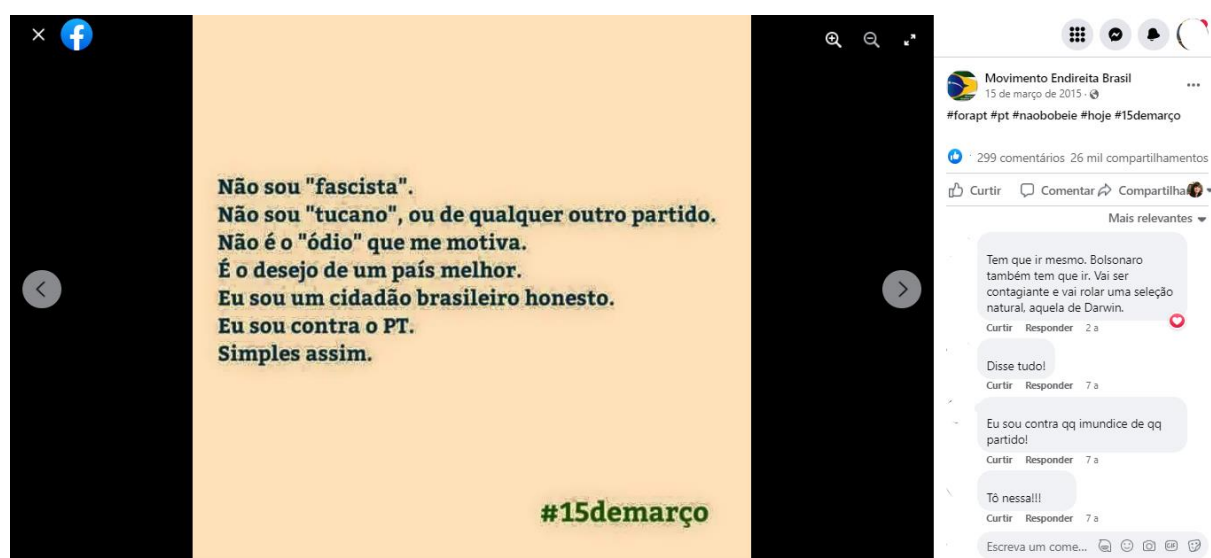


Fonte: Página oficial do Movimento Endireita Brasil, no Facebook.

Aqui é possível perceber a imagem de crianças em frente ao Consulado Brasileiro no Panamá em 15 de março de 2015, nesta data foi realizado uma grande mobilização nas ruas a convite do próprio movimento contra o governo da ex-presidenta Dilma Rousseff. Crianças vestidas com a camiseta da seleção brasileira,

símbolo dos movimentos desse período e que perdura até hoje, levantam cartazes alguns escritos com a própria caligrafia aparentemente infantil pedem por um Brasil sem corrupção. A imagem chama atenção por dois motivos: pela presença das crianças reproduzindo um pensamento dos adultos e pelo movimento acontecer fora do Brasil, demonstrando assim uma mobilização internacional. No comentário 1: “Quero o Brasil limpo! Intervenção militar já! Urgente!”, no comentário 2: “Comunismo, algo em comum e só entre eles, o povo brasileiro é cavalo deles, não deixe se montar você não é cavalo do PT. No Brasil é rico uma superpotência tome de volta o que é seu por direito”.

Figura XIII – Publicação contra o Partido dos Trabalhadores - PT



Fonte: Página oficial do Movimento Endireita Brasil, no Facebook.

Nesta imagem, também em quinze de março de 2015, uma publicação justificando o descontentamento de seus adeptos informando que é apenas um cidadão honesto, contra o PT. No primeiro comentário é possível: “Tem que ir mesmo. Bolsonaro também tem que ir. Vai ser contagiante e vai rolar uma seleção natural, aquela de Darwin”. No comentário 2: Disse tudo! Nos comentários 3 e 4: “Sou contra qualquer imundície de qualquer partido” e “Tô nessa!”

Gastão de Souza Mesquita Filho, um dos fundadores do movimento, acredita que houve uma demonização da direita no Brasil, e isso nós (o Endireita Brasil) queremos corrigir. Queremos reabilitar o nome ‘direita’”. Seguindo a mesma linha do MBL, o Endireita Brasil critica a intervenção do estado na vida dos cidadãos, as altas taxas de impostos, a excessiva burocracia e são adeptos ao movimento antipetista no Brasil.

No site do movimento é possível ver uma série de artigos e reportagens sobre os mais variados assuntos, críticas ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, todas elas tendo como ponto de partida, é claro, o viés direitista do movimento. Deste modo, o Endireita Brasil consegue reunir na internet uma série de jornalistas, acadêmicos, militares e jovens (em sua maioria graduados no ensino superior) que articulem o pensamento direitista brasileiro. Defensores da livre iniciativa, do mercado livre das intervenções estatais – o Estado mínimo – os integrantes do Endireita Brasil classificam o movimento como “direita liberal” e pretendem modificar as bases ideológicas daqueles que se encontram no poder através de cursos e palestras e, alguns de seus membros-fundadores, objetivam se candidatar a cargos políticos. É o caso de Ricardo Salles, presidente do Endireita Brasil, segundo reportagem da Folha de São Paulo, Ricardo Salles possui uma série de vídeos em seu blog (que não conseguimos acessar por estar aberto somente a convidados) em que se posiciona contra o casamento homossexual e classifica o Movimento dos Sem Terra (MST) como criminoso. Nas palavras de Ricardo, citadas na Folha de São Paulo: “Em outro vídeo, Salles afirma que o casamento de pessoas do mesmo sexo ‘contraria os princípios da família’. Em um terceiro, intitulado ‘Tudo aos bandidos do campo’, critica o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra”.

É totalmente antinatural (adoção por casais homossexuais). Eu não concordo com isso (...) O conflito que pode gerar numa criança ser criada por um casal homossexual é muito grande.”

“O MST é um movimento criminoso. Não é um movimento social, ao contrário do que diz o governo. Eles têm treinamento das FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), dinheiro público desviado através de ONGs”

(Sobre a lei da Anistia) “Esses que estão no poder, que no passado sequestraram e mataram pessoas na tentativa de instaurar no Brasil uma ditadura de esquerda, querem o revanchismo (...)”²⁵

Esses movimentos se baseiam nos princípios conservadores, tradicionais e anti progressistas. Para grupos como esse as questões morais são de extrema importância, e a moral muitas vezes é pautada pelos princípios bíblicos, aos valores familiares e cristãos. A família deve ser protegida da ascensão de grupos ditos “esquerdistas” e que estão à disposição da destruição da família tradicional brasileira, que são contra a vida (em relação as pautas do aborto) e da “continuidade da nação” através do casamento unicamente aceito, o casamento heterossexual.

²⁵ Folha de São Paulo, Ricardo Salles e o movimento Endireita Brasil. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/04/1257596-aliados-querem-que-alcmin-demita-secretario.shtml>> Acesso em set. 2022

BRASIL PARALELO

O Brasil Paralelo é uma empresa brasileira fundada em 2016, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul por Filipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem. A empresa tem seu nicho concentrado em produção de vídeos sobre política e história sob o viés neoliberal e de extrema direita. Possuem um canal oficial e aberto na plataforma YouTube e em sua plataforma própria e direcionada aos seus clientes pagantes, com cursos e demais conteúdos exclusivos. O objetivo central do Brasil Paralelo é divulgar sua visão de mundo através de produções de audiovisual. Com o objetivo de resgatar valores, heróis e ideais de um Brasil afetado culturalmente por partidos de esquerda, o Brasil Paralelo está compromissado com um projeto conservador e ultraliberal:

A primeira publicação feita pelo Brasil Paralelo. ocorreu nos dias 04 e 05 de novembro de 2016 – como acusado pelo sítio ‘web’ Internet Archive Wayback Machine – era um material audiovisual, dividido em seis partes, com temáticas relacionadas à história, política e economia, intitulado “Congresso Brasil Paralelo”. A produção contou com a participação de figuras da chamada “nova direita” que antes de participar desta empreitada já atuavam em espaços midiáticos e institutos empresariais – caso, por exemplo, de Olavo de Carvalho, Jair Messias Bolsonaro, Presidente do Instituto Mises Brasil Hélio Beltrão, o integrante do MBL Arthur do Val, Eduardo Bolsonaro. Segundo a descrição da produção, “o objetivo era realizar o maior diagnóstico já feito — até então — sobre a situação econômica, política e cultural do Brasil”, o diagnóstico feito pela “nova direita”, conservadora nos costumes e liberal na economia” (APARECIDA, M. BALESTRO, 2021, p.61)

O Brasil Paralelo torna-se um grande veículo midiático e propagador de ideias no mesmo contexto de desejo antipetista e pró-impeachment de 2013. Segundo Camila Rocha (2019, p.124): “a internet passa a ser um refúgio financeiro de uma rede preexistente de organizações, passaram a se organizar na sociedade civil, fomentar ações coletivas nas ruas e nas redes. O Brasil Paralelo difunde uma produção de pensamentos conservadores e ultraliberais, moralistas e conservadoras. Vende através das redes sociais e da sua própria plataforma um projeto ideológico, realiza uma organização de pensadores e adeptos de suas ideias através do uso de estratégias apelativas, leituras positivistas e de cunho nacionalista ressuscitando “heróis” da história brasileira que as novas historiografias tiveram o trabalho de realocar em seus devidos lugares, ressuscitam ainda um sentimento monarquista quando hoje já vivemos sobre um regime republicano e democrático. Através de uma retórica negacionista, conservadora e liberal é possível compreender o papel da

organização Brasil Paralelo no contexto do florescimento dos pensamentos das novas
direitas no Brasil

QUANDO O SONO DA RAZÃO PRODUZ MONSTROS

3.1 Primaveras e juventudes. As jornadas de junho de 2013

A história ao longo do tempo nomeou recomeços e expectativa com a palavra primavera: Primavera dos Povos em 1848, Primavera de Praga em 1968, Primavera Árabe de 2010. A palavra primavera, do latim *primo vere*, primeiro verão, primeira manifestação de energia – sempre pareceu um bom sinônimo para o despertar de uma esperança que estava por vir. O mesmo acontece com as juventudes? São delas o papel do recomeço e do simbolismo de algo novo, uma juventude nunca será como a anterior exatamente como a primavera. Nada será como antes e tudo será o agora. Qual primavera a atual juventude brasileira floresce?

As juventudes, ditas nesse sentido justamente por identificar sua categoria como plural, têm sido um conjunto vastamente estudado por diversas áreas do conhecimento nos últimos anos. Essa categoria social tem contribuído para importantes debates no campo acadêmico e político, sendo um interesse principalmente dentro do campo das ciências humanas pois faz um retrato sociocultural, conseguindo ser híbrido no sentido de ser “um momento no ciclo da vida” e “um modo de inserção na estrutura social” (SPOSITO, 2003)

As juventudes, tem sido uma categoria social vastamente analisada em diversas instâncias nos últimos anos. Existiram tentativas inesgotáveis em conceituar e delimitar sua construção histórica e social. As juventudes estão em constante rotação, isto é, em constante mudança. Esses sujeitos políticos transitam com a história e através dela. Homérico seria tentar delimitar algo tão complexo e volátil. Foram as inúmeras tentativas de rotular esse importante sujeito histórico, conceituar para melhor compreender os fenômenos ao qual tiveram participação das juventudes, a seguir será apresentado os caminhos que nortearam a conceituação de juventude(s).

Durante muitos anos as ciências tentaram definir a criança e ao adolescente – os parâmetros que mais tarde serão as juventudes. Segundo Guimarães e Grispun (2008) durante os séculos VI e VII surgiram as primeiras delimitações acerca das características de faixa etária, sendo elas divididas em: infância (0 a 7 anos), puberdade (8 a 13 anos), adolescência (14 a 21 anos) e juventude (22 a 30 anos). A primeira vez que o termo juventude surgiu dentro de uma perspectiva sociológica em uma concepção moderna foi durante o século XVIII, com Jean-Jacques Rousseau em

sua obra Emílio. Rousseau (1995) define a juventude como se fosse um segundo nascimento: novos aprendizados, emoções, irracionalidades e um outro tipo de vigília dos adultos. O medo do erro e a vontade de errar. Ainda em Guimarães e Grispun (2008) o nascimento da palavra adolescência surge entre as classes burguesas do século XIX, com intenção de estabelecer o início da segunda infância, definindo a idade a partir dos 13 anos. Os termos jovem e adolescente sempre se confundiram, enquanto juventude parece não ter uma definição de faixa etária, a adolescência é marcada pela distinção entre o intervalo da infância e início da vida adulta (Helena Abramo, 1994, 1997, 2003; Marília Spósito, 1997; Mirian Abramoway, 2004). De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº 8069/1990) a adolescência compreende o período dos 12 anos aos 18 anos incompletos, já a juventude entende-se por um período não necessariamente delimitado pela idade, mas que compreende outros fatores, relacionados a intensas transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais, épocas, etnias, gênero, dentre outros determinantes (UNESCO, 2004). Portanto o termo juventude será o termo escolhido neste trabalho, pois traduz a hegemonia dos sujeitos estudados nesta pesquisa.

Segundo Bordieu (1993) somos sempre o jovem ou o velho de alguém e a juventude é apenas uma palavra. Essas afirmações ditam a trajetória deste capítulo. Nenhuma primavera será como a anterior. Padrões da estação se repetirão, outras vezes nem tanto. Velhas árvores florescerão e outras árvores irão nascer, mas ainda assim nada será como antes. As juventudes são como primaveras não repetidas. As juventudes sofreram diversos processos de mudança ao longo do tempo histórico, as juventudes de hoje não são as mesmas de ontem, as juventudes são plurais. Possuem suas volatilidades geracionais cada vez mais complexas, uma infinidade de percepções e interpretações. Para Sodré e Silva (2011) a definição de juventude envolve diversos aspectos e significados que estão relacionados com o contexto histórico, social, cultural e econômico.

3.2 O labirinto das redes: mídias e proliferação de ideais

Em sua obra "El sueño de la razón produce monstruos" (O sono [ou sonho, atendendo a possíveis derivações da tradução em espanhol] da razão produz monstros) de 1799, Francisco de Goya no auge do século XVIII capta com genialidade as incertezas de um período sombrio de tirania e autoritarismo que a Espanha vivenciava. O despertar da racionalidade, prometido pelos iluministas, pretendia levar

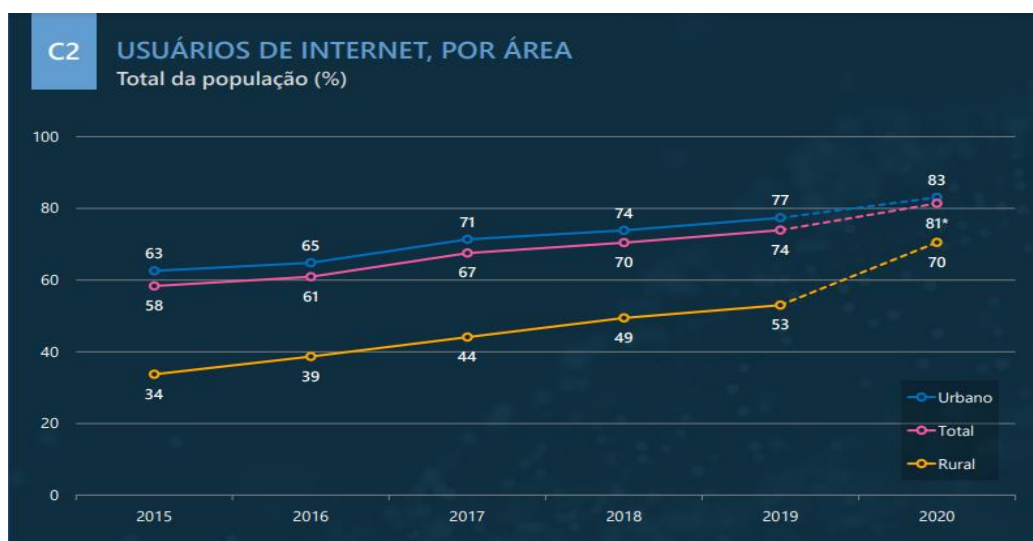
a Espanha à Idade da Luz. Trazer a razão, questionar a centralidade da religião na política, o direito divino dos reis fundamentado pelo absolutismo. Esta obra de Goya é uma verdadeira crítica a uma Espanha tomada pelo sono da ignorância, pela apatia da revolução. Na gravura, o artista está deitado, apoia sua cabeça e braços sobre o que parece ser uma mesa, parece dormir desconfortavelmente. Atrás do artista uma composição de morcegos e pássaros, no canto inferior direito um lince de grandes olhos observa como se estivesse alerta a qualquer movimento, velando o sono de Goya. A razão está adormecida. E quando ela adormece, quando a vigília de se manter consciente é abandonada, não conseguimos reconhecer os monstros da ignorância, preconceito e da mentira.

Essa obra, aplicada a democracia brasileira substituindo a razão retratada por Goya, nos envolve em uma preocupação ambígua: o que fez os monstros saírem das sombras e o que fez a razão entrar em estado de profunda letargia? Mais que um símbolo forte é o entorno que fortifica seu líder. O ano de 2013 apresentou direcionamento de uma nação que manifestou descontentamentos, se organizou, despertou.

INTERNET: FERRAMENTA DA COMUNICAÇÃO DE MASSAS

O uso da internet tem modificado o cotidiano de inúmeras camadas sociais. Usado para entretenimento, estudos, pesquisa e principalmente como ferramenta política. Se expressar nas redes tem sido um movimento político, desde assuntos simples a temas mais polêmicos a internet tem sido uma ferramenta importante de construção de uma geração. A profundidade democrática que a internet possibilita faz com que pessoas ao mesmo tempo e no mesmo espaço consigam consumir e produzir conteúdo.

Figura XIV – Domicílios com acesso à internet



Fonte: CGI.br (2021) Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e comunicação nos domicílios brasileiros – TIC Domicílios 2020

Existe um constante aumento do número de usuários de internet, principalmente a partir do ano de 2016, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) os resultados da pesquisa Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), mostraram que pela primeira vez praticamente dois terços da população do país (69,8%) possuem conexão com a internet²⁶. Isso se dá pela democratização da internet através de planos mais rentáveis e pela popularização das precificação dos smartphones. Outro fator determinante é que mais da metade da população acessa a internet exclusivamente pelo celular:

Figura XV - Usuários de internet, por dispositivo utilizado

²⁶ PNAD Contínua TIC 2017: Internet chega a três em cada quatro domicílios no país. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>> Acesso em: set. 2022



Fonte: CGI.br (2021) Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e comunicação nos domicílios brasileiros – TIC Domicílios 2020

A McAfee, empresa americana de informática e software de segurança, realizou em 2021 um estudo sobre uso de celular entre jovens e crianças e verificou que o Brasil é o país com maior exposição de jovens e crianças a aparelhos eletrônicos no mundo. O estudo assinala ainda que 96% dos jovens brasileiros usam smartphone no Brasil. Assistir a vídeos completos no telefone registrou o aumento mais acentuado em comparação com outras crianças em 19%, juntamente com jogos em 16% e aulas on-line em 13% – acima da média global.²⁷ Esses dados apresentam um grande avanço para o acesso à tecnologia no Brasil, mas se não utilizadas corretamente podem ser usadas com más intencionalidades.

Internet e suas ferramentas políticas

Filter Bubble: em livre tradução, filtros-bolha. A teoria foi elaborada por Eli Pariser, ex-diretor-executivo da organização “MoveOn.org”, a organização é uma das primeiras plataformas virtuais a transformar a internet em uma ferramenta política. A *Filter Bubble*, é definida pelo conjunto de dados coletados pelos algoritmos que realizam uma espécie de edição invisível, um conteúdo personificado através dos algoritmos. Esse termo, algoritmo, tem sua origem na matemática, entretanto é vastamente utilizado na tecnologia. Algoritmo é um conjunto de etapas que um software precisa

²⁷ Crianças e jovens brasileiros são os mais expostos no mundo a celulares e outros devices. Disponível em: < <https://forbes.com.br/forbes-tech/2022/05/criancas-e-jovens-brasileiros-sao-os-mais-expostos-a-devices-no-mundo/>> Acesso em set. 2022.

realizar para conseguir chegar a um resultado. Existem diversas interpretações para o uso de algoritmos dentro da programação de softwares, mas neste caso cabe compreender o que são algoritmos na internet. Os algoritmos de busca em site de pesquisa criam uma sequência de tendências baseado nas suas buscas anteriores criando sugestões e lendo seu perfil na internet; nas redes sociais acontece o mesmo, aparecerá na sua linha do tempo perfis e conteúdos referentes ao que você acessa, curte, comenta ou compartilha; essa mesma estratégia é utilizada por plataformas de provedores como Netflix e Spotify, por exemplo.

Facebook:

A atuação política usada pelo Facebook se caracteriza por um cenário de imagens, vídeos, textos curtos e com constante construção dos memes. O Facebook utiliza-se muito do funcionamento da ferramenta *Filter Bubble*, cria um mapa de tendências que caiba na narrativa de cada usuário de acordo com aquilo que consome e interage. O Facebook não é uma pequena empresa, criada em 2004 em Cambridge – Massachusetts por Mark Zuckerberg, hoje multimilionária possui as licenças de dois outros aplicativos importantes como o Instagram, Messenger e o WhatsApp. De acordo com o relatório²⁸ desenvolvido pelas agências *We Are Social* e *Hootsuite* o Brasil é o 4º país no mundo com mais usuário no aplicativo

Think Tanks

Como dito resumidamente, as *think tanks* são instituições de análise e pesquisa política. A partir de suas pesquisas pretendem influenciar a opinião pública e as organizações governamentais, sendo um termômetro para adoção de estratégias políticas ou ações direcionadas para políticas públicas. Utilizando-se de uma linguagem acessível e facilitadora os *think tanks* têm a intenção de promover debates e ao mesmo tempo moldar as condições políticas existentes também com o intuito de dissolver qualquer pensamento que seja de cunho progressista, a fim de derrubar seus opositores (MORAES, 2015).

Estes grupos de pesquisa existem a anos e desde o início se interessam em treinar jovens pensadores e ativistas conservadores e combater as tendências

²⁸ Relatório disponível em: < <https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil> > Acesso em: 25 set. 2022.

progressistas, por exemplo. Para Moraes (2015), os primeiros think tanks nasceram na década de 1970 nos Estados Unidos da América e tinham como objetivo uma pesquisa aplicada em solucionar problemas de políticas públicas, sendo intermediadores entre a academia, a sociedade e os detentores do poder. Porém, para o autor, o que esses núcleos de investigação da nova direita buscam não é tão somente isso, já que os interessa muito mais a divulgação das ideias ditas como verdadeiras e já testadas de antemão, a fim de moldar o pensamento dos indivíduos sobre determinados ambientes políticos.

“Em suma, think tanks não se limitam a modular as políticas. Tentam é modelar o ambiente geral da política, a agenda. O que pretendem, podemos dizer, é definir o quadro em que se formam as percepções da realidade, de modo a induzir as ‘escolhas’ e ‘preferências’”. (MORAES, 2015, p. 232)

Esses novos grupos se aproveitam das ferramentas disponíveis na internet para se firmarem, utilizando-se de sites e redes sociais para compartilharem seus conteúdos, fomentar a opinião de seus seguidores e repercutir suas opiniões conservadoras. Para Delcourt, “esta direita que mobiliza na rua e multiplica os atos públicos é formada de uma multiplicidade de organizações e grupúsculos mais ou menos ligados entre si formando rede” (DELCOURT, 2016, p. 127). Seguindo o mesmo preceito, Almeida (2017) apresenta esses grupos como sendo altamente estratégicos ao utilizarem das redes para gerar seus movimentos. Segundo ele, esse novo pensamento foi “um divisor de águas na forma de se fazer política e que abriu espaço para o protagonismo de jovens e de novos grupos” (ALMEIDA, 2017, online).

Na perspectiva de Dênis de Moraes (2001) as redes facilitam a intercomunicação de indivíduos, que compartilham visões de mundo, sentimentos e desejos, criando assim algo maior e mais social. Na visão de autores como Amadeu e Farrell (2012) o custo para tornar-se um emissor ou falante na era das redes é eliminado, interconectando a esfera pública enquanto faz emergir novos temas em uma frequência muito rápida, daí a facilidade em criar comunidades para discutir quaisquer ideias. Ao unir isso com o relativo anonimato e o menor risco de violência física, aumenta a propensão dos indivíduos a se expressarem da forma que preferirem.

Como também ressalta Lemos (2008), o ciberespaço é um ambiente incubador de ferramentas de comunicação, com uma estrutura descentralizada e que conecta vários pontos, criando uma territorialização, ao mesmo tempo que também desterritorializa. E é dentro dessa facilidade em se comunicar que grupos, sejam eles

conservadores ou não, nascem e começam a ganhar mais e mais apoiadores em seus canais pela internet. Essas comunidades virtuais são fundamentais para potencializar as discussões promovidas por grupos de ativistas, artistas e formadores de opinião, sendo muito bem aproveitadas pela direita nos últimos anos como forma de se expressar politicamente contra pautas e políticos da esquerda.

3.3 Entre os muros e as redes

Para o desenvolvimento dessa pesquisa duas estratégias foram utilizadas: procedimento ex-post-facto, coletar dados das redes sociais após a ocorrência dos eventos (neste caso, a rede social escolhida foi o Facebook); e análise de discurso de vídeos presente nos canais de grupos seletos que se autoproclamam liberais ou de direita: Brasil Paralelo.

Como já trabalhado até aqui, a camada mais expressiva e presente nos protestos da Jornada de Junho de 2013 eram as juventudes. Abaixo percebemos que os mais jovens estão entre as maiores porcentagens dos presentes, grupos de 12 a 25 anos.

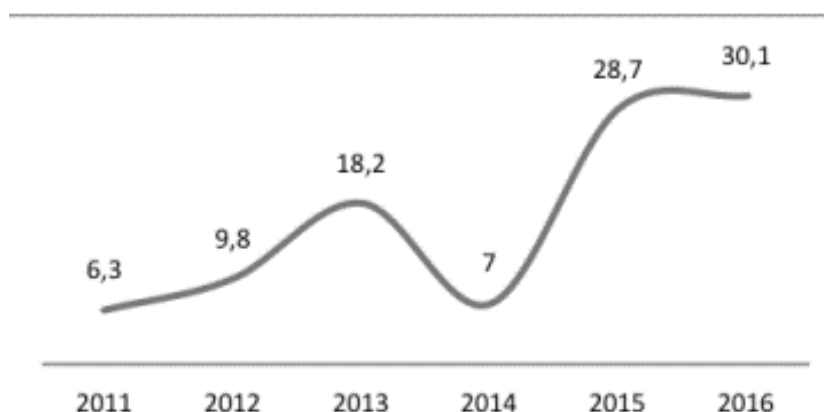
Quadro I – Idade de manifestantes das Jornadas de Junho de 2013

Faixas	São Paulo 17/06	São Paulo 20/06	Rio de Janeiro 20/06	Oito Capitais 20/06	Belo Horizonte 22/06
Mais jovens	53% (12 a 25)	51% (12 a 25)	41% (15 a 24)	43% (14 a 24)	55% (Até 25)
Idade Intermediária	35% (26 a 35)	31% (26 a 35)	39% (25 a 34)	38% (25 a 39)	29% (26 a 39)
Mais velhos	12% (acima de 36)	19% (acima de 36)	20% (acima de 35)	19% (acima de 40)	17% (acima de 40)
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Para São Paulo, Datafolha. Para o Rio de Janeiro, Plus Marketing. Para oito capitais, Ibope. Para Belo Horizonte, Innovare.

Esses dados atrelados ao acesso de 96% dos jovens (pesquisa McAfee citada no início do capítulo) com acesso à internet comprova que o ciberativismo feito nas redes sociais a partir de 2016 fez com que os protestos de direita alavancassem a partir do ano de 2015 concomitantemente com ascensão do Movimento Brasil Livre – MBL como segue gráfico logo abaixo:

Figura XVI - Evolução anual dos protestos de direita



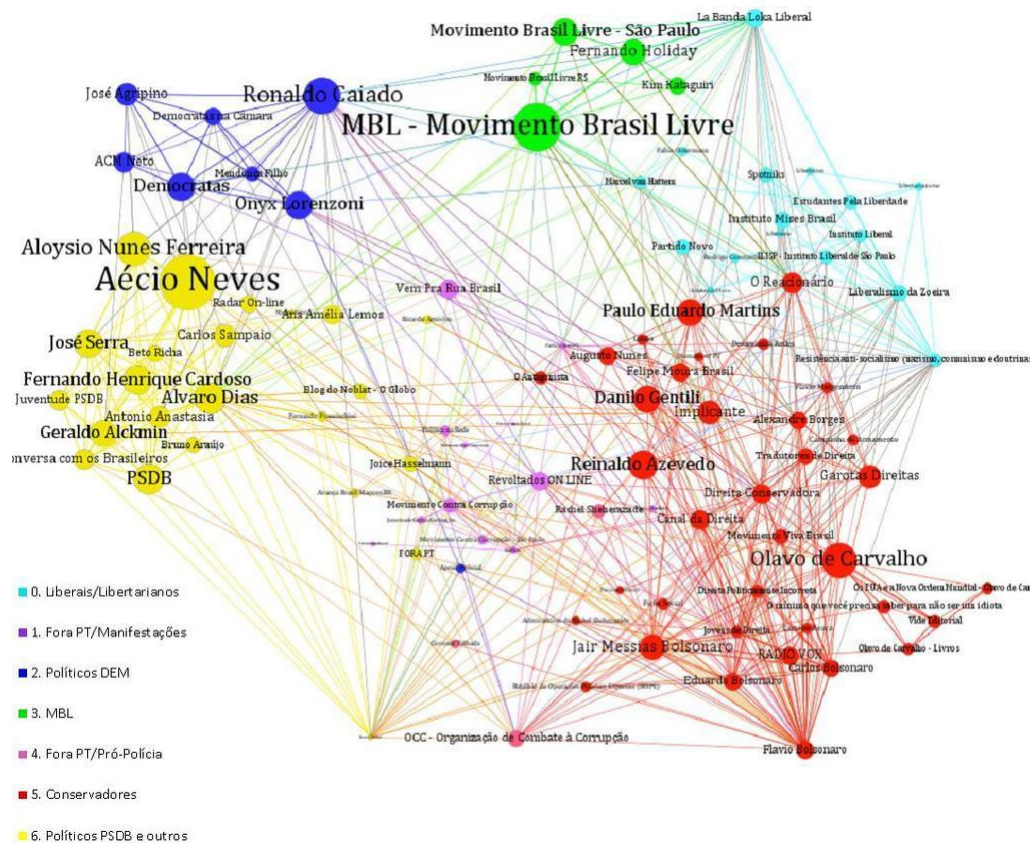
Fonte: Banco de Dados de protestos no Brasil (NEPAC/CEMARX)

É perceptível o aumento do número de protestos principalmente entre os anos de 2015 e 2016. Protestos esses motivados pela gênese dos pedidos de impeachment e do aumento considerável dos movimentos das direitas, o grande salto do número de protestos de 2014 a 2015 implica no fortalecimento dos grupos principalmente com organização via internet.

O conjunto de informações descritas ao longo dessa dissertação quis orientar possíveis caminhos para compreender o crescimento do interesse das juventudes nas direitas a partir de 2013. Um sentimento antipetista, somado a sensação de insegurança política e social parece ter reflorescido o sentimento conservador da população brasileira. Como já também apresentado, houve uma geração de jovens que flertaram com pensamentos de extrema direita durante a década de 1930, no século XX e nesta década esse fenômeno reaparece durante o século XXI. No caso dos dois movimentos as mídias tiveram papéis essenciais na difusão e organização.

Abaixo segue um mapa de tendências baseado em pesquisas, uma cartografia virtual, realizada no Facebook durante o ano de 2016. Nesta imagem podemos observar os maiores nós dentro dessa rede de conexões estão atrelados a signos dos principais movimentos levantados:

Figura XVII- Rede de conexão entre páginas da direita no Facebook (2016)



Fonte: Leonardo Gasparly Salles, presente na dissertação de mestrado: Nova direita ou velha direita com WI-FI? Uma interpretação das articulações da "direita" na internet brasileira. UFSC, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, 2017.

Percebe-se que os maiores direcionamentos estão atrelados aos Políticos do PSDB e outros, e ao MBL. Mas começa a surgir uma sequência de pequenas pesquisas que se cruzam, sob a legenda do gráfico são os conservadores, menores em tamanho no gráfico, mas são maiores em números de pesquisas levantadas. Percebemos ali um crescimento de interesse em saber quem são personalidades como Olavo de Carvalho e Jair Messias Bolsonaro. O ano do estopim das manifestações, 2013, era direcionado ao pedido de impeachment, ao antipetismo, a uma política privatizadora. Iniciadas por movimentos juvenis de direita e liberais: MBL e Endireita Brasil.

Outro caminho interessante além dos dados que o Facebook oferece, é o discurso presente no YouTube no canal do Brasil Paralelo. A construção de uma ideologia está presente no seu resgate 'patriótico' presente em seus discursos. Com a palavra, os próprios produtores Felipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem em uma entrevista realizada pelo programa Pânico na Rádio Jovem Pan em primeiro de abril de 2019 resume os objetivos do objeto de análise presente no discurso do Brasil Paralelo:

Por décadas destruíram nosso patriotismo. Através das escolas e da mídia nos fizeram acreditar que somos um povo fadado ao fracasso, que não temos virtude. Ideologias perversas contaminaram o imaginário popular, causando danos incalculáveis em jovens, que hoje estão perdidos e sem norte. A nossa resposta está sendo imediata. Estamos distribuindo um antídoto em cada canto do país, para todos os brasileiros. Nossos documentários são produzidos para despertar a consciência e o patriotismo de qualquer pessoa. São distribuídos gratuitamente para que tenham o maior alcance possível. O nosso compromisso é com a liberdade e a consciência do povo brasileiro. Cumprimos a nossa missão. Há um ano lançamos nossa primeira série, Congresso Brasil Paralelo, e ele já foi visto por mais de quatro milhões de brasileiros. Um impacto profundo nas raízes culturais do nosso Brasil. O mais importante é que pessoas como você fizeram a sua parte, tornando-se membros do Brasil Paralelo, comprando nosso produto e nos financiando. Por causa deste ato de coragem, estamos aqui para um novo passo, um passo em direção à retomada da nossa verdadeira cultura, na nossa verdadeira missão como brasileiros. (JOVEM PAN, 2019)²⁹

Para o objeto de análise escolheu-se trabalhar com o vídeo presente no segundo episódio da série Brasil – a última Cruzada. A razão para essa escolha determina-se a partir da constante discussão em sala de aula com jovens com quem trabalhei nos últimos anos, regida pela frase “aqui contamos o que seu professor de história escondeu de você”. Através dessa promessa é indicado duvidar do conteúdo proposto em sala de aula, deve existir sim o instinto de investigação e comparação de fontes dentro do trabalho do historiador, mas neste caso os vídeos propostos pelo canal instigam os alunos a desconfiar do papel do educador duvidando de que seja um trabalho a favor da doutrinação política, uma doutrinação marxista. Existe uma constante tentativa de revisar o passado do Brasil com a justificativa de resgatar de alguma forma o sentimento nacionalista perdido.

O primeiro aspecto na construção do ponto de vista do grupo a se destacar é a questão do patriotismo. Quem estaria destruindo nosso patriotismo? A resposta está logo em seguida, as escolas e a mídia que fazem as pessoas acreditarem que o brasileiro é sem virtude e fadado ao fracasso. Nessa afirmação e no próprio texto não se coloca nenhuma evidência que isso esteja acontecendo efetivamente. Evidencia-se muito mais uma opinião política do que uma constatação.

Construir a realidade de um patriotismo sendo destruído ou desestimulado tem como objetivo separar “patriotas” daqueles são julgados como “não patriotas”, isto é, aqueles que tentam destruir a pátria de alguma forma. Responsabilizar a escola, os profissionais da educação, desconsiderar a veracidade do trabalho das principais

²⁹ Disponível em: <https://jovempan.com.br/videos/programas/panico/brasil-paralelo-explica-documentariosobre-a-ditadura.html>. Acesso em set. de 2022.

mídias é tentar reconstruir um novo ideal de escola, de professorado e de comunicação que saiba falar a língua do que almejam como patriotismo. E para isso é necessário a construção do estudo de um inimigo, saber como identificar este sujeito “não patriota”, fazer uma redistribuição de informações “verdadeiras”, aquelas que seu professor de história não quer que saiba; reconstruir uma nova maneira de se comunicar, com um novo discurso disponível em uma plataforma própria e particular, mas também presente na mídia popular como o YouTube para que haja a possibilidade da democratização desse conhecimento. Tendo assim um aparato de combate contra os sabotadores da pátria e dos valores da nação.

Na continuação da narração afirma-se que ideologias perversas contaminaram o imaginário popular causando danos incalculáveis nos jovens que estão agora perdidos e sem norte. O conceito de ideologia não é apresentado por eles, mas é possível indagar que se refiram à visão de mundo. Quando ao que é nomeado de ideologia perversa, pode-se entender que para eles são as perspectivas de esquerda. A qualificação negativa dada para a ideologia com a palavra *perversa* parece ter sido bem escolhida e pensada pelos integrantes do Brasil Paralelo, pois ela pode ter os sentidos de algo desumano, pervertido ou de pouca qualidade moral, atributos que consequentemente são imputados aos movimentos de esquerda de forma genérica.

Pode-se interpretar que a qualificação negativa atribuída à ideologia se estende de forma comparável àqueles que disseminam, escolas e a mídia, e por consequência todos educadores e profissionais da comunicação, que de forma indireta são associados aos movimentos de esquerda. (CARVALHO; ROVIDA, 2018, p. 4)

O Brasil Paralelo propõe que a justificativa de uma nova geração de jovens perdidos e sem norte se deva à “ideologia” apresentada em sala de aula por educadores supostamente inclinados à esquerda, que apresentam esse ponto de vista pedagógico em suas aulas. Questionam assim também as diretrizes da BNCC – Base Nacional Comum Curricular, já que nós professores somos direcionados a seguir o regimento apresentado em nosso material de sala de aula. Quando apresentam as intenções de ideologização em sala de aula, comprometem-se em dizer que educadores e a mídia global estão equivocados e que as juventudes são subestimadas quando se sujeitam a absorver todo o conteúdo. Para essa problemática vende-se um antídoto:

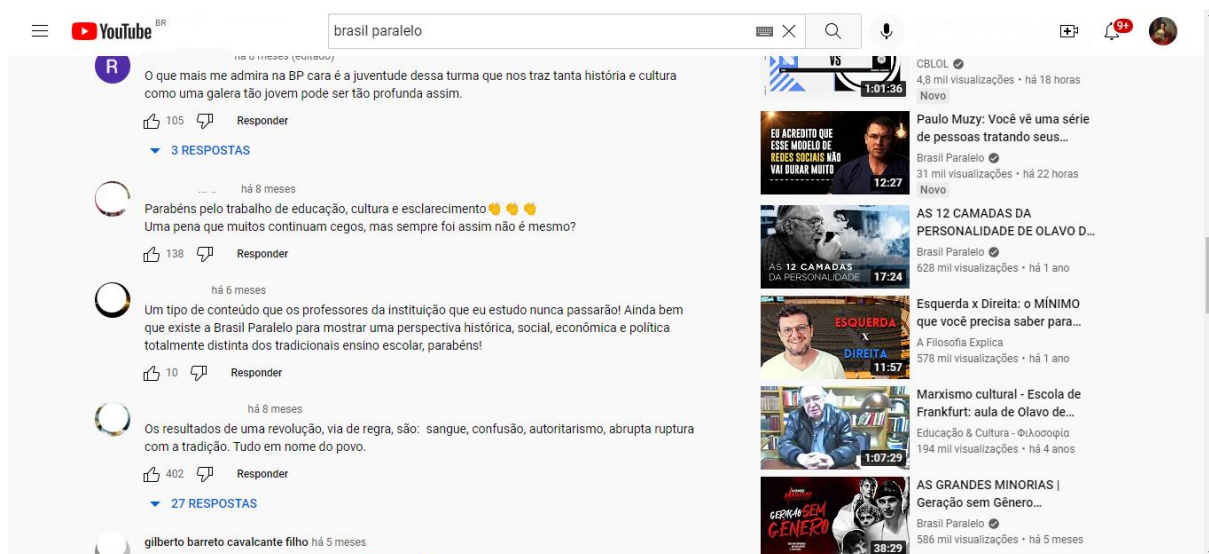
Perante este cenário negativo proposto pelo Brasil Paralelo eles se colocam como agentes de ação positiva. Surgem como aqueles que trazem o “antídoto” contra a destruição do patriotismo e assim seriam os salvadores dos jovens. De certa forma, o “antídoto” se concretiza nas séries produzidas pelo grupo e que são distribuídas em todos os cantos do país, de forma gratuita e que possuem a qualidade positiva de despertar a consciência e o patriotismo de qualquer um. Nesse momento do discurso, em que colocam suas produções audiovisuais como antídoto, o termo utilizado reforça as atribuições negativas à escola e à mídia. A palavra

antídoto pode ser tanto um remédio contra um veneno, uma toxina ou a prevenção contra algo desagradável. Porém, quando se identifica e qualifica a ideologia perversa, como causa do uso do antídoto, não se atribui apenas como prevenção, mas como forma de curar algo que já ocorreu. Essa linha de raciocínio permite dizer que o sentido está mais para veneno e toxina do que uma prevenção a algo desagradável, pois está combatendo e buscando a cura para algo perverso. (CARVALHO; ROVIDA, 2018, p. 5)

Quando em seus vídeos utilizam-se do termo “retomada da nossa verdadeira cultura” implica em sinalizar que não existe uma multiplicidade cultural no Brasil e sim uma única cultura. E que cultura seria essa? Pautada e baseada em que? O forte apelo à cultura europeia presente no sul do Brasil e a recusa a culturas regionais originais para muitos brasileiros é enxergado como pontapé de compreensão de avanço ou estagnação de um país de sucesso. O sentimento nacionalista apresentado nos vídeos do Brasil Paralelo é de uma nação que foi inventada pelos europeus, na transmissão cultural e religiosa. Uma visão reducionista e irresponsável que estimula um discurso de ódio dissimulada, como se estivesse resgatando ou agindo de forma benigna para todos os brasileiros. No contexto apresentado entende-se que a falsa cultura também foi obra das escolas e das mídias.

Na realidade proposta existe um mal que deve ser combatido rapidamente pela gravidade da situação. O Brasil Paralelo estrategicamente universaliza o discurso, convidando o espectador a participar do grupo, porque o que combatem é em benefício de todos. Constrói sua causa simbolicamente como justa e digna de apoio. Ao qualificar metaforicamente as séries como antídoto, indiretamente retifica a mídia e a escola, impondo características que elas não possuem, de envenenar os jovens. O Brasil Paralelo sendo ele um aparelho privado de hegemonia tendo como intenção usar as redes sociais e o YouTube para remodelar a historiografia, radicalizar e contribuir para a perseguição de professores e pela liberdade de cátedra. Nos comentários do vídeo presente no canal no YouTube intitulado “O início da Revolução Francesa e a origem da esquerda e da direita” é possível observar:

Figura XVIII: Lista de comentários no vídeo “O início da Revolução Francesa e a origem da esquerda e da direita”



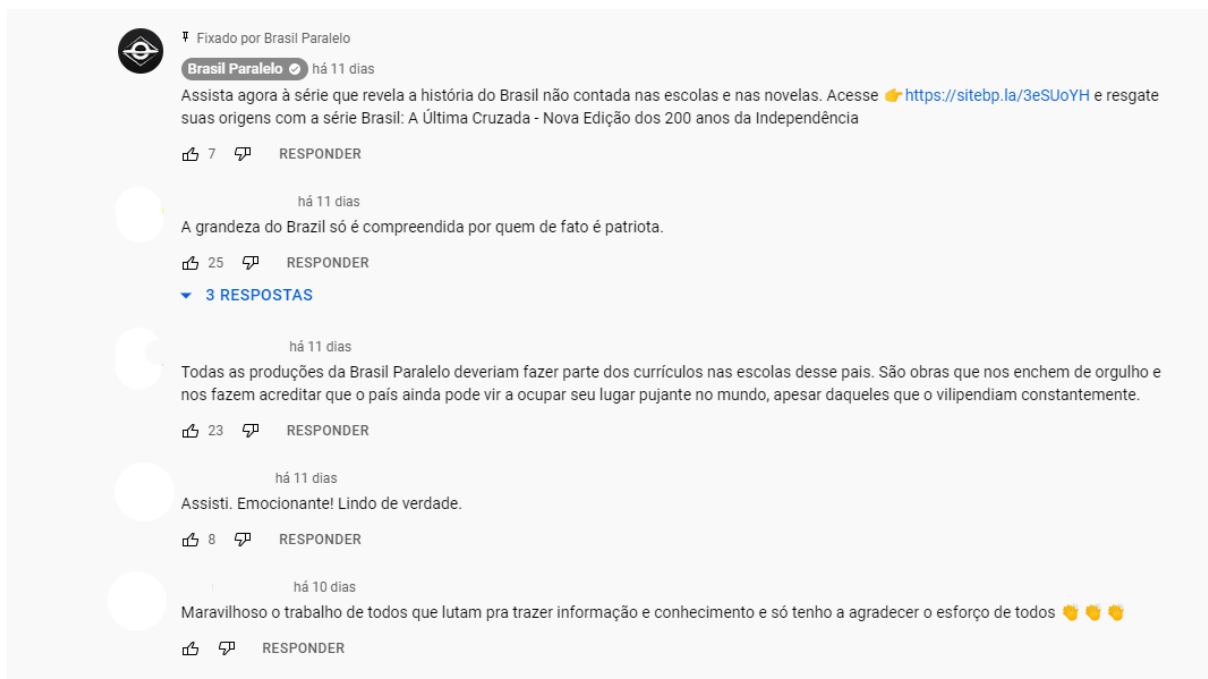
Fonte: Canal Brasil Paralelo, YouTube.

Nos comentários:

1. O que mais me admira na BP cara é a juventude dessa turma que nos traz tanta história e cultura como uma galera tão jovem pode ser tão profunda assim.
2. Parabéns pelo trabalho de educação, cultura e esclarecimento. Uma pena que muitos continuam cegos, mas sempre foi assim não é mesmo?
3. Um tipo de conteúdo que os professores da instituição que eu estudo nunca passarão! Ainda bem que existe a Brasil Paralelo para mostrar uma perspectiva histórica, social, econômica e política totalmente distinta dos tradicionais ensino escolar, parabéns!
4. Os resultados de uma revolução, via de regra, são: sangue, confusão, autoritarismo, abrupta ruptura com a tradição. Tudo em nome do povo.

O Brasil Paralelo tem uma produção muito bem pensada, esteticamente elaborada, muitas vezes zelada pela emoção através da trilha sonora de fundo e efeitos visuais presentes nos vídeos. Uma estrutura cinematográfica em alguns momentos, apelativa e extremamente sedutora e por vezes estimulante, faz o espectador permanecer fixo na continuidade da obra, tomada pela riqueza de detalhes e estética agradável aos olhos. Isso faz com que seu espectador seja captado pela obra pela admiração:

Figura XIX - Lista de comentário no vídeo “A irrealidade dita sobre a história do Brasil”



Fonte: Canal Brasil Paralelo, YouTube.

Nos comentários da figura acima, podemos ler:

5. A grandeza do Brasil só é compreendida por quem de fato é patriota
6. Todas as produções do Brasil Paralelo deveriam fazer parte dos currículos nas escolas desse país. São obras que enchem de orgulho e nos fazem acreditar que o país ainda pode vir a ocupar seu lugar pujante no mundo, apesar daqueles que vilipendiaram constantemente
7. Assisti, emocionante! Lindo de verdade
8. Maravilhoso o trabalho de todos que lutam pra trazer informação e conhecimento e só tenho a agradecer o esforço de todos

Figura XX- Lista de comentários no vídeo: A história do Brasil que a TV e a escola não te contaram



Fonte: Fonte: Canal Brasil Paralelo, YouTube.

A memória da história levantada pelo canal é vista por seus visualizadores um verdadeiro resgate sobre um Brasil heroico, forte, uma história que tem sido subestimada por professores de todos os lugares. Nos comentários da figura observamos:

9. Resgatando os nossos valores culturais!
10. Tenho 14 anos e amo nossa história
11. eu era um q tinha vergonha de falar q era br e n gostava de estudar nossa história pois sabia q ia dar nos corruptos maaas agora eu mudei minha opinião
12. Um dos melhores jornalistas do Brasil, Alexandre Garcia, está divulgando o episódio: "Brasil e a Última Cruzada" com todo entusiasmo patriótico que lhe é singular!
13. Nossa o nova história critica na época da escola eu gostava muito de ler mas hoje quando eu me lembro do que ele escrevia era um negócio quase criminoso
14. Usurar estas informações do povo brasileiro é um ato de destruição de nossa identidade coletiva. Nosso senso de pertencimento e de significado. Em termos sociais, é uma forma de enfraquecer nosso senso de coletividade e integridade coletiva. Realmente, muito triste

O Brasil Paralelo tem feito um trabalho incrível para concretizar o plano de resgate conservador e liberal no Brasil. Um forte tentáculo das mídias, na construção de uma identidade nacionalista, na criação de heróis e esquecimento de importantes aspectos históricos, daquilo que pode correr o risco de nos envergonhar, mas que nos propulsiona a reescrever uma nova história: a pobreza, o racismo, as estruturas

patriarcais identificadas como estopim das relações de força. Se a função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer, Peter Burke nos sinaliza a necessidade de olhar o passado para não o repetir. O Brasil Paralelo, em seu fundamental e engenhoso trabalho midiático de alicerce das novas direitas, deseja arquitetar uma nova compreensão de um passado construído com heróicas histórias fantásticas para a construção de nacionalismo inventado, o trabalho do Brasil Paralelo é lembrar a sociedade daquilo que ela deve esquecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

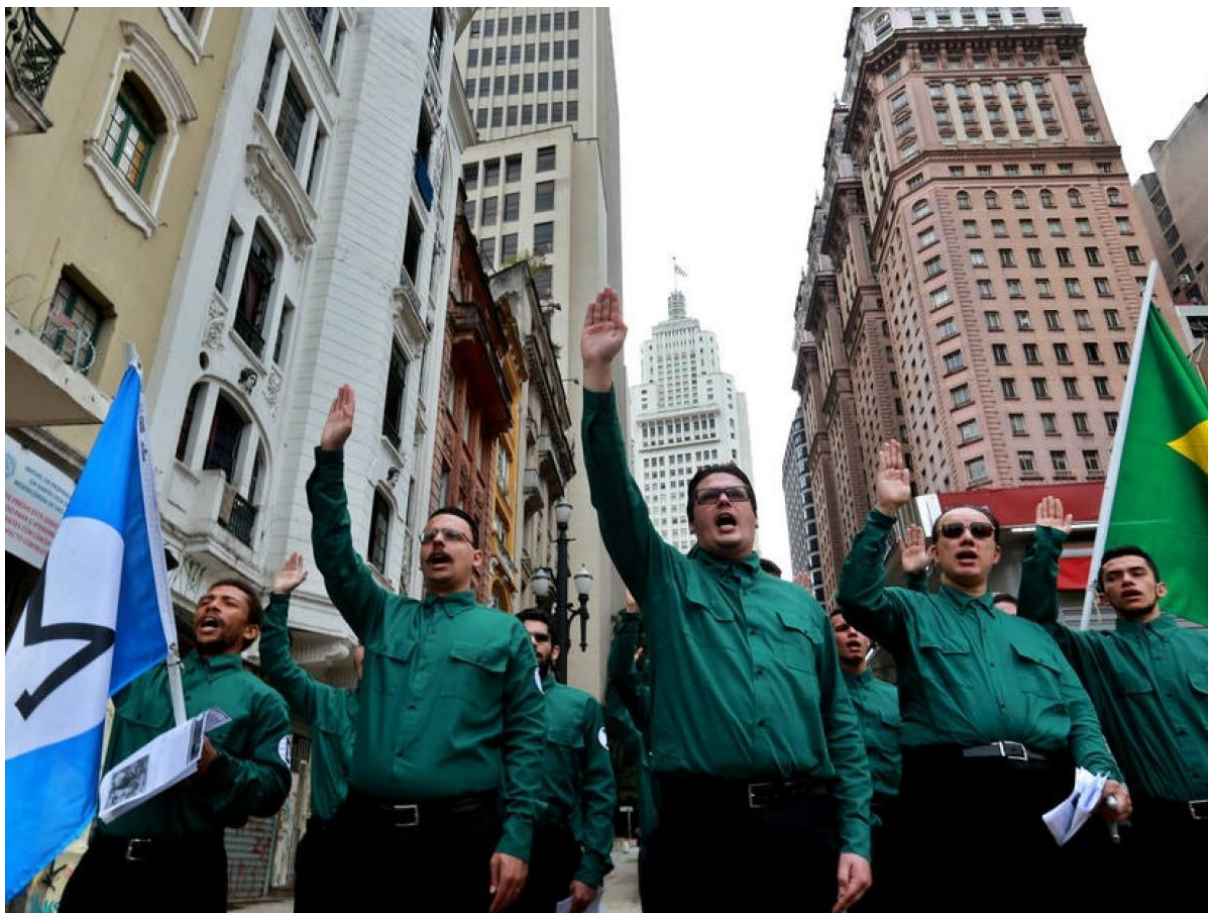
Através da construção de uma ideologia midiática levantada pelas direitas durante os séculos XX e o atual século XXI, procuramos compreender qual o papel das juventudes na construção da organização política e social. A forma como esses agentes sociais contribuem para a escrita de uma nova história enquanto ela está sendo vivida é de uma imensidão.

O movimento das novas direitas não é espontâneo, observamos nas páginas anteriores que o *modus operandi* é orquestrado por distintos aparelhos privados de hegemonia. Existe a construção de uma ideologia ultraliberal e conservadora em curso, produzindo e despertando sentimentos em uma parcela da sociedade pré-condicionada aos ideais conservadores. Aparelhos privados como Mises Brasil, Instituto Milenium, Students for Liberty e Brasil Paralelo contribuem ativamente para a consolidação da retórica das direitas no Brasil.

As manifestações de 2013 pareceu ensinar aos jovens como tomar as ruas, as manifestações de 2015 ensinou como usar as redes com intenção de ação política e as movimentações de 2018 ensinaram o perigo de colocar um presidente fardado de extrema-direita no poder. Atores sociais que vieram à tona de diversos campos: nos movimentos sociais observamos surgir o Movimento Brasil Livre – MBL e “Vem Pra Rua”. Dentro dos movimentos surgiram figuras como Kim Kataguirí, Fernando Holiday e Arthur do Val. Entre jornalistas, Olavo de Carvalho, Rachel Sheherazade, Rodrigo Constantino. Na política, a família Bolsonaro, Marco Feliciano, Joice Hasselmann, Carla Zambelli entre tantos outros. Na religião: Silas Malafaia e o fundamentalismo religioso capitaneado pela bancada evangélica.

Compreendemos que a história que é contada entre os muros das redes sociais está intimamente ligada ao campo político, e que as ferramentas utilizadas por atores imersos na articulação midiática são funcionais. No instante em que um verdadeiro exército virtual (sendo eles robôs ou não) são convocados a cada eco que não seja pertencente a uma retórica das direitas, percebemos que ao pisar em campo inimigo pode-se não ter volta. Têm sido tempos difíceis e sombrios para a democracia brasileira. Enquanto historiadores devemos estar atentos às mesmas ferramentas, compreender como elas funcionam, criar meios para precaver a chegada da antidemocracia. Não subestimar as juventudes, compreender os agentes históricos e suas ferramentas. Durante a escrita dessa pesquisa me deparei com essa imagem:

Figura XXI – Integralistas em passeata em SP (2019)



Fonte: Jornal “O Estadão”. Disponível em: < <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,integralistas-estao-de-volta-e-resgatam-camisas-verdes,70003126265> > Acesso em ago. 2021.

Observar essa imagem foi como atravessar o tempo em segundos, um grupo tendenciosamente fascista andar livremente nas ruas do centro da cidade de São Paulo em 2019 pareceu ser o suficiente para tentar compreender como os movimentos hegemônicos se solidificam. Para Gramsci a mídia deve ser encarada como um aparelho privado, que não é neutro e está a serviço de alguém.

O discurso é uma ferramenta eficaz na elaboração do imaginário, com o discurso articulado e bem fundamentado é possível criar controle sobre o que se acredita, organizar manifestos, construir verdades absolutas:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2012, p. 8-9).

Segundo Foucault, um discurso pode ser conceituado enquanto rede de signos que se conecta a outros tantos discursos – ou a outras tantas redes de discursos –,

em um sistema aberto que tanto registra quanto reproduz e estabelece os valores de determinada sociedade, perpetuando-o.

Neste momento histórico é importante analisar os avanços do discurso da extrema direita progredindo no cotidiano das juventudes e de todos aqueles que estão imersos nas redes sociais, ocupando espaços frente a uma certeza para um futuro incerto e duvidoso. Recrutando pensamentos embasado em formulações rasas e com grande deficiência de consciência histórica.

Nesse contexto, o uso das novas tecnologias, em especial das redes sociais, “revela a peculiaridade da cognição e da socialização de um público que está transformando as relações sociais à sua volta, ao mesmo tempo em que percebe mudança na configuração de suas regras e valores, advindos da interação com as novas tecnologias da comunicação” (VASCONCELOS, 2015, p.112). À vista disso, é clara a interferência das tecnologias da comunicação na formação das juventudes atuais, dessa forma, pesquisar como acontece tal interação e participação dos jovens nesse espaço virtual torna-se importante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Scritta, 1994.
- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 5 e n. 6, p. 25 – 36, maio/dez. 1997.
- ABRAMOWAY, Mirian. *Juventude e Juventudes na realidade do Brasil*. Goiânia: 2006. Disponível em: <http://www.anchietanum.com.br/semana1/julho/segunda/apresentmiriam.ppt> Acesso em: 27 dez. 2020.
- ADORNO, T. W. (2015a). Antissemitismo e propaganda fascista. In T. W. Adorno, *Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise* (pp. 137-151). Editora Unesp.
- ADORNO, T. W. (2015b). A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In T. W. Adorno, *Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise* (pp. 153-189). Editora Unesp.
- ADORNO, T. W. (2019). *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Editora Unesp.
- AIRES, L. O sentido da formação pliniana. In: SALGADO, Plínio et al. *Enciclopédia do integralismo*. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 73-77. v. IX: O integralismo e a educação.
- ALMEIDA, Fábio Chang de. *A serpente na rede: extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: 2008.
- ALMEIDA, Ronaldo. A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo. São Paulo: Cadernos Pagu, n. 50, 2017. Em <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700500001>.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Neoconservadorismo e liberalismo. In: Esther Solano Gallego. (Org.). *O Ódio como Política: a reinvenção da direita no Brasil*. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018, v. 1, p. 27-32
- ALONSO, Angela. *Política das Ruas: Protestos em São Paulo de Dilma a Temer*. Novos estudos CEBRAP. SÃO PAULO, 2017.

ARANTES, P. E. Nova direita surgiu após junho, diz filósofo: depoimento. Revista Folha de São Paulo. Entrevista concedida a Eleanora de Lucena. 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1541085-nova-direita-surgiu-apos-junho-dizfilosofo.shtml>. Acesso em: 25 abr. 2021.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Sob a sombra do Eixo. Camisas-verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2007

BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARROSO, Luís Roberto. 2022. “A Democracia sob pressão: o que está acontecendo no mundo e no Brasil.” CEBRI-Revista Ano 1, Número 1 (Jan-Mar): 33-56.

BERLATTO, Fábila, Codato, Adriano e Bolognesi, Bruno Da polícia à política: explicando o perfil dos candidatos das Forças Repressivas de Estado à Câmara dos Deputados. Revista Brasileira de Ciência Política [online]. 2016, n. 21 [Acessado 2 out. 2021], pp. 77-120. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-335220162103>>.

BERNARDO, João. Labirintos do fascismo: na encruzilhada e da revolta. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

BHABHA, H. (1998). O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG

BOBBIO, Norberto et al. Dicionário de Política. Brasília: Editora UNB, 1998, 11ª edição.

BOBBIO, Norberto. 1994. Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política. 2 ed. UNESP, São Paulo, 2001

BOURDIEU, Pierre. “A juventude é apenas uma palavra”. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 113.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. Por um partido democrático, de esquerda e contemporâneo. Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]. 1997, n. 39 [Acesso em: 10 abril 2022], pp. 53-71. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451997000100005>>. Epub 19 Nov 2010. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451997000100005>.

CARVALHO, P. Roldão; ROVIDA, Mara. Os Movimentos Milenaristas Modernos - Uma Análise Sobre o Discurso da Propaganda Ideológica. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Belo Horizonte, jun. 2018

CALDEIRA NETO, Odilon. Neointegralismo e as direitas brasileiras: entre aproximações e distanciamentos. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v.18, n.1, p. 147-165, 2012.

CAMARGO, G. A. Pensando as manifestações pró-impeachment a partir de Deleuze, Guattari e Reich. QUADRANTI - RIVISTA INTERNAZIONALE DI FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA, v. VI, p. 158-173, 2018.

CARONE, I. (2012). A personalidade autoritária: Estudos frankfurtianos sobre o fascismo. Revista Sociologia em Rede, 2(2), 14-21

CARVALHO, Olavo. O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota. [recurso eletrônico] Organização Felipe Moura Brasil. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2013.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. A nova Direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular. 2018.

CASTELLS, M. (2008). A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra.

CASTELLS, M. Redes de indignação imaginária da sociedade. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTRO, Celso. Uma história cultural do xadrez. Cadernos de Teoria da Comunicação, Rio de Janeiro, v.1, nº2, p.3-12,1994.

CAVALARI, R. M. F. Integralismo: ideologia e organização de um partido de massas no Brasil (1932-1937). Bauru: Edusc, 1999.

CEPEDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. MEDIAÇÕES, Londrina, v. 23 nº. 2, p. 75-122, mai.-ago. 2018

CERTEAU, M. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1982.

CERTEAU, M. de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). História: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

CGI.br. (2021). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros – TIC Domicílios 2020.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. Intelectuais da Nova Direita brasileira: ideias, retórica e prática política. Insight Inteligência nº 82, jan.- mar., 2016

CHARTIER, R. (1996) A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.) Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.

CODATO, A.; BERLATTO, F. BOLOGNESI, B. (2018). “Tipologia dos políticos de direita no Brasil: uma classificação empírica”. *Análise Social*, v. 53, n. 229, p. 870-897.

COUTINHO, João Pereira. Dez notas para uma definição de direita. In: COUTINHO, João Pereira; PONDÉ, Luiz Felipe; ROSENFELD, Denis. Por que virei à direita: três intelectuais explicam sua opção pelo conservadorismo. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

CRUZ, KAYSEL, CODAS (Orgs.). *Direita Volver!* O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Perseu Abramo, 2015

CRUZ, Sebastião Velasco. Elementos de reflexão sobre o tema da direita (e esquerda) a partir do Brasil no momento atual. In: CODAS, Gustavo; CRUZ, Sebastião Velasco; KAYSEL, André (orgs). *Direita, volver!* O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

DANTAS, Bruna S. A. Religião e política: ideologia e ação da “Bancada Evangélica” na Câmara Federal. Tese (doutorado) –Departamento de Psicologia Social, PUC-SP, 2011

DARDOT, P.; LAVAL, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. Mil Platôs, Vol. 3. Rio de Janeiro. Editora 34. 1996.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. O anti-Édipo. Rio de Janeiro. Editora 34. 1ªed. 2010

EATWELL, Rogerand; O’SULLIVAN, Noel (eds.). *The Nature of the Right: American and European Politics and Political Thought since 1789*. Boston: Twayne, p. 18–31. 1992.

ECO, Umberto. O fascismo eterno. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; MESSSENBERG, Debora. Dossiê Um espectro ronda o Brasil (à direita). PLURAL, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.25.1, 2018.

FERNANDES, E.; ROSENO, R. de F. Protesta Brasil: das redes sociais às manifestações de rua. São Paulo: Prata Editora, 2013.

FERREIRA, FERNANDO SARTI; GOMES, ROSA. Teorias do Fascismo. *In*: RODRIGUES, Julian e FERREIRA, Fernando Sarti, Orgs. *Fascismo ontem e hoje*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Maria Antonia Edições, 2021

FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018.

FIALHO, L. M. F. A vida de jovens infratores privados de liberdade. Fortaleza: Edições-UFC, 2015.

FOUCAULT, Michel. A ORDEM DO DISCURSO. São Paulo: Loyola, 2012.

GALLEGO, Esther S. (Org). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018

GUATTARI, F. Micropolítica do fascismo em Revolução Molecular. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985.

GIDDENS, Antony A terceira via. Reflexão sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GIRARDET, R. (1996). Mitos y mitologias políticas. Buenos Aires, Argentina. Nueva Vision.

GOMIDE, A. P. A., & MACIEL, R. M. (2015). O legado da pesquisa the authoritarian personality para o campo da psicologia social. Perspectivas em Psicologia, 19(1), 196-216

GONÇALVES SEVERO, R.; WELLER, W.; CASEIRA ARAUJO, G. Jovens de direita e extrema-direita: posicionamentos políticos no ensino médio. Linhas Críticas, [S. l.], v. 27, p. e36319, 2021. DOI: 10.26512/lc27202136319. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36319>. Acesso em: 06 maio. 2022.

GONÇALVES, LEANDRO PEREIRA; NETO, ODILON CALDEIRA. O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

GROPPO, Luís Antonio. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUATTARI, F. Micropolítica do fascismo. Revolução Molecular: pulsações, políticas do desejo. São Paulo, Brasiliense, 1981.

GUIMARÃES, G. G. e GRINSPUN, M. P. S. Z. Revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade. In: Site da 31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT20-4136--Int.pdf>> Acesso em 06 de dezembro de 2020.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo. Centauro, 2004

HALL, S. (2006). Identidade cultural na pós-modernidade. São Paulo: DP&A

HARVEY, D. O Neoliberalismo: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.

HENRIQUES, Irene de Freitas. Regulamento do Departamento da Juventude Integralista. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude, 1936.

HUNTINGTON, Samuel P. Conservatism as an ideology. *American political science review*, Danton, n. 51, p. 454-473, jun. 1957.

KALIL, I. O. Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, out. 2018.

LIMA, Flavio Ribeiro de. "A ascensão da extrema direita no Brasil." *Revista Percurso* 11.1 (2019): 207-215.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. Tradução de Deni Alfaro Rubbo e Marcelo Netto Rodrigues. *Serviço Social & Sociedade* [online]. 2015, v. 00, n. 124 [Acessado 4 nov. 2020], pp. 652-664. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-6628.044>>. ISSN 2317-6318. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.044>.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das Jornadas de Junho à Cruzada Moral: O Papel das Redes Sociais na Polarização Política Brasileira. Sociol. antropol. Rio de Janeiro, v.09.03: set. – dez., 2019

MAGRANI, Eduardo. Democracia conectada: a internet como ferramenta de engajamento político – democrático. Curitiba: Juruá, 2014.

MAITINO, M. E. (2018). “Direita, sem vergonha”: conformações no campo da direita no Brasil a partir do discurso de Jair Bolsonaro. Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP. 25(1). 92-11.

MALVANO, Laura. O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. História dos jovens 2 – a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MARQUEZ, Allan Cancian; LIMA, Fábio Luiz Malini de. A nova cara da direita no Brasil: um estudo sobre o grupo político MBL - Movimento Brasil Livre. In: SIMPÓSIO DIREITAS BRASILEIRAS, 1., 2017, São Paulo. [Trabalhos apresentados]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017. p. [1-22].

MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. A personalidade autoritária e a teoria da propaganda fascista nas reflexões de Theodor Adorno: uma leitura aproximativa. Novos Olhares, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 127-141, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2021.189621. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/189621>. Acesso em: 15 out. 2022.

MARTINS, Leôncio. (1987) Quem é quem na Constituinte: uma análise sociopolítica dos partidos e deputados, São Paulo: OESP-Maltese.

MAXIMO, Mário. "A relação entre o Neoliberalismo e o Conservadorismo." 2020. Disponível em: <https://enep.sep.org.br/uploads/1273_1583684265_relacao_neoliberalismo_conservadorismo_ID_pdf_ide.pdf> Acesso em: 12 jun 2022

MEDEIROS, J. Breve história das jornadas de junho: uma análise sobre os novos movimentos sociais e a nova classe trabalhadora no Brasil. Revista História & Perspectivas, v. 27, n. 51, 4 fev. 2015.

MESSENERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*, vol. 32, n. 3, Set-Dez., 2017, (pp. 621-647). Doi: 10.1590/s0102-69922017.3203004

MINKENBERG, Michael, The radical rights in Public Office: Agenda – Setting and Policy Effects. *West European Politics*, v. 24, n.4, p.1-21. 2001

MISKOLCI, R. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. *Revista Cronos*, v. 12, n. 2, 4 jun. 2013.

MORAES, Ferreira, Marieta., Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. <i xmlns="http://www.w3.org/1999/xhtml">Revista Tempo e Argumento</i> [en linea]. 2018, 10(23), 80-108.

MORAIS, A. R. A. de. O DISCURSO POLÍTICO DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA NA ATUALIDADE. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 152–172, 2019. DOI: 10.26512/les.v20i1.12129. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/12129>. Acesso em: 21 março. 2022.

NEMER, David. Favela online: o uso das redes sociais pelos marginalizados no Brasil. *Tecnologia da informação para o desenvolvimento*, v. 22, n. 3, pág. 364-379, 2016.

NETO, O. C. Neofascismo, “nova república” e a ascensão das direitas no Brasil. *Conhecer: debate entre o público e o privado*, [S. l.], v. 10, n. 24, p. 120–140, 2020. DOI: 10.32335/2238-0426.2020.10.24.2060. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/2060>. Acesso em: 1 jun. 2022.

OLIVEIRA, L. A. de. Disputa Eleitoral de 2014: As velhas práticas políticas num contexto de novas configurações midiáticas. In: ASSUNÇÃO, A. L. et al. (org.). *As letras da política*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015. p. 185-201. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/7065>. Acesso em: 08 set. 2022.

ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. *Perseu: História, Memória e Política*, São Paulo, n. 11, p. 169-180, 2016. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2017/04/T07Perseu11.ORTELLADOPabloSOLANO.pdf>>.

PARISER, Eli. The Filter Bubble: What the internet Is Hiding from You. Penguin Press 2011

PAXTON, Robert. A anatomia do fascismo. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAYNE, Stanley G. A History of Fascism – 1914-1945. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.

PERONI, V. M. V.; LIMA, P. V. de. Políticas conservadoras e gerencialismo. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 15, p. 1–20, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.15344.070. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15344>. Acesso em: 15 jun. 2022.

RAMONET, I; SERRANO, P. Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ. 2013a, Cap. 4, p. 85-102.

REICH, W. (2001). *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Editora

ROCHA, C. (2018). “Menos Marx, mais Mises”: uma gênese da nova direita brasileira (2006 – 2018) (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, SP.

ROCHA, Camila. Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina, In: VELASCO E CRUZ, S.; KAYSEL, A.; CODAS, G (orgs). In: *Direita Volver*. Fundação Perseu Abramo. São Paulo/SP, 2015.

ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. *Antíteses*, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/2704/3929>. Acesso em: 15 set. 2022

ROUSSEAU, J.J. Emílio, ou Da Educação (Livro Primeiro). São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SACHSIDA, Adolfo. Quem é a nova direita? O que ela pensa? E por que os “intelectuais” a temem tanto? Instituto Liberal, 2017. Disponível em: <http://www.puggina.org/artigo/outrosAutores/quem-e-a-nova-direita-o-que-ela-pensa-e-por-q/9308>

SAKAMOTO, L. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: CIDADES Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013, p. 92 -98.

SALGADO, Plínio. A doutrina do sigma. São Paulo: Verde Amarelo, 1935.

SALGADO, Plínio. Palavra nova dos tempos novos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

SANTANA, de Santos Márcio. O integralismo, as novas gerações e o problema da consciência histórica. Revista Esboços, Florianópolis, v. 18, n.26, p. 213-232, dez. 2011.

SANTANA, Márcia Santana. O integralismo, as novas gerações e o problema da consciência histórica. *Esboços, Florianópolis*, v.18, 2011.

SANTORUM, Andrelise Gauterio. Fascismo à brasileira: Juventude e Imprensa como instrumentos de doutrinação da Ação Integralista Brasileira (1932 – 1937). 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, PUCRS.

SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos et al. Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”: “Brasil paralelo” e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020). 2021.

SCRUTON, Roger. Conservadorismo: um convite à grande tradição. Tradução de Alessandra Bonrruquer. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2021

SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê! Revista Brasileira de História [online]. 2005, v. 25, n. 50 [Acessado 09, setembro 2022], pp. 61-95. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882005000200004>>. Epub 17 Mar 2006. ISSN 1806-9347. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882005000200004>.

SILVA, Vini Rabassa da; SILVA, Roselani Sodrê da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. Caderno CRH, v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011.

SINGER, A. A reativação da direita no Brasil. SciELO Preprints, São Paulo, p. 1-32, 11 jan. 2021.

SOUZA, Vitória Teixeira.; DINIZ, Tânia Maria Ramos de Godoi. DE JUNHO DE 2013 À EXTREMA DIREITA REPRESENTADA PELO BOLSONARISMO: a relação entre os rumos políticos do Brasil e as redes sociais. In: X Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2021, São Luiz/MA, Anais da X JOIPP. Disponível em: <

http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/images/trabalhos/trabalho_submissao_Id_376_376612d4dd56c711.pdf> Acesso em: 20 set. 2022.

SPOSITO, M.P. Apontamentos para a discussão sobre a condição juvenil no Brasil. São Paulo, SP, 2003.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em Educação. Revista Brasileira de Educação, n. 5 e n. 6, p. 37 – 52, maio/dez. 1997.

TATAGIBA, L. “Entre as ruas e as instituições. Os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff”. *Lusotopie*, vol. 17, nº 1, p. 112-135, 2018.

TRAVERSO, Enzo. Las nuevas caras de las derechas. Buenos Aires: Sigilo Veintiuno Editores Argentina, 1ª ed., 2018

TRINDADE, Helgio. Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de Trinta*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974.

UNESCO (2004). Políticas públicas de/para/com juventudes. Brasília: UNESCO.

Waiselfisz, J. J. (2004). Relatório de desenvolvimento juvenil 2003. Brasília: UNESCO.

VASCONCELOS, I. S. O.A participação dos jovens em redes sociais virtuais: aspectos de uma experiência social. In: SOUSA, C. A. M. (Org.). Juventudes e tecnologias sociabilidades e aprendizagens. Brasília: Liber Livro, 2015.

VEGH, S. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M. D. (ed.). Cyberactivism: online activism in theory and practice. London: Routledge, 2003. p. 71-95.

FONTES DE PESQUISA

Blogs:

História do Partido de Representação Popular. Disponível em: <<https://historia-do-prp.blogspot.com/>>

Peródicos:

Revista Ilustrada Anauê (RJ)-Período Pesquisado: 1935- 1937

Jornal A Offensiva (RJ) – Período pesquisado: 1935 - 1936

Jornal Acção (SP) – Período pesquisado: 1936 - 1937

Fanpages (Facebook)

Iconografia integralista. Disponível em:

<https://www.facebook.com/people/Iconografia-integralista/100063624367261/>

MBL – Movimento Brasil Livre. Disponível em:

<https://www.facebook.com/mblivre>

Juventude de Direita com Bolsonaro. Disponível em:

https://www.facebook.com/JuventudeDireitaOficial/?ref=page_internal

Movimento Endireita Brasil. Disponível em:

<https://www.facebook.com/endireitabrasil>

Jovens de Direita. Disponível em: <https://www.facebook.com/jovensdedireita>

Canais (Youtube)

Brasil Paralelo. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/BrasilParaleloOficial>

Vídeos acessados:

Escola nova, marxismo e a educação Brasileira. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ZN-yDmvP8ks&ab_channel=BrasilParalelo

A irreabilidade dita sobre a história do Brasil. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=upDbKi4iX4Q&list=PL3yv1E7liXyRjo6KHqhl8EE5IXfcyWU_h&ab_channel=BrasilParalelo